Além-Mar

O amor supera o ódio

Camila Porto de Ataíde Forner
e Ilson Roberto Forner

Ditado pelos espíritos da Colônia Recanto de Irmãos.

Campanha:

Leia estude e divulgue as obras da lavra mediúnica do médium Chico Xavier.

ALÉM-MAR (o amor supera o ódio).

CAMILA PORTO DE ATAÍDE FORNER
ILSON ROBERTO FORNER
Ditado pelos espíritos da Colônia Recanto de Irmãos.

Publicação digital
1ª edição, maio de 2019.
São Paulo – Brasil

Copyright © Todos os direitos desta obra são reservados aos autores que autorizam reproduções desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
FORNER, CAMILA PORTO DE ATAÍDE.
FORNER, ILSON ROBERTO
ALÉM-MAR (O amor supera o ódio)
256 p. 14 x 21 cm
1. Espiritismo
Forner, Camila Porto de Ataíde *et* Forner, Ilson Roberto. II Título

Ilustração da capa: Rodrigo Felix da Cruz

Revisão: Rodrigo Felix da Cruz

espiritismoativo.weebly.com

ALÉM-MAR
(o amor supera o ódio)

CAMILA PORTO DE ATAÍDE FORNER

ILSON ROBERTO FORNER

Ditado pelos espíritos

da Colônia Recanto de Irmãos.

Caro leitor,

Com muita alegria apresento mais um trabalho coletivo de nossa Colônia Recanto de Irmãos, o Romance ALÉM-MAR, uma história verídica cujo teor moral nos ensina que “somente o amor supera o ódio”.

Em outra obra de nossa inspiração, DA FRANÇA COM ESPERANÇA, tivemos o ensinamento que somos libertos pelo perdão e trabalho edificante.

Em ALÉM-MAR, nossa equipe espiritual compartilha a receita para conseguir perdoar o mal que recebemos: a superação do ódio pelo amor.

Ademais, enquanto nós nos detivermos em vibrações de ódio, mágoa e rancor, continuaremos presos aos grilhões de nossos vícios morais e ligados a irmãos menos esclarecidos do plano espiritual.

Quando mudamos de atitude, e adotamos atitudes de amor em nossas vidas, conseguimos nos libertar das paixões, cultuar as virtudes e elevar nosso padrão vibratório, granjeando assim, melhores companhias espirituais.

Assim, nos tornaremos seres, felizes, saudáveis e plenos.

Abraços fraternais.

César Hanzi.
Colônia Recanto de Irmãos
(Mensagem psicografada pelo médium Rodrigo Felix da Cruz em 20 de maio de 2019)

Capítulo 1 – Desembarque nas terras do além-mar

Ao chegar em um lugar desconhecido, depois de 2 dias à deriva no mar protegida por um pedaço de madeira, o pranto rolou copiosamente quando vi o barco afundar e saber que meu marido amado Joaquim estava trancado dentro do porão sem a mínima chance de sobreviver.

Também me preocupava com meu pai e meu filho do outro lado daquele mar, pois não sabia se sobreviveriam ou seriam exterminados por aquele louco.

A agonia era grande, a vontade de pular do penhasco também era grande, adormeci em um sono profundo, não sei quanto tempo dormi.

Acordei com o barulho das ondas batendo nas pedras e as gaivotas gritando sobre mim.

A fome e a sede, tomou conta de meu corpo, o tremor era grande, onde eu estava? Que lugar era aquele?

Ouvia histórias de índios perigosos que matavam brancos pelo simples prazer em matar, homens brutos e condenados, igual meu marido que foi condenado, eles eram trazidos para estas terras para morrerem e aqui viviam como selvagens, piores que os nativos da região.

Eu tinha que seguir em frente, parecia que eu estava sozinha, e com fé em Deus ele me ajudaria.

Esqueci minha dor e comecei a ver melhor o lugar, onde eu estava era uma imensa praia cercada por montanha.

Onde eu estava havia muitos pássaros e animais que eu nunca tinha visto passavam a todo tempo em minha volta, alguns com um colorido maravilhoso, pairavam sobre os céus e seus cantos uma sinfonia, parecia canções para os deuses.

Flores para todos os lugares uma mais bonita que a outra, o cheiro que exalavam, fazia meu corpo revigorar.

Vi uma árvore com frutos que eu não conhecia, eram frutos amarelos vi muitos pássaros fazendo um verdadeiro banquete, meu pai sempre dizia que para saber se um fruto é bom para nós é só observar se os pássaros e animais comem. Caso positivo, poderemos comer que não fará mau, essas lembranças me deram a certeza que daquela árvore os frutos seria saudáveis.

Após comer muitos frutos, continuei minha caminhada, vi que de uma das montanhas descia um rio e que formava uma cachoeira, segui em sua direção, sua água era muito gelada e saborosa, muitos peixes nadavam em uma espécie de lago, eu pude saciar a sede e tomar um demorado banho.

A fartura de peixes era imensa e pegá-los era muito fácil, consegui pegar alguns com minhas próprias mãos.

Enquanto eu procurava pegar os peixes encontrei uma pedra pontiaguda de aproximadamente uns 15 centímetros, brilhante e transparente achei muito bonita e tinha a certeza que me ajudaria a limpar os peixes.

Meu pai era um ferreiro de profissão e com muita experiência para fazer fogo, aprendi muito com ele e fazer fogo foi fácil, parecia uma brincadeira simples.

Lembrei-me de meu pai ensinando meu filho a fazer fogo, ele ficava sentado ao lado dele com uma madeira seca e pedia para Arthur esfregar outra madeira do outro lado até que elas aqueciam e o fogo surgia, meu filho adorava aquilo e ria muito quando o fogo surgia.

Com facilidade produzi fogo e com o a pedra brilhante limpei os peixes e coloquei para assar, me alimentei para poder estar fortalecida.

Não sabia o que fazer. A única certeza que eu tinha era que precisava retomar minhas forças. Naquele lugar eu não teria problemas para comer e nem beber porquanto a fartura era grande, estava em um paraíso apesar de minha tristeza.

Ajudei na construção do lugar onde meu pai produzia suas ferramentas, foi uma época de muita alegria. Meu pai pedia que buscasse barro da beira do rio e que ficasse pisando nele por algum tempo. Misturávamos capim e folhas com galhos entrelaçados e íamos colocando o barro entre eles e assim as paredes foram crescendo e no final ele fez uma cobertura com uma planta chamada de sapé.

Eu tinha em minha volta um rio madeiras em fartura, não tinha sapé, mas uma árvore grande que seus galhos dariam uma boa cobertura eu somente precisava começar a construir minha casa.

Disposição era coisa não me faltava, minha mãe morreu no meu parto, por isso, desde de criança ajudava meu pai em tudo e ele tudo me ensinava. Assim, estava decidida que começaria logo cedo a construção.

Aquela noite foi noite de lua cheia e o céu era estrelado, adormeci.

Barulho de cavalos e gritos. Homens com escudos e longas espadas cercavam o lugar, destruíam e incendiavam tudo que encontravam.

Um deles gritava com muita ira:

_Queimem tudo, prendam todos eu quero Joaquim! Esse infeliz tem que pagar por tudo que fez!

Acordei assustada e vi a lua e as estrelas que estavam lá a me iluminar. Era somente um outro pesadelo, lembranças dos momentos que nossa vila foi destruída pelo senhorio, o dono das terras

Joaquim fora acusado injustamente pela morte do irmão de Francisco e ninguém nunca provou que ele havia cometido o crime. O senhor Francisco, mesmo sem nenhuma prova, conseguiu a condenação de Joaquim e pediu ao Rei de Portugal que ele fosse enforcado em Praça Pública.

Era novamente o mesmo pesadelo de sempre, o restante da noite fiquei acordada com medo de um novo pesadelo.

O dia começou a clarear o canto dos pássaros, o nascer do sol, tudo era muito lindo, somente minha tristeza era a mesma.

Perdi meu Pai, meu filho e meu amado por causa de um louco que nunca compreendeu minha rejeição em não querer casar-me com ele, ele não compreendia que meu coração pertencia a Joaquim.

Comecei cedo a construção de minha nova morada. Com a pedra que eu tinha encontrado no rio cortar os galhos e cipós era bem mais fácil.

Não sei quanto tempo se passou para construir, foi bom pois me esqueci dos problemas. Minha concentração era em terminar, no final tudo fico muito bonito e aconchegante.

Cada dia eu explorava um pedaço daquele lugar maravilhoso e cada dia era uma descoberta diferente, não vi nenhum vestígio de pessoas ou índios, nem restos do navio naufragado eu encontrei.

Somente os pesadelos que sempre estavam presentes para me assombrar.

Certa noite, na qual eu não havia dormido direito, estava sonolenta quando percebi uma luz muito forte entrar pela porta da minha cabana envolvendo todo o ambiente, no primeiro momento confundi com a luz da lua.

Essa luz foi se aproximando de mim e repentinamente uma figura de mulher se formou. Naquele momento, eu não sabia se era uma realidade ou sonho.

Não se assuste minha filha não vou te fazer mal algum.

Reconheci que aquela figura era igual a uma pintura que meu pai tinha de minha mãe.

—Madalena fique tranquila sou sua mãe sim.

A emoção invadiu todo o meu corpo, como poderia ser minha mãe, eu não a conheci, mas a certeza era cada vez maior, era minha mãe, como aquilo era possível, minha mãe morreu quando eu nasci.

—Minha filha a morte não existe, tudo é uma simples passagem.

—Mãe não compreendo o que está acontecendo?

—Fique calma, agora estarei com a permissão de Jesus orientando os seus passos.

Acordei assustada, compreendi que tudo era apenas um sonho.

Os dias se passaram, a lembrança daquele sonho era presente em meu dia a dia, o que poderia ter sido aquilo.

Capítulo 2 – Conhecendo a vila, Francisco e Joaquim

A lembrança do passado em vários momentos trazia-me tristeza.

Eu e meu pai fomos fazer a entrega das mercadorias encomendadas para o senhor Francisco. Seria a primeira vez que eu sairia do sítio onde morávamos para ir até a vila. Para comemorar meu aniversário meu pai prometeu que com a venda das espadas que fez para o senhor Francisco ela compraria um lindo vestido para mim.

Eu estava irradiante, meu pai nunca tinha permitido que eu saísse de nosso sítio e aquela seria a primeira vez e ainda por cima eu ganharia um vestido novo, meu pai dizia que meus olhos azuis estão mais azuis, isso tudo é alegria e que pareciam dois faróis iluminando nosso caminho.

Rimos muito, meu pai não era muito de brincar aquele dia ele também estava feliz.

Era verdade seria um dia especial, este era meu pensamento, conhecer a vila, o castelo do senhor Francisco e conhecer as pessoas que moravam em outros lugares, seria ótimo.

Eu observava tudo com muita curiosidade e fazia várias perguntas ao meu pai que com toda a calma explicava tudo.

Nosso sítio foi ficando ao longe, estrada de pedra, a vegetação ao redor não era grande, pequenas flores, alguns pássaros cruzavam nossos caminhos.

Andamos por aquele caminho cerca de duas horas e a paisagem era sempre a mesma. Ao longe avistei uma grande construção de pedra com grandes torres, um muro alto cercava tudo, o castelo e algumas construções ficavam ao redor do castelo. Meu pai explicou que o castelo é do senhor Francisco, dono de todas estas terras e que as pequenas construções em volta eram destinada aos fiéis servidores dele.

Na parte interna do castelo também existiam pequenas construções destinadas aos soldados que faziam a segurança do senhor Francisco, situadas em volta de uma praça.

Meu pai falou, esta é chamada Praça de São Pedro onde uma vez por mês os portões são abertos e nos trazemos nossas mercadorias para serem comercializadas, a maioria das vezes trocamos as que temos por outras que precisamos e uma parte das mercadorias temos que dar ao senhor Francisco que é dono de todas as terras, somos simples colonos, esta é forma de pagarmos os impostos que ele estabelece para cada um de nós de acordo com o seu entendimento.

—Pai isso não é justo, vocês têm todo o trabalho e ele fica com a maior parte.

—Minha filha ele é dono de tudo e essa é a condição.

—Pai quem é esse senhor Francisco?

—Ele é herdeiro único de seu pai por ser o filho mais velho e outro filho ficou com uma pequena propriedade próximo ao nosso sítio.

O senhor Herculano Pai de Francisco era um homem bom e justo com todos os seus colonos, pagava pelas mercadorias que encomendava, permitia que fizéssemos as trocas sem nada querer com pagamento de impostos.

Com a morte de senhor Herculano tudo mudou, Francisco herdou as terras sem nenhum esforço.

No velório todos os colonos e senhores feudais vieram trazer homenagens aos senhor Herculano, após a cerimônia e o cortejo final, senhor Francisco reuniu dos todos os colonos e informou as novas regras do comércio e sobre a cobrança dos impostos.

O comércio não seria livre, aconteceria somente na primeira quinta-feira do mês, todas as mercadorias seriam tributadas em um terço.

A revolta foi grande entre os colonos, um deles foi tirar satisfações de uma forma mais agressiva e o senhor Francisco sem titubear sacou sua espada e disse que se não estivess de acordo, era para ele pegar suas coisas e partir de seus domínios. O silêncio foi geral, todos abaixaram as cabeças com medo se acontecer algo com eles, então, o senhor Francisco disse:

—A partir de hoje estas são as regras e quem não estiver satisfeito que deixassem minhas terras de imediato!

Ficamos sabendo que alguns fizeram isso, ajuntaram tudo que puderam colocaram em suas carroças e partiram.

—Assim foi minha filha pagamos os impostos sobre tudo que comercializamos e as mercadorias que ele precisa nos paga o que bem entender.

—Papai o senhor nunca me contou isso e por que continuar a troca de suas mercadorias aqui e não fazer em outro lugar?

—Madalena ele é dono de tudo, um dos aldeões tentou fazer isso e o senhor Francisco simplesmente quando soube, colocou fogo em tudo que ele havia construído e mandou que o aldeão e sua família partissem sem nada levar.

—Papai porque não procuramos outras terras para viver?

—Filha o medo do desconhecido assusta mais do que fantasmas.

Não compreendo o que o senhor quer dizer?

—Um dia minha filha, um dia você vai compreenderá

—Bom dia senhor Manoel

—Bom dia Joaquim

Fiquei atordoada, nunca tinha visto um homem tão bonito, quando aquele Joaquim colocou seus olhos fixos nos meus parecia que eu já o conhecia a muito tempo uma sensação boa e ao mesmo tempo uma sensação estranha tomou conta de mim, porque eu estava daquele jeito nunca eu o tinha visto.

—Senhor Manoel, quem é essa princesa?

—É minha filha Madalena, Maria de Madalena

—Maria de Madalena estou encantado com sua beleza.

Joaquim pegou em minhas mãos e deu um beijo, a emoção foi enorme, parecia mesmo que eu já o conhecia a muito tempo, seu sorriso, seu olhar, nada me era estranho.

Meu pai falou que eu estava lá para ganhar um vestido de presente de aniversário.

Joaquim sorriu e me desejou muitas felicidades, meu pai foi seguindo para o castelo e Joaquim foi distanciando-se de nós. Eu seguia Joaquim com meu olhar até ele ficar distante.

Seguimos em direção ao castelo e tudo para mim era novidade, cada aldeão apresentava sua mercadoria em volta da praça e lá mesmo cercado por soldados armados com espadas e lanças, na praça comercializavam de tudo.

Fomos saindo da praça e atravessando as pequenas construções e o castelo foi ficando visível. Ele era muito bonito cercado por um jardim e árvores, o problema era que tudo estava bem destruído, então comentei com meu pai que coisa ruim era ver um jardim daquele jeito.

Na época o senhor Herculano era vivo o jardim era glamoroso com muitas flores, pássaros e as árvores bem tratadas, senhor Francisco mandou o jardineiro e sua família para longe do castelo.

Meu pai parou a carroça e dois soldados se aproximaram, um aparentando uns 60 anos olhar baixo, com uma cicatriz no rosto, sua fisionomia triste me dava arrepios.

Com o outro homem foi pior, senti um pavor horrível um medo invadiu meu corpo comecei a tremer de medo.

Homem alto, seu olhar transmitia ódio, carregava em suas mãos um chicote que ele batia o tempo todo em suas botas.

Me olhou fixamente e isso me causou mais medo ainda.

—Bom dia senhor Francisco.

—Trouxe minhas espadas?

Meu pai desceu da carroça, eu fique com minha cabeça baixa o tempo todo, a medida que aquele homem olhava para mim mais medo eu sentia.

—Como assim trouxe somente 12 espadas! — um grito que mais parecia um uivo de lobo saiu da boca daquele homem.

—Eu encomendei 20 espadas e não 12, está me desafiando? Eu tenho que fazer as entregas ao conde de Rochdale.

—Não de forma alguma, e que acabou minha matéria prima somente deu para fazer estas 12 — respondeu meu pai.

—Desculpas, desculpas sempre desculpas seu incompetente.

Deu um grito e deferiu uma chicotada no rosto de meu pai.

Fiquei paralisada e comecei a chorar.

Você tem 15 dias para completar a sua encomenda ou vai se arrepender pela sua desobediência e não vai receber nada e suma daqui agora antes que eu faça coisa pior, suma daqui.

Meu pai com o rosto sangrando descarregou as espadas, quando subiu na carroça que eu vi o tamanho do corte e quanto sangrava, aquele homem lá estava parado, olhei diretamente para ele com todo o ódio que eu pude meu olhar foi como um raio em sua direção, no mesmo instante o asqueroso homem olhou em minha

direção eu percebi que ele ficou cambaleante dando um passo para trás e escorou em seu soldado.

A minha presença causou um grande mal-estar na naquele homem.

Partimos para a praça, peguei meu lenço e coloquei no rosto de meu pai e disse:

—Este homem é um monstro!

—Não ligue minha filha, o senhor Francisco é assim mesmo não gosta de ser contrariado, ele tem ódio puro em seu coração...

—Pai minha vontade foi de pegar uma das espadas e gravar no coração dele.

—Filha nunca faça isso ele é um ótimo espadachim te mataria sem esforços, filha temos de ter calma e paciência e perdoar nossos inimigos.

—Perdoar? Nunca vou perdoar este homem.

—Filha como ele não pagou não terei como comprar seu vestido e a mercadoria que tenho terei que trocar em matéria prima para confeccionar o restante das espadas.

—Papai não se preocupe isso não é importante.

Chegamos na praça pai fez as trocas das mercadorias pela matéria prima que precisava para assim poder terminar a encomenda, seu olhar era triste, não pela chibatada que havia tomado, mas por não ter comprado o vestido prometido.

—Senhor Manoel já está de partida, perguntou Joaquim.

—Sim temos que partir a viagem é longa.

—O senhor não pôde comprar o vestido, fiquei sabendo o ocorrido com o vilão do Francisco. Nós também não nos damos bem, procuro ficar o mais longe possível dele, tenho grande amizade com o Juvenal irmão dele, eu também desejo que ele morresse, uma pena o pai não ter feito o testamento deixando tudo para Juvenal as coisas seriam diferentes.

—Não fale assim Joaquim tudo é como tem que ser, faz parte da vida, um dia ele pagará por toda esta tirania.

—Madalena não fique triste e não pense que vai embora sem ganhar o seu vestido aqui está, espero que sirva e você goste, isso é se o senhor Manoel não se importar que eu dê este presente.

-Não Joaquim, não me importo.

—Não posso aceitar este vestido.

—Por que não gostou?

—Ao contrário é lindo.

—Então minha filha pode aceitar sim.

—Aceite é um prazer te dar esse presente, para mim parece que já é um de vários que já te dei— disse Joaquim.

Olhei para Joaquim e novamente a sensação de que o conheci a muito tempo fui grande, agradeci pelo presente.

Meu pai falou:

—Joaquim não tenho como te agradecer.

—Madalena somente precisa agradecer dando um belo sorriso.

Fiquei acanhada, aquele homem despertou uma emoção que eu nunca tinha sentido e era uma alegria imensa, dei um sorriso.

—Que lindo sorriso não vou esquecer jamais, senhor Manoel se o senhor autorizar e Madalena permitir poderei fazer uma visita um dia desses e ajudar na confecção as espadas.

—Se papai não importar para mim será uma honra.

—Sua ajuda será bem-vinda.

Capítulo 3 – Adaptação as terras do além-mar e chegada ao quilombo

Eu já estava a muito tempo naquele lugar, minha cabana cada dia ficava mais confortável, os pesadelos do passado davam lugar a sonhos maravilhosos com minha mãe, mesmo que eu não a conhecera em vida.

Era como nunca tivéssemos nos separado, ela durante os meus sonhos falava que só o amor e o perdão superam o ódio. Nos sonhos encontrava-me com meu pai e Arthur, somente não encontrava-me com Joaquim, quando recebia suas claras orientações de como eu deveria proceder. Depois, eu acordava com toda a lembrança e sempre seguia suas orientações.

Aquele lugar era um verdadeiro paraíso, tudo que precisava encontrava, água e comida eu tinha à vontade, com tudo a dor no coração era grande, por ter deixado meu pai e meu filho para seguir com Joaquim naquele fatídico navio.

Com certeza Joaquim não teria sobrevivido, preso inocentemente no porão da caravela, muitos que estavam na parte de cima tinham morrido, muitos corpos passavam por mim quando eu estava à deriva.

Eu estava muito triste com as lembranças o que será que havia acontecido com meu pai e Arthur após nossa partida. Francisco era um louco, poderia ter feito muitas maldades, a tristeza me abateu de uma forma que em soluços fui dormir r durante meu sonho novamente tive a presença de minha mãe.

—Filha agora que já está recuperada é hora de partir e seguir sua viagem e retomar sua vida.

Aquele sonho me perseguiu por vários dias, ela pedia que eu deixasse tudo para trás ajuntasse algumas coisas e seguir na direção do pôr do sol.

Eu relutava em sair estava segura ali, achava eu.

Em uma noite ainda não tinha dormido direito senti minha mãe se aproximar, sua luz era imensa tomava conta do lugar.

—Filha já ficou aqui muito tempo, não poderá por causa do seu medo em seguir a diante ficar aqui sua vida toda, tenha coragem, vença seu medo, o medo em muitas vezes não permite que possamos tomar decisões, faz com que fiquemos estagnados, Jesus te ampara em sua jornada o que está passando é só o começo, muitas pessoas entrarão em sua vida e te ajudarão a retomar seu rumo e te ensinarão a prática do amor e do perdão!

Acordei decidida a seguir em frente, se meu destino não estava ali, então eu deveria ir ao encontro dele.

Pelo caminho, os alimentos e água eram abundantes, após vários dias andando por uma trilha natural que eu havia encontrado na

saída da praia, avistei no final de um vale uma pequena fumaça subindo entre as montanhas, era a mesma visão de meus sonhos, não tive dúvidas esta era a direção que eu precisava seguir, após vários dias seguei o local.

A primeira construção que avistei era idêntica à construção que eu tinha feito, paredes de barro com cobertura de galhos e folhas, quanto mais me aproximava outras construções iam aparecendo um total de 7 cabanas.

Um pequeno rio cortava o lugar, plantações de mandiocas e hortaliças, pés de frutas circulavam o vilarejo, algumas galinhas e galos ciscavam no terreiro.

Tudo parecia deserto e desabitado o que me causou estranheza, se era desabitado que fumaça era aquela me serviu de rumo? Parecia que os moradores foram embora deixando tudo para trás.

Em um fogão feito de barro e havia pedras no fogo com uma panela de barro em cima dela. Na panela havia carne cozida e ao lado havia outra panela com farinha de mandioca, que lugar estranho pensei eu cadê os moradores porque fugiram?

—Ficaram com medo de mim? Será que eu estou sonhando novamente?

Já era quase noite e eu estava cansada e com fome, não resisti peguei uma vasilha e me alimentei, e que comida maravilhosa, um tempero que eu nunca tinha experimentado, repeti por duas vezes.

Após a refeição o cansaço tomou conta de mim, entrei em uma das cabanas e deitei em uma esteira no chão, não sei quanto tempo dormi, despertei já era dia claro, sai da cabana e dei de cara com

um casal sentado em um tronco de árvore. Fiquei assustada, a mulher já com idade aproximada dos 60 anos e um homem com idade aproximada dos 30 anos, pele negra, a mulher já com muitos cabelos brancos, o homem forte físico avantajado — quem são vocês? Perguntei assustada.

—Calma fia respondeu a negra de cabelos brancos, semblante cansado e com cicatriz no lado esquerdo do rosto.

O outro negro logo falou:

—Sinhá não vamos fazer mal algum.

—Tome este caldo sinhá, ofereceu a mulher.

Aceitei e foi um ótimo caldo eu nunca havia experimentado algo igual.

Para puxar conversa perguntei de que é esse caldo maravilhoso.

Os dois sorriram:

—A sinhá fala nossa língua, que bom, este é um caldo de feijão andu com peixe.

—Que delicia, meu nome é Madalena e vocês como chamam?

—Laércio! —respondeu o homem.

—Eu me chamo Maria!

—Maria! Foi meu espanto eu também me chamo Maria, Maria Madalena.

Demos um gostoso sorriso, mais calma e me sentindo protegida, perguntei somente moram vocês dois aqui? Quando cheguei não vi ninguém e agora vocês estão aqui.

—Não sinhá somos em 20 negros moradores desta terra de negros fujões.

—Como assim negros fujões? E cada os demais? Que crime vocês cometeram para ser fujões?

—Nosso crime perante os brancos é de sermos negros sinhá, os demais estão escondidos com medo.

—Como assim ser negros é cometer crime?

Nessas terras sim, respondeu Laércio o simples fato de ser negro aqui é ser raça impura, é ser escravos dos brancos e somos tratados como bichos sem alma...

—Os que se esconderam não sabiam se a sinhá estava sozinha ou tinha capitães do mato junto.

—Capitães do mato, como assim — perguntei.

—São os brancos que vieram de Portugal como presos que ganharam a liberdade e aqui querem nos escravizar e nos aprisionar.

—Continuo a não entender nada.

—Somos negros que fugimos dos senhores do café e de engenhos, e quando fugimos eles colocam estes capitães do mato atrás de nós, se não conseguem nos prender tem autorização até de nos matar para servir de lição e levam nossas cabeças para mostrar aos outros negros que não façam igual que se não serão mortos também.

Fiquei horrorizada seria para isso que Joaquim fora mandado para estas terras?

—Quando não nos matam nos acorrentam, chicoteiam até arrancarem nossas peles e nos levam de volta para nossos donos e lá ficamos pendurados nos pelourinhos para servir de represarias aos outros para que não pensem em fugir, explicou Laércio.

—Muitos negros têm suas cabeças penduradas nas árvores até que apodreçam por completo.

—Que horror, nunca pensei que isso existia! Respondi.

—Essa terra é assim ou é sinhô dono das terras ou escravo, falou Maria.

—Meu marido Joaquim foi condenado em Portugal por um crime que não cometeu, seria condenado a morte o Rei deu o perdão para que viesse para estas terras, foi colocado em uma caravela e foi mandado para cá eu subornei um capitão e consegui embarcar também, só que após vários dias no mar, fomos pegos por uma grande tempestade e a caravela afundou, eu consegui sobreviver agarrada em um pedaço de madeira e vim para nesta terra, fiquei durante muito tempo em um lugar próximo daqui até que resolvi seguir viagem e aqui cheguei, meu Joaquim estava trancado em uma cela no porão do navio e deve ter morri lá.

Enquanto eu lembrava toda a história o pranto tomou conta de mim.

Maria me consolou:

—Sinhá não é por acaso que chegou até nós a razão não sabemos os caminhos estão escritos, talvez tenha sido melhor seu marido ter morrido no navio, assim não precisará acumular mais prejuízos para sua vida, estes presos que vem de Portugal, quando aqui chegam se transformam em perseguidores de negros contratados pelos senhores de terras, e acabam cometendo muito

mais crimes que por vezes não teriam cometido em suas terras, acumulando muito mais ódio e sangue em suas mãos.

—Meu Joaquim, nunca faria isso.

—Alguns realmente sinhá não se sujeitam a isso aí para sobreviverem precisaram trabalhar duro nas terras e ser capitão do mato é mais fácil e a fortuna é mais lucrativa! — disse Laércio.

Os demais negros da comunidade começaram a aparecer aos poucos e eles foram ficando mais tranquilos em saber que também de um jeito ou outro, eu era uma fugitiva.

Capítulo 4 – Joaquim visitando Madalena

Em uma bela manhã de sol levantei bem cedo como fazia habitualmente preparei o café, peguei as roupas e fui para do rio. Estava totalmente distraída com meus afazeres que nem percebi uma carroça havia parado perto de mim, quando olhei tomei um susto era Joaquim sorrindo. Seu sorriso me encantava desde a primeira vez.

—Madalena como prometi aqui estou para uma visita e ajudar o senhor Manoel, espero que não se importe.

Fiquei a princípio totalmente muda, meu corpo tremia, pensei:

—O que era aquilo? Eu nunca senti isso...

Joaquim desceu da carroça veio em minha direção, então minhas pernas tremeram mais ainda.

—Está passando mal senhorita Madalena?

—Foi somente uma vertigem, me assustei e levantei muito rápido, menti é claro, não poderia dizer que fora por causa de sua presença.

Joaquim por outro lado pegou em meu braço e colocou-me sentada em uma pedra, buscou um pouco de água e eu tomei.

—Está se sentindo melhor?

—Sim estou sim

—Como eu disse vim cedo e pretendo passar o dia ajudando o senhor Manoel espero que não se importe.

—De forma alguma, meu pai precisa de ajuda, vou terminar de lavra estas roupas e já vou para casa preparar o almoço.

—Então seu Manoel precisa do material que eu trouxe.

Assim que Joaquim se foi fiquei remexendo meus pensamentos, desde o primeiro dia que o vi parecia que eu já o conhecia de muito tempo, não consegui parar de pensar nele.

—Senhor Manoel bom dia tomei a liberdade de fazer uma visita e trazer material e ajudar a terminar suas espadas que o Francisco exigiu, ele está falando para todos que se não entregar a tempo suas costas vão sentir o peso de seu chicote.

—Agradeço Joaquim, preciso sim de sua ajuda.

E não se preocupe amanhã eu voltarei com mais material e mais gente para ajudar, vamos pôr a mão na massa.

Eu fiquei longe vendo Joaquim e meu pai trabalhando, cada movimento cada olhar que ele me dirigia cada sorriso, tudo me desconsertava, o que era isso, que emoção era essa?

Na hora do almoço vesti o vestido que Joaquim havia me presenteado e chamei os dois para almoçar.

—Como estás linda Madalena? — falou Joaquim

—É Joaquim você tem razão está parecida com a mãe.

—Agradeci, mas com muita vergonha.

—Por causa do vestido esqueceué o arroz no fogo! — disse meu pai.

Era verdade minha distração em ficar vendo Joaquim fez eu esquecer das panelas no fogo.

—Não se preocupe Madalena está tudo uma delícia a muito eu não comia uma refeição maravilhosa como esta.

Agradeci mas fiquei toda sem graça que até derrubei uma tina de sopa em meu vestido novo.

Minha filha está distraída mesmo.

Meu pai deu uma boa gargalhada, coisa que não fazia a muito tempo, fiquei feliz.

Depois do almoço os dois voltaram para continuar os trabalhos e eu fui para cuidar de outros afazeres.

No final da tarde Joaquim preparava sua carroça para ir embora, pedi que ficasse um pouco mais eu estava preparando um bolo, e ele aceitou de imediato.

—Um bolo, Joaquim vou pedir que venha mais vezes, assim poderei comer bolos.

—Papai, não fale assim fico sem graça eu sempre faço bolos para o senhor, rimos da situação e fomos apreciar o bolo.

No dia seguinte, eu nem consegui dormir direito, como Joaquim havia prometido retornará e com ele vieram alguns homens que eu não conhecia.

Entre eles estava o senhor Juvenal que fui informada ser o irmão mais novo de Francisco que devido o pai não ter deixado testamento Francisco herdará tudo por ser o primogênito e Juvenal era dono uma parte de terra que segundo meu pai não era produtiva.

Juvenal trazia um ódio mortal de seu irmão e os dois estavam sempre em brigas.

Diferente de Francisco Juvenal era doce e amável e um bom trabalhador e não se conformava com as tiranias de seu irmão, fazia tudo para ajudar os colonos.

Joaquim e Juvenal pareciam irmãos, se davam muito bem, eu quando olhava para os dois parecia que já os conhecia há muito tempo.

Os dias se passaram e finalmente conseguiram terminar a confecção das espadas para entregar a Francisco.

Era visível para todos que entre eu e Joaquim algo diferente acontecia. Certo dia no final da tarde quando os trabalhos terminaram Joaquim me procurou e falou diretamente:

—Madalena não terei mais desculpas para vir aqui, a não ser que aceite ser minha noiva.

Fiquei atônita meu coração disparou, não sabia o que responder.

—Fique calma Madalena se não tem compromisso assumido com ninguém gostaria que me aceitasse isso é se seu pai não se opor.

Juvenal nesse instante passou perto e falou sorrindo quero ser o padrinho deste casamento.

Percebi que todos sabiam as intenções de Joaquim, então falei que eu não tenhina compromissos com ninguém e se meu pai não tivesse nada a opor eu aceitaria o pedido.

Joaquim saiu de imediato ao encontro de meu pai.

—Senhor Manoel a decisão está em suas mãos, Madalena aceitou meu pedido se o senhor não fizer objeção.

—Bom Joaquim se ela aceita não me oponho e faço gosto, pode marcar o noivado.

Joaquim abraço meu pai e falou queria marcar para o dia da Festa de Santa Quitéria.

—Então Joaquim está marcado, pode tomar as providências.

Capítulo 5 – Conhecendo o quilombo e seus habitantes

Fui com Laércio e Maria conhecer os demais negros do local que eles chamavam Quilombo das matas e fiquei sabendo que os negros fujões eram chamados de quilombolas.

Inicialmente fui recebida pelos mais jovens com reservas, e pelos mais velhos já fui recebida com acolhimento, a negra Maria era conhecida como Mãe Maria e um dos mais velhos da Tribo por Pai Inácio.

Mãe Maria falou não fique triste minha sinhá, muitos ainda não aprenderam ver as pessoas por dentro e somente por fora e ainda misturam as coisas achando que um branco é igual a todos os brancos e quando olham somente veem dor e sofrimento, eles sofreram e viram muito sofrimento e não conseguem esquecer.

Eu podia imaginar o sofrimento deles, lembrei o dia que meu pai foi chicoteado pelo senhor Francisco sem dever nada.

Será difícil eles entenderem que também de uma forma ou outra sou escrava, escrava de um destino.

—O tempo é o melhor remédio para tudo sinhá.

Eu sabia que precisaria ser eu mesma perante eles para poder ganhar a amizade e o respeito de todos, meu pai sempre ensinou, seja você mesma em todos os momentos e que respeito se conquista e não se compra, eu sabia que com o tempo eu conseguiria ser amiga deles.

Alguns dias se passaram e eu estava me adaptando e procurando fazer a minha parte nos afazeres do quilombo, alguns já se aproximavam de mim sem cautela, seria difícil, mas como Mãe Maria disse o tempo seria o melhor remédio.

Um dia Laércio trouxe um grande animal que havia caçado para nos servir de alimentos.

Mãe Maria foi limpar o animal e perguntei se poderia ajudar.

—Toda ajuda aqui em nosso quilombo é sempre bem-vinda, disse Pai Inácio.

Lembrei da pedra que eu tinha trazido, falei para Mãe Maria eu tenho uma pedra muito boa para este tipo de serviço que eu

trouxe do meu acampamento, fui até a cabana que estavam guardadas minhas coisas e peguei a pedra.

Quando cheguei com a pedra foi um espanto geral, todos pararam de fazer o que estavam fazendo e ficaram olhando para a pedra.

Fiquei com medo e espantada.

—Calma minha filha pode sentar.

Mãe Maria o que está acontecendo?

—Sinhá você não sabe que pedra é essa?

—Não sei, eu encontrei no rio onde eu estava morando e ela me ajudou muito para cortar as coisas.

—Por pedras bem menores que está muitos homens matam e muitos negros tiveram suas cabeças arrancadas.

—Não estou entendendo Mãe Maria.

—Sinhá Madalena essa pedra é um diamante e ninguém aqui já viu um tão grande assim, vou te contar uma coisa que não ainda não sabe, a maioria de nós somos fujões dos senhores caçadores de pedras preciosas e de ouro.

—Ainda não estou entendendo.

—Os negros trabalham até morrer buscando essas pedras nos rios e quando acham se não entregam aos brancos, morrem na hora e se o local tiver muitas pedras quando termina o serviço os negros são mortos para não revelar a ninguém a localização.

Aquela história para mim foi inédita, nunca tinha ouvido falar coisa assim ou ter visto um diamante qualquer tipo de pedra

preciosa ao saber que muitos negros morriam por causa do tipo de pedra que eu havia encontrado jóquei imediatamente a pedra longe de mim e disse bem alto se essa pedra e sinal de morte aos negros não quero ela.

Pai Inácio foi até onde eu havia jogado a pedra, pegou e se aproximou de mim dizendo:

—Sinhá Madalena a pedra não é culpada de morte ou vida, o se faz dela e culpa de quem faz, sinhá essa pedra pode ser nossa liberdade, tudo depende de como vamos transformar o valor dela, me disse Laércio.

—Laércio como assim liberdade? Me explique melhor.

—Essas pedras nestas terras são de grande valor se vendidas nos lugares certos.

—Oliveira é um dos negros que fazia o controle das pedras encontradas, fazia a separação por tamanho e por valor, se era diamante, esmeralda ou ouro, cada uma tem um valor diferente, desta forma o senhor Bartolomeu dono das terras poderia fazer a venda certa e com grandes ganhos, quando fugimos senhor Bartolomeu ficou doido não tinha nenhum negro que saiba fazer isso.

—Por aqui conseguimos encontrar um ou outra pedra de ouro e como Oliveira em suas idas e vindas para acompanhar o senhor Bartolomeu, fez amizade com o dono do botequim um senhor Português que sempre ajudou os escravos, quando achamos vamos às escondidas até lá para trocar por alimentos e sementes se pudéssemos vender diretamente no mercado das pedras o valor seria maior, só que o mercado é somente comércio entre brancos e seriamos presos.

Oliveira falou:

—Sinhá está pedra compraria nossa liberdade ou nossa morte.

—Não entendi Oliveira como assim

—Os brancos do mercado fariam de tudo para ter esta pedra e vender em Portugal onde o valor será 100 vezes mais.

Laércio falou calmamente de onde veio está poderá ter outras pedras valiosas que se soubermos fazer certo aí sim poderá comprar nossa e a sua liberdade, por enquanto guarde bem guardada essa pedra.

Falei toda empolgada:

—Vamos nos organizar para procura essas pedras se elas podem nos dar a liberdade e mudar nossas vidas faremos isso, faremos isso vou deixar esta aos cuidados de Pai Inácio ele saberá cuidar bem dela.

O fato de eu deixar a pedra sobre os cuidados de Pai Inácio que era respeitado por todos e como eu estava disposta a ajudar todos a terem suas liberdade, sem saber eu tinha adquirido o respeito dos quilombolas.

Mãe Maria falou:

—Sinhá todos nós queremos voltar para nossa terra e estás pedras pode nos ajudar.

—Eu também Mãe Maria quero voltar par minha casa reencontrar meu Pai e meu Arthur.

Capítulo 6 –Francisco chicotei Manoel

Meu pai foi no dia marcado até o palácio de Francisco entregar as espadas exigidas.

Ao final da tarde vi ao longe Joaquim e Juvenal trazendo a carroça de meu pai, tinha certeza que algo ruim havia acontecido, corri até a carroça com as lágrimas no rosto, Joaquim parou a carroça, desceu me abraçou e falou:

—calma Madalena.

—O senhor Francisco exigiu que seu pai fizesse mais 50 espadas, como ele recusou-se, Francisco mandou amarrar ele em um tronco e o chicoteou-o nas costas até virar em carne viva. Após ele ser espancado foi jogado em sua carroça e um soldado o trouxe para fora do castelo, o mesmo informou o que havia acontecido. Seu pais estava desmaiado, então eu e Juvenal cuidamos dele da forma que foi possível e o trouxemos para cá. Disse Joaquim.

—Fez bem Joaquim levemos meu pai para nossa casa!

Ele havia perdido muito sangue, seu sofrimento era muito grande, mas meu pai não dava um gemido porquanto seu orgulho era maior que a dor.

O deitamos de bruços em sua cama e eu com ajuda de Joaquim e Juvenal comecei a cuidar dele com água morna com ervas que eu conhecia que aliviavam a dor. Juvenal foi embora e Joaquim com medo de um ataque de loucura de Francisco, ficou para ajudar a cuidar de meu pai, minha vontade era de ir ao castelo e acabar com a vida daquele homem.

Durante muitos dias cuidei de meu pai, colocava alimentos em sua boca, com o passar do tempo ele foi melhorando já podia se sentar e andar um pouco.

Meu ódio pelo senhor Francisco crescia cada vez mais.

Um dia quando meu estava se sentindo melhor sentado na varanda da casa, eu a fazer almoço e Joaquim a ferrar um cavalo, vimos a aproximação de vários cavalos, eu reconheci aquele carrasco do Francisco.

Meu pai pediu que eu e Joaquim entrássemos em casa e não saíssemos de forma alguma, contrariados mas obedecemos meu pai.

—Senhor Francisco o que faz por estas bandas.

—Não se faça de besta, sabes bem por que estou aqui quero saber como esta minha encomenda e a resposta da minha proposta.

—Ainda me recupero das chibatadas que levei, não tenho condições de trabalhar.

—Cala sua boca insolente, levou as chibatadas pela falta de respeito pelo seu patrão e dono destas terras.

—Quero meu pedido pronto no prazo que dei ou será bem pior da próxima vez. Não aceito recusa. Na festa da padroeira realizaermos uma cerimonia, se não entregar as espadas vocês vão se arrepender.

—Quanto ao seu pedido das espadas vou providenciar assim que eu estiver recuperado, quanto ao seu pedido de casamento com Madalena já falei e repito Madalena é livre para escolher quem ela quiser para ser seu marido.

—Eu deveria te chicotear novamente, Madalena será minha esposa no dia da Festa de Santa Quitéria e ponto final, ela não tem que escolher está decidido e pronto, não aceitarei menos de 50 espadas e não vou aceitar um não de mulher nenhuma, muito menos de Madalena, era será minha esposa.

Todos os cavalheiros saíram em disparada.

Meu pai se aproximando de nós disse:

—Meus filhos agora já sabem o motivo porque fui espancado por Francisco, ele quer no dia da festa de Santa Quitéria casar com Madalena.

—Nunca casarei com ele.

—Senhor Manoel, Madalena já é minha noiva.

—Joaquim eu preferi não falar isso para ele, temi por sua vida, eu quero que vocês amanhã logo cedo procurem o capelão e se casem, assim não tem como ele quer obrigar que Madalena case com ele.

Tomei um susto com as falas de meu, olhei para Joaquim e comecei a chorar, ele me abraçou e perguntou:

—Madalena é isso mesmo que você quer?

—É o que eu mais quero nesse mundo é casar com você e ser feliz ao seu lado!

—Eu também! Respondeu Joaquim.

—Então tudo certo amanhã cedo vocês partem, Joaquim escolhe alguém de sua confiança para ser o padrinho de vocês.

—Fica tranquilo senhor Manoel no caminho passo na casa de Juvenal e convido ele e sua esposa para serem nossos padrinhos.

No dia seguinte saímos bem cedo, chegamos da casa de Juvenal e ele já sabia de toda a tirania de seu irmão e concordou em ser nosso padrinho.

Partimos de imediato até vilarejo para o capelão realizar nosso casamento, levamos meio dia de viajem, assim que chegamos explicamos toda a história ao capelão Como ele conhecia Francisco, no começou ficou com receio em fazer a cerimonia, temendo por minha segurança, mas resolveu realizar o enlace logo no dia seguinte.

Juvenal tinha um parente que também não gostava de Francisco e nos abrigou por aquela noite e nos alertou sobre o perigo que estávamos correndo em contrariar o vilão.

Juvenal sugeriu que partíssemos para outras terras assim que chegássemos, no dia seguinte logo pela manhã realizamos nossa cerimônia de casamento, foi uma coisa simples, usei algumas flores colhidas no caminho e o vestido que Joaquim havia me presenteado.

Retornamos para minha casa após a cerimônia, mesmos sabendo do que poderia acontecer estávamos felizes e isso era o que importava.

Conversamos com meu pai sobre os conselhos de Juvenal para que partíssemos para procurar outras terras para morarmos, ele concordou e disse que teríamos que preparar tudo e partir antes da festa da padroeira.

Uma semana antes de partirmos, novamente recebemos a visita de Francisco de seus guardas de confiança, ele trouxe um enorme caixa, meu pai falou para que eu e Joaquim ficássemos escondidos, quando Francisco perguntou por mim meu pai disse que eu estava cuidando dos animais. Ele ficou irritado, queria me ver de qualquer forma, meu pai falou que não sabia bem por onde eu andava, porque eu gostava de andar por estas terras.

—Aqui está o vestido para Madalena usar na cerimônia, mando buscá-la logo cedo no dia da cerimônia e partiu em disparada, daqui a 7 dias mandarei uma ama e dois soldados que cuidaram de tudo até a cerimônia. Disse o vilão.

Naquele dia mesmo juntamos o que era possível. Dois dias depois da visita de Francisco, Joaquim foi se despedir de Juvenal e de sua família e quando voltou partimos sem deixar vestígios para onde tínhamos ido. Viajamos por vários dias, passando por muitas terras e por vários vilarejos, nos escondemos o máximo possível.

Meu pai anteriormente havia falando com o senhor Aguilera amigo antigo dele se ele poderia nos ceder um pequeno pedaço de terra para via vermos e trabalharmos.

Senhor Aguilera nos acolheu oferecendo um bom pedaço de terra já com vários pés de videiras florescendo, só que elas precisavam de cuidado para poder ter uma boa produção de uvas e serem transformadas em bons vinhos.

E meu pai como era ferreiro profissional ajudaria o senhor Aguilera e assim, Joaquim e eu cuidaríamos das terras.

O senhor Aguilera conhecia Francisco pela forma que tratava as pessoas e sua desonestidade no comercio de mercadorias, ele falou:

—Fiquem tranquilos em minhas terras terão toda a segurança e aqui ele nunca achará vocês.

No mesmo dia na parte da tarde que partimos Francisco chegou em nossas terras, quando vi que tínhamos ido embora, ficou louco, incendiou nossa casa e tudo que tinha lá. Após. começou a nós seguir e felizmente, como escolhemos estradas pouco usadas ele não nos encontrou.

O tempo foi passando e vivíamos em plena paz e harmonia. Eu e Joaquim já havíamos aprendido a lidar com as uvas e tínhamos certeza que em breve poderíamos fazer uma boa colheita e ter uma boa produção de vinho.

Com algumas das vacas que ganhamos eu tirava o leite e produzia queijos e doces e eles foram ficando conhecidos nos vilarejo. As encomendadas aumentavam a cada dia, meu pai trabalhava muito mas tinha uma remuneração condizente com seu esforço.

Pouco tempo depois, nossa felicidade aumentou ainda mais com o nascimento de nosso Arthur, que tinha como segundo nome Aguilera, em homenagem ao nosso benfeitor. Então seu nome ficou Arthur Aguilera de Coimbra.

Capítulo 7 – Mudança do quilombo

Alguns meses depois já estamos organizados para mudar nosso quilombo para próximo de onde eu havia desembarcado do naufrágio e também encontrado a pedra de diamante.

Chegando lá sondamos um lugar que realmente poderia ser seguro para montarmos o quilombo se era longe das rotas de garimpeiros, capitães do mato e caçadores de negros.

O lugar escolhido era distante e protegido por enormes montanhas e uma mata fechada, com um enorme rio que descia de uma montanha e formava uma linda cachoeira e a partir da qual formavam-se vários pequenos rios.

Finalmente fizemos a transferência de nossa moradia, escondemos todo e qualquer vestígio do nosso novo destino e nisso os quilombolas eram muito bons.

Em alguns meses nos organizamos e construímos um novo quilombo com novas moradas. Enquanto uns construíam, outros exploravam a região. Desta forma já sabíamos onde poderíamos ter caça e peixes em abundância.

Com tudo organizado, Oliveira, Laércio e eu, começamos a explorar os rios para decidirmos o melhor lugar para começarmos a garimpar.

Decidimos ir pelo rio que eu havia achado a pedra, começaríamos na beira praia e subiríamos a até a cachoeira, o rio não era um dos maiores dos que descia da montanha, mas sua correnteza era forte em alguns trechos, os peixes eram encontratdosem abundância, bem como muitos animais vinham a suas margens para beber água.

Desse, modo esses animais também serviriam para que pudéssemos pescar e caçar em naquelas margens em todo percurso do rio com vários poços. Segundo Oliveira seriam bons lugares para ter pedras preciosas.

Um problema foi colocado por Laércio no caso de encontramos pedras e precisarmos ir na Vila de Todos os Santos para fazer a venda: os negros faziam as trocas de pequenas pedras com o português do botequim, agora uma quantidade maior teria que ser feita no mercado das pedras e lá era um reduto de homens brancos. Mulheres não tinha a liberdade nem de sair de casa, quanto mais comercializar pedras, se eu fosse vender despertaria suspeitas imediatas e também poderia ter as pedras todas roubadas ou coisas piores.

—Como poderíamos resolver esta questão? perguntei a Laércio, todos ficaram calados sem saber direito uma resposta.

Mãe Maria disse:

—O jeito é a sinhá virá um homem, todos demos muitas risadas, como isso seria possível.

—Minha sinhá tempo é o que mais temos e com as plantas certas colocadas em seu corpo e em seu cabelo e este sol você vai ganhar a cor dos homens desta terra e o jeito dos homens sinhá vai aprender com os negros.

Rimos novamente, era possível sim, como disse Mãe Maria tempo era o que mais tínhamos.

Primeiro meu cabelo foi cortado na raiz, Mãe Maria preparava umas ervas alguns dias por semana e eu passava em meu corpo branco e ele ficava com cor escura, não escuro igual aos negros, mas de quem tinha pegado muito sol daquela terra.

Passei a ficar mais exposta ao sol e não mais fazer a higiene pessoal com banhos durante horas embaixo da cachoeira que eu

adorava fazer. Conforme meus cabelos foram crescendo outras ervas eram aplicadas e eles foram escurecendo e ficando crespos.

Mãe Maria sempre falava:

—Tem que ficar igual aos homens brancos escuros e fedidos.

Passávamos nossos dias cuidando das plantações, pesando, caçando e a garimpar pedras.

Depois de vários meses garimpando não havíamos conseguindo nada nem uma pequena pedra, o desânimo abatia sobre mim.

Os quilombolas não se importavam muito em não achar as pedras se sentiam livres naquele lugar, eles tinham fé que era uma questão de tempo e do lugar certo.

Eu queria achar logo um monte pedra vender e voltar para Portugal procurar meu pai meu filho e me vingar de Francisco por tudo que ele nos fez, os negros falam que aquela condição era melhor do estar amarrado em um tronco sobre chibatadas.

Eu já parecia um homem com pele e cabelos escuros, aprendi a falar grosso e andar igual a um homem.

Uma noite muito cansada e desanimada por não achar nenhuma pedra, eu queria não somente ganhar a liberdade de todos do quilombo e queria voltar para além-mar. Adormeci, então, uma luz tomou o lugar onde eu dormia, acordei assustada e ao meu lado de minha cama estava minha mãe com o mesmo sorriso de sempre e calmamente me falou:

—Filha não perca as esperanças confie em Deus e na espiritualidade que te acompanha e te protege, não é à toa toda esta situação, você precisa de todo este aprendizado com estes irmãos negros que se propõem a te ajudar, sua caminhada ainda é

longa, terá muitas alegrias, não desanime. Leve Mãe Maria e Pai Inácio junto com vocês eles saberão o indicar o caminho certo para vocês buscarem as pedras e elas serão diferentes das que vocês estão a procurar. No momento certo elas surgirão, continue a orar por seu pai o por Arthur e principalmente por seu marido Joaquim.

Acordei com um susto grande e ao meu lado estava Mãe Maria.

—Sinhá eu sabia que estava sonhando e fiquei aqui bem quieta somente rezando para que pudesse lembrar de tudo que foi falado em seu sonho.

—Sonhei com minha mãe, ela falou que não é para desanimar, que devo continuar a longa caminhada. Ela falou para eu orar por meu pai e filho e também pelo Joaquim. Como fazer isso com essa tristeza no coração?

—Sinhá obedeça sua mãe tenha perseverança ! Como dizem os pretos velhos, caldo de galinha e orações não faz mal a ninguém.

Rimos, lembrei que minha mãe falou que estávamos procurando no lugar errado e as pedras erradas e que a Mãe Maria e o Pai Inácio indicariam o lugar certo.

Amanhã cedo vamos com vocês.

No dia seguinte seguimos para o lugar onde habitualmente estávamos garimpando.

Mãe Maria e Pai Inácio sentaram em uma pedra na parte alta do lugar e lá ficaram por horas, em um determinado momento eu percebi que em volta dos dois surgia os envolvia uma luz muito

forte, seria reflexão do sol? Pensei, perguntei ao Laércio que luz era aquela. Então, ele falou:

—Coisas dos espíritos sinhá, não liga para isso não.

—Como assim Laércio me explica melhor.

—Mãe Maria e Pai Inácio conversam com os espíritos, pedem orientação, ajuda nas curas e o que for preciso.

—Mas esta luz que estou vendo em volta deles é muito forte.

—Sinhá esta luz poucos podem ver e se a sinhá vê é porque tem ligação com os espíritos.

—Vamos continuar a procurar nossas pedras deixe eles para lá na hora certa conversam com a gente.

Eu é Laércio voltamos a garimpar, mas como sempre nada encontrávamos, depois de algumas horas os dois desceram e pediu que fizéssemos uma roda e sentássemos.

Muito ansiosa perguntei se os espíritos haviam falado com eles.

Primeiro perguntaram se eu tinha visto os espíritos.

Respondei que somente tinha visto uma luz muito forte em volta dos dois.

Pai Inácio, falou:

—Sinhá tudo começa assim não se preocupe em breve as visões serão mais claras. É a espiritualidade abrindo suas portas para que a sinhá possa ver e ouvir.

Mãe Maria contou que os espíritos lhe explicaram que aquele trabalho seria para nos dar a felicidade e a liberdade de nossas vidas e principalmente de nossas almas, que teríamos que

resgatar nossas dívidas do passado e que todo o dinheiro que conseguíssemos não poderia servir para escravizarmos ou servir de moedas para que magoássemos ou feríssemos ninguém, não poderia servir de vingança ao nosso próximo.

Esta lição não é só para os negros que aqui estão que ainda alimentam muito ódio de seus antigos donos e dos carrascos que aplicaram chibatadas.

A lição é para todos nós e é claro para mim em especial, eu queria muito aquelas pedras para voltar a Portugal e me vingar de tudo que Francisco fez contra nós, fazê-lo sofrer era o que eu mais queria e que ele sofresse de todas as formas possíveis.

Pai Inácio falou enquanto todos nós não esquecermos o sentimento de ódio nenhuma pedra seria encontrada e que o amor e perdão teriam que ser supremos.

Cai em prantos o ódio era o que me alimentava já a muitos anos, como esquecer e perdoar, como não mais me vingar? Pensei.

Levantei e sai correndo fui para o lugar onde eu costumava ficar para fazer minhas reflexões. Sempre que estava triste o com saudades da família era para lá que eu ia, sentava nas pedras de frente para o mar e fica por horas apreciando os movimentos das ondas e o pôr do sol.

Adormeci sem perceber o passar das horas.

Durante meu sonho me vi em um enorme castelo rodeado de criados com os tipos de mordomias e conforto, era um corpo diferente do meu corpo hoje, mas tinha a certeza que era eu mesma.

Joaquim aparecia as escondidas, era meu Joaquim, mas seu corpo era diferente, mais alto, cabelos negros e olhos azuis, um verdadeiro fidalgo, roupas bem alinhadas e um grande chapéu.

Entrava em meu quarto e me abraçava forte e nos beijávamos, beijo apaixonado e eu me entregava em seus braços.

—Affonso não deves entrar em meu quarto, meu marido está no castelo e pode nos pegar.

—Fiquei tranquila me certifiquei que Paulo dormirá a noite toda com o sonífero que coloquei em seu vinho — deu grandes gargalhadas.

—Affonso quando nosso plano será realizado não aguento mais esta situação, quero ficar viúva logo e me casar com você e ser feliz para toda a nossa vida.

—Em breve minha amada já estou arquitetando todo o plano para a morte dele, Luiz colaborará, ele quer a morte logo assim herdará parte das terras e nós ficaremos com a outra parte e assim poderemos ficar juntos.

Acordei muito assustada não entendi nada, meu marido Paulo naquele sonho era Francisco, Affonso era Joaquim meu amante e Luiz era Juvenal o irmão queria matar Francisco. Eu tinha um romance oculto, Affonso planejava a morte de Paulo com ajuda de Luiz, fiquei mais atordoada ainda.

Voltei para o quilombo, Mãe Maria me esperava, viu minha aflição e preparou um chá com ervas para que eu me acalmasse, sentamos em volta da fogueira e expliquei sobre o sonho que eu tive, ela pacientemente falou:

—Sinhá durante o sono físico nosso espírito se liberta do corpo físico e podemos ser levados pelos bons e pelos maus espíritos

para o plano espiritual e lá a vida é igual a daqui onde vamos encontrar amigos e inimigos, lembranças do passado veem à tona ou somos cercados de coisas do futuro ou do passado, quando acordamos poderemos trazer estas lembranças dos sonhos ou não.

—Como assim Mãe Maria?

—Quando é preciso as lembranças ficam vivas e acordamos lembrando as passagens do sonho.

—Eu nunca tinha tido um sonho assim.

—Sinhá Madalena acredito que a partir de agora isso seja mais frequente, nos negros chamamos de despertar para a verdadeira pátria mãe.

—Agora que não entendo mesmo, meus conceitos religiosos me ensinaram que com a morte tudo acaba no céu ou no inferno, tudo depende de nossas atitudes.

—O seu conceito não está errado, só que nada acaba após a morte, ela é uma simples passagem do material para o espiritual, o céu ou inferno seremos nos mesmos que vamos construir do lado de lá.

—Estou muito confusa com tudo isso e como Mãe Maria tem estes conhecimentos?

—Sinhá Madalena é que eu já a muito tempo despertei para a pátria mãe e sempre estou em sintonia com os irmãos do plano espiritual, sua vinda até o quilombo já era esperada, para que nos ajudasse em nossa liberdade.

—Você pode trazer á tona toda a lembrança de sua vida passada porque todos vocês estão interligados nessa vida.

—Tudo Isso é muito estranho e novo preciso pensar muito sobre tudo isso.

—Sinhá pense bem e não esqueça que somente poderemos colher bons frutos do nosso trabalho quando compreendemos e decidirmos utilizar esses frutos somente para o bem sem tirar uma gota de sangue de nossos semelhantes, quando todos resolverem prometer dentro de seus corações que vão se esforçar para praticar o perdão absoluto, as pedras jorrarão.

Capítulo 8 Prisão de Joaquim

Nosso Arthur completara 4 anos, vivíamos em plena paz até que em uma tarde meu pai chegou muito nervoso da casa do senhor Aguilera e falou para arrumarmos nossas coisas urgente. Precisávamos partir naquele momento, não poderíamos perder nenhum instante porque tínhamos sido encontrados pelo senhor Francisco e seus soldados.

Joaquim disse:

—senhor Manoel não devemos nada para ele e não deveríamos partir.

Meu pai com lágrimas nos olhos começou a explicar que Joaquim tinha sido acusado de ter matado Juvenal e sua família e incendiado toda sua propriedade por conta do dinheiro que ele devia para Joaquim.

—Mentiras, mentiras eu mato aquele homem gritei enfurecida.

—Eu nunca fiz isso, vocês sabem disso, este homem é um louco, quer me prejudicar para ficar com Madalena, ele é louco.

—Nunca ficarei com ele, nunca.

O senhor Aguilera pediu que fugíssemos que ele faria tudo que puder para provar que isso é mentira e que Joaquim é inocente. Ele deu nossa localização errada para que pudéssemos ter tempo para fugir, pediu que eu viesse correndo e que partíssemos de imediato.

Arrumamos somente o básico em uma carroça e partimos em direção contraria onde estava Francisco, porém ele já havia posicionado seus soldados em todas as saídas das terras do senhor Aguilera, para que não tivemos como escapar e Joaquim foi preso.

Joaquim foi levado para a prisão que ficava na Ilha da Madeira e nós voltamos para nossas terras.

senhor Aguilera como havia prometido foi ajudar Joaquim, eu e ele partimos logo cedo sobre a escolta de 12 soldados de confiança, pois ele temia por nossas vidas.

Foi providência que nos salvou, Francisco nos esperava no caminho com um número menor de soldados, como nada podia fazer ficou a fazer promessas de vinganças tanto para mim quanto para senhor Aguilera.

Ele gritou que nada disso era preciso se eu tivesse aceitado seu amor e mr casar com ele, assimo como se não o tivesse traído e casado com Joaquim, mas estava disposto a esquecer tudo e me perdoar se eu fosse viver com ele em seu castelo como sua esposa.

—E quanto a Joaquim?

—Ele é um criminoso e tem que pagar por isso, você poderá levar seu filho e seu pai.

—Você é um louco, eu nunca dei nenhuma esperança para você, somente te vi uma vez, como poderia ter sentimentos de amor por mim.

Francisco disse que eu nunca saia de seus pesadelos mesmo antes de me conhecer, quando naquele dia que fui com meu pai em seu castelo, recordou seus pesadelos e seus sonhos de amor.

Um amor que ele nunca havia sentido por mulher nenhuma havia despertado e passou a alimentar o sonho de eu ser sua esposa e ter com ele muitos filhos, ele disse que tinha certeza eu era a mulher de sua vida e de seus sonhos e que a cada dia esse desejo tomou conta do seu ser, não pensava em outra coisa.

Quando soube que eu tinha fugido, ficou louco e como soube que Joaquim para poder fugir comigo precisava de dinheiro e como Juvenal devia dinheiro de uns trabalhos obscuros que ele tinha feito, foi cobrar como meu irmão não se recusou a dar dinheiro a ele.

Naquele momento, Francisco não pensou duas vezes matou Juvenal e sua família, logo apos revirou toda a casa. Ccomo nada achou colocou fogo em tudo para não deixar vestígios, somente não sabia que um amigo nosso tudo presenciou.

Francisco falou:

—Juvenal era apenas um vagabundo que vivia vadiando e fazendo coisas escusas, por estes motivos suas terras eram improdutivas e meu pai nada deixou para ele.

—Eu disse que isso era uma mentira Juvenal era honesto e trabalhador e que Joaquim tinha ido se despedir dele e sua família e não tinha feito nada contra Juvenal, eles eram grandes amigos.

—Vejo que você não conhecia Juvenal do mesmo jeito que não conhece Joaquim ele é um criminoso e vagabundo ele matou meu irmão e vai pagar por isso.

Francisco viu nisso a oportunidade de me ter de volta e acusou formalmente Joaquim pelos crimes, tinha certeza que esse crime o levaria a forca, passou a nos procurar em todos os lugares até que nos encontrou escondidos nas terras de Aguilera, ele disse:

—Tenho a certeza que após a morte de Joaquim seremos felizes.

—Você é louco, Joaquim não fez nada disso ele é inocente nunca serei sua mulher.

—Ele é um assassino e será morto e você será minha mulher de qualquer jeito, você vai ver, Aguilera você não perde por esperar por ter ajudando eles.

Francisco saiu em disparada com seus soldados lhe dando proteção.

Na prisão devido a posição de Aguilera fomos recebidos pelo administrador que informou que Joaquim estava incomunicável que o único jeito de ajudar a livrá-lo da morte certa era uma apelação ao Rei pedindo um julgamento.

Imediatamente partimos para Lisboa onde ficava o Castelo do Rei, devido à influência de Aguilera conseguimos uma audiência com o rei.

Após apresentar as argumentações o rei determinou que fosse marcado um julgamento e pediu ao Capitão da guarda que procurasse o Chanceler para ele estabelecer uma data de um julgamento, bem como suspendesse a determinação do enforcamento até o final do julgamento.

Foi marcado um julgamento para depois de 8 meses, assim a morte de Joaquim era suspensa até a corte julgar.

Francisco quando souber da apelação ao Rei, fez também uma vista ao Rei pedindo justiça e que ele fosse enforcado de imediato, Joaquim era um assassino, ele queria o cancelamento do julgamento e morte imediata.

Aguilera era bem quisto no reino e Francisco não era bem-visto, o Rei manteve sua decisão e o julgamento ficou marcado.

Aguilera ajuntou todas as provas que pode para provar que Joaquim era inocente e ele mesmo dizia que seria testemunha dizendo que estávamos em suas terras quando das acusações do crime.

No dia do julgamento Francisco apresentou várias testemunhas afirmando que tinham visto Joaquim cometer o crime, alguns moradores de suas terras, seus soldados, mas a principal delas era um nobre o Barão de Rochdale. Ele disse que estava na casa de Juvenal fazendo negócios com ele quando Joaquim chegou e devido à violência dos crimes e temendo por sua vida se escondeu para não ser morto também.

Minhas declarações e do senhor Aguilera foram invalidadas e Joaquim foi condenado a morte e caberia ao Rei estabelecer o dia do enforcamento.

Francisco se aproximou de mim e disse:

—Agora não tem mais nada a fazer ele será morto, venha comigo e poderei tentar prolongar a vida de Joaquim.

—Nunca prefiro morrer junto com ele.

—Ingrata eu quero te dar toda felicidade do mundo e você me despreza, Aguilera sua vez está chegando, não esqueci que protegeu um assassino e protege Madalena, eu não desisto tão fácil Madalena será minha esposa.

Como era de tradição o Rei daria um ano de prisão para depois Joaquim ser enforcado.

Francisco tentou de todas as formas antecipar isso, Barão de Rochdale pessoalmente foi pedir ao Rei a morte imediata, mas ele negou.

Como Francisco prometerá ele começava a vingança contra senhor Aguilera ele queria levá-lo a falência para ficar com todas as suas terras, desta forma acreditava que eu não teria saída e teria que aceitar seu pedido.

Capítulo 9 – Partida de Joaquim e Madalena para as terras do além-mar

Quando estava para completar mais de um ano do julgamento de Joaquim, Aguilera estava sofrendo vários assaltos quando suas mercadorias eram despachadas para o porto, homens bem armados interceptavam as carroças e saqueavam o que podiam, e o que não podiam colocavam fogo.

Mesmo tendo todos estes problemas senhor Aguilera fez uma intervenção ao Rei pedindo que reconsiderasse a pena de morte por enforcamento e que Joaquim recebesse o induto de perdão.

Francisco quando ficou sabendo exigiu ao Barão de Rochdale que isso não acontecesse, o Rei para ser justo permitiu que Joaquim vivesse por mais um ano.

Eu e meu pai e Arthur continuávamos a cuidar das terras e produzir vinhos, meu pai continuava a cuidar das ferramentas e ferraduras quando precisava, os ataques continuavam, senhor Aguilera conseguia despachar uma carga ou outra, mas a maioria era saqueada.

Francisco aparecia em nossas terras sem aviso prévio e insistia para que eu fosse morar com ele, como recebia negativas saia fazendo promessas que nos arrependeríamos.

Arthur estava completando 7 anos e Joaquim preso há quase 3 anos. O senhor Aguilera nos procurou e informou que vários de seus vinhedos foram envenenadas e algumas incendiadas e que ele não estava conseguindo saldar suas dívidas. Contou ainda que o Barão de Rochdale reivindicou ao Rei o direto de saldar as dívidas e ficar com as terras.

Entramos em pânico porque novamente seriamos expulsos de nossas terras, o que seria de nós, tínhamos certeza que Francisco estava por trás de tudo isso e não tínhamos como provar.

O senhor Aguilera falou que estava juntando todas as suas economias para partir para as novas terras de Portugal além-mar, faria um pedido ao Rei para que lhe concedesse domínios nessas novas terras para que pudesse cultivar café e nos levaria junto.

Também pediria ao Rei que Joaquim não fosse enforcado e pudesse ter uma nova oportunidade trabalhando nas novas terras de Portugal, que ele pudesse ser extraditado para as terras além-mar e lá ser um dos desbravadores nessas novas terras.

Como vários. condenados estavam tendo esta oportunidade ele tinha certeza que conseguiria este induto para Joaquim, não sabíamos bem o que estes condenados estaria fazendo nas novas terras mas era melhor que a morte.

Por um lado, ficamos tristes por tudo que estava acontecendo com o senhor Aguilera, por outro lado ficamos felizes em saber que poderíamos ficar longe daquele louco do Francisco e que havia uma oportunidade de Joaquim não ser morto.

O pedido foi feito ao Rei, quando o Barão ficou sabendo informou imediatamente a Francisco o que senhor Aguilera tramava, Francisco pediu uma sessão ao Rei para expor que Aguilera não poderia ter direitos a terra, porqie sua dívida em Portugal era grande e somente após ser quitada poderia sair de Portugal isso era uma ordem que o Rei já havia dado a todos os lusitanos.

E quanto a concessão de extradição de Joaquim ela não poderia ser concedida por ele havia matado um nobre português.

O Rei como havia prometido a todos os condenados que aceitassem ir para as novas terras e aqui proteger seus interesses teriam este direito, independentemente do crime cometido, a concessão de partida para as novas terras foram dados a Joaquim e em um mês ele seria deportado.

Quanto a concessão das terras a Aguilera o Rei informou que enquanto ele devesse não poderia partir e não teria direto a terras.

Francisco ficou louco e novamente fez promessas de vingança contra Aguilera e veio nos procurar também como novas ameaças de que se eu não aceitasse o seu pedido de casamento. Novamente ele recebeu minha negativa, na sequencia ele disse:

—Não tem importância Joaquim não chegará as novas terras e vocês nunca terão o direito de ir para lá.

Fomos aconselhados por Aguilera para deixar de imediato nossas terras, ele temia por nossas vidas ele sabia que Francisco era um louco e ele também estaria se escondendo em outras terras até que pudesse saldar suas dívidas, Francisco tentaria nos destruir para que eu ficasse com ele.

Um mês passaria rápido e começamos a nos preparar para a mudança, meu pai aconselhado por Aguilera foi procurar o Capitão da Caravela que levaria Joaquim, para tentar com ele que pudéssemos embarcar juntos.

Quando meu pai voltou trouxe uma notícia que não era bem a que esperávamos, o capitão informou que transportar todos, ele não podia, se assim fizesse seria condenado e preso, já tinha informações que Francisco colocaria homens para vigiar sua caravela, mas por uma boa quantidade de moedas poderia me colocar com clandestina, que meu pai conversasse comigo e se resolvesse no dia anterior a partida deveria dar o dinheiro prometido.

Desde a prisão de Joaquim não tivemos permissão de visitá-lo, com aproximação da viagem, Aguilera consegui uma autorização para que eu pudesse visitar Joaquim na prisão.

Joaquim não sabia de nada que estava acontecendo pensava que em breve seria executado, estava muito magro, somente pele e osso, barba e cabelos grandes, aparentemente fraco e doente.

Nosso encontro foi uma alegria misturada com choro e tristeza, após muito choro conversamos como nosso tempo era curto e eu precisava falar tudo que estava acontecendo e tudo que havia passado.

Finalmente falei que ele não seria morte e sim extraditado para além-mar para trabalhar nas novas terras do Rei, Joaquim chorou muito, falou que poderia ir juntos e lá termos uma nova vida.

Infelizmente não era bem assim, nós não poderíamos ir, para isso tínhamos que ter autorização do Rei e ele não concederia autorização para a família de condenados.

Falei que meu pai conhecia o capitão da caravela e que por uma grande quantidade de moedas permitiria que somente eu embarcasse como clandestina e que eu estava indecisa de partir porque teria que deixar Arthur e meu pai em Portugal.

Joaquim disse para que eu partisse junto com ele depois ficaria mais fácil meu pai e Arthur nos encontrar concordei com ele e eu embarcaria com ele.

Um dia antes da partida, Francisco nos visitou e falou:

—Madalena aquele assassino parte amanhã, será como se fosse uma morte, ele nunca mais poderá voltar e vocês nunca poderão ir atrás dele, aceite meu convite de casamento vou cuidar do seu filho e do seu pai e te fazer muito feliz, vocês terão uma vida de nobre, todas estas terras serão de vocês eu já paguei as dívidas de Aguilera e as terras dele agora são minhas.

Para ganhar tempo e evitar problemas naquele momento, pedi que me desse um mês e que neste tempo eu precisava organizar algumas coisas e depois disso poderia ir com ele para seu castelo.

Francisco ficou feliz e disse vocês serão felizes comigo vou preparar todo o castelo e preparar uma linda festa de boas-vindas.

Naquele dia mesmo partimos para meu pai acertar o pagamento com o capitão da caravela e eu aguardaria ansiosa minha partida.

Naquela noite encontramos com o capitão e o pagamento foi feito, ele informou que a caravela estava sendo vigiado pelos soldados de Francisco, como o senhor Aguilera havia nos prevenidos, o capitão apresentou um homem que ajudaria a me embarcar na caravela, combinamos de nos encontrar em um morro distante do cais.

No dia seguinte logo cedo estávamos no local combinado, o homem contratado pelo capitão chegou com uma carroça com várias caixas e barris eu me despedi de meu pai e de Arthur, prometi que um dia nos encontraríamos novamente ou em Portugal ou nas novas terras.

Entrei em uma das caixas que seria aberta quando eu estivesse em segurança na caravela e a carroça partiu rumo ao cais.

Algumas intermináveis horas se passaram até que finalmente a caixa foi aberta e eu já estava segura dentro da caravela, um último barco se aproximava e nele estava Joaquim quando ele embarcou eu somente pude dar um pequeno sinal para que tivesse certeza que eu estava embarcada, os demais tripulantes não poderia perceber nada pois achavam que era amante de um nobre português e o capitão estava me levando para encontrar com ele nas novas terras, Joaquim foi levado para a parte de baixo do navio e lá trancado uma cela.

Quando a caravela já estava zarpando, avistei ao longe a figura de meu pai e de meu filho Arthur eles acenando para o navio mesmo

sem saber se poderiam ver eu também com lágrimas no rosto acenava de volta enquanto a caravela zarpava.

Capítulo 10 Naufrágio do navio

Quem passava próximo ao morro somente via um velho e uma criança que olhavam o mar distante e um navio que sumia no horizonte.

O menino chorando acenava com as mãos em direção da caravela.

E um velho segurava as lágrimas e abraçava um menino que parecia ser seu neto com muita dor no coração.

Da terra não se via uma mão que acenava em direção dos dois.

A caravela foi sumindo no horizonte.

O velho pega na mão de seu neto e caminha em direção a sua carroça, que já estavam todas as coisas que pode ajuntar e sem titubear fugiram sem uma direção definida.

Francisco recebeu a notícia de seus soldados que Joaquim havia partido sozinho e que Madalena não havia embarcado, sua alegria era completa, agora prepararia tudo para a festa de boas-vindas.

Após um mês ele retornou a casa de Madalena. Havia feito todos os preparativos para receber Madalena, preparou uma grande festa, reformou seu castelo, comprou moveis e roupas novas preparou um grande quarto para que Arthur pudesse ficar bem alojado, seus subordinados percebiam que Francisco tinha mudado muito, de carrasco e tristonho estava muito alegre. Assim

todos também viviam momentos de felicidade e esperavam que este casamento mudasse aquele carrasco.

Como combinado Francisco foi buscar Madalena e sua família para morar em suas terras e para a realização da cerimonia, quando viu que Madalena havia sumido com seu pai e seu filho viu que ela o traíra novamente, ficou enfurecido.

—Então ela preferiu partir! Vou fazer da vida deles um inferno, destruam tudo!

Ele saiu aos galopes com destino ao porto. Durante o caminho se perguntava como foi ingênuo acreditando nela. Quando chegou ao porto viu a caravela partindo ao longe e tinha a certeza que nela estava sua amada e sua família.

Da caravela Madalena acenava com as mãos e seu pranto rolava. Seu marido havia sido acusado de assassinato e deportado para terras distantes onde a escória do mundo, segundo os portugueses, estava sendo levada.

Após muitos dias de viagem e sem poder ver Joaquim, tinha que ficar escondida nos aposentos que foi arrumado para ela, quando em certa noite, uma forte tempestade tomou conta da viagem e essa tempestade durou por vários dias fazendo que o navio ficasse à deriva e em determinado momento começasse a afundar. O capitão deu ordens que todos deixassem a caravela.

Madalena assim que saiu de sua cabine foi jogada ao mar e conseguiu segurar um pedaço de madeira que flutuava. Ela estava desesperada, pois seu inocente marido estava no porão do navio que afundava.

Joaquim trancado em uma cela maldizia de Deus:

—Porque fizestes isso comigo. Que mal te fiz, sou inocente acusado injustamente por um homem que não se conformava ter seu pedido de casamento negado.

A caravela já estava tomada pelas águas do mar e rapidamente afundava. Joaquim então não tinha mais esperança em ficar vivo a água já estava quase que o tomando todo o porão, então ele gritou:

—Senhor me perdoa por ter perdido a fé em ti. Me socorre neste momento!

Como um milagre um homem de nome Antônio, que era o cuidador das chaves, alimentava Joaquim e que com ele havia traçado uma amizade desceu ao porão, abriu a cela e madou que Joaquim subisse rápido porque o navio estava afundando. Antonio fez isso porque acreditava em na inocência do prisioneiro, em um gesto heroico e arriscadon sua própria vida foi o último a abandonar o navio.

Joaquim e Antônio só tiveram tempo de saírem nadando cada um para um lado e o navio afundou, conforme Joaquim se afastava não vi mais ninguém nem mesmos Antônio.

Joaquim não avistava nenhum sobrevivente, não sabia se Madalena teria conseguido sobreviver ou teria morrido afogada, somente lhe restava continuar nadar para onde as ondas eram levadas, porque sabia que elas sempre iam em direção da terra.

Capítulo 11 – Lembranças de vidas passadas

Com todas estas lembranças vivas em minha cabeça estar longe de meu filho e de meu pai, não saber se Joaquim tinha conseguido sobreviver, era um verdadeiro martírio. Achava que era bem difícil ele ele tenha sobrevivido. Eu tinha visto a caravela sumir por completo no mar.

—ComoJoaquim trancado em uma cela no porão poderia ter sobrevivido? Como atender à solicitação de Mãe Maria de não usar as pedras para me vingar de Francisco? Como os escravos que muito sofreram nas mãos brancos não se vingariam para atender aos espíritos? Coisa que eu não tinha ouvidos falar e como atender Mãe Maria, era impossível como ser feliz e ter a liberdade sem a vingança contra todo o mal que sofremos?

Assim fiquei atordoada por muito tempo e muitos dos quilombolas também quando conversamos sobre o assunto concordavam comigo, como não se vingar de seus carrascos.

Procurávamos por todos os lados e não encontrávamos nada nenhum uma pequena pedra que fosse.

Um dia cansada de tudo aqui reuni todos e falei que eu tinha tomado uma decisão de ir para a cidade e vender minha pedra.

Pai Inácio e Laércio sabiamente foram contra minha decisão, Laércio falou que essa pedra não poderia ser vendida naquele lugar, não conseguiríamos sair de lá nem com dinheiro e nem com a pedra. Ela era muito valiosa e pela cobiça eles nos matariam. Ao invés de trazer nossa liberdade, a pedra atrairia nossa morte e a destruição de nosso quilombo.

Teríamos que somente negociar pequenas pedras e em pequenas quantidades, coisas insignificantes para os demais senhores das pedras.

Quantidades grande ou pedras muito valiosas somente traria problemas.

Mãe Maria e os demais concordavam que eu não deveria vender, Oliveira falou:

—Sinhá eu já vi coisas ruins acontecerem com brancos e negros que acharam que poderiam comercializar grandes pedras e em grandes quantidades, muitos não chegaram em seus destinos é preferível esconder e ir vender longe da Terra de todos os Santos, muitos dos brancos vão até um lugar chamado de Rio de Janeiro, lá o comércio é melhor. Lá as pedras são vendidas por melhores preços e não tem perseguições e mortes iguais as que acontecem aqui.

Falei a todos que como não estávamos achando pedras esta seria a melhor decisão, então poderíamos ir até este lugar chamado Rio de Janeiro e vender lá.

Oliveira pacientemente explicou:

—Sinha é uma terra distante não sabemos nem qual o caminho, não temos barcos, cavalos e nem sabemos para onde seguir como poderemos fazer isso? Precisamos das pequenas pedras para poder vender as grandes, não estamos procurando no lugar certo, como Mãe Maria já explicou.

Pai Inácio reforçou:

—Quando todos de coração prometerem que as pedras somente servirão para trazer felicidade e nossa liberdade elas aparecerão!

Sai correndo sem rumo, quando percebi eu estava novamente na beira mar em cima da pedra que eu costumava ficar para apreciar o mar e rever minhas lembranças.

Sem percebi as horas adormeci e novamente o pesadelo que me perseguia começou.

Novamente eu estava em meus sonhos Affonso e Paulo, ou seja, Joaquim e Francisco.

Eu e Luiz já acertamos todos os detalhes da morte de Dom Paulo amanhã estará liberta e poderemos ficar juntos.

Em vez de ficar feliz como das outras vezes que Affonso fala na morte de Paulo, desta vez eu estava triste, vi que a morte de Paulo seria uma realidade.

Dom Paulo era um bom homem, cuidava de mim com muito carinho e atenção, todos os aldeões gostavam dele, Paulo era justo e honesto para com todos, fazia as partilhas de uma forma justa, quando surgia um problema, sempre chamava as duas partes e da melhor forma o problema era resolvido sem que ficasse mágoa entre eles.

Paulo para poder ter preço justo em suas mercadorias e poder fazer uma boa divisão com os aldeões, acompanhava as carroças pessoalmente até o porto onde as vendas eram feitas e desta forma ficava vários dias longe de nosso castelo, sempre quando voltava me trazia presentes, fazia de tudo para me agradar.

E em uma desta viagem eu me sentia sozinha e carente consegui Affonso, galanteador, bonito, que falava lindas poesias e me tratava com todo o carinho. Assim foi, e sempre que Paulo

viajava, Affonso se aproximava, galanteava e eu acabei me apaixonando por Affonso. De modo que não via a hora de Paulo viajasse para poder ficar nos braços de Affonso.

Nossa relação ficou cada vez mais próxima e nos encontrávamos mesmo quando Paulo estava no castelo.

Quando Affonso falou que Paulo no dia seguinte estaria morto eu não queria mais a morte dele.

—Me arrependi não quero que prossiga com o plano da morte de meu marido.

—Agora é tarde está tudo pronto para amanhã, Luiz já partiu hoje cedo com seus homens de confiança para preparar a emboscada, quando ele for levar suas mercadorias, eles saquearão as mercadorias e Paulo será morto. Luiz faz questão de fazer isso pessoalmente, você sabe quecom a morte de Paulo, Luiz herdará parte da herança de acordo com o testamento que o pai deles deixou antes de sua morte. Se isso não ocorrer, Luiz somente herdaria as terras quando Paulo morresse.

O pai de Paulo e Luiz antes de sua morte deixou em testamento uma pequena parte das terras como herança para evitar que Luiz exterminasse com tudo.

Luiz era diferente de Paulo, não gostava de cuidar das terras, tratava seus aldeões com mão de ferro e se fosse proprietário de tudo, todos perderiam. Nada daquilo ainda será dele e no testamento consta que no caso da morte de um dos dois o outro herdaria 50% de tudo e os outros 50% seria para os outros herdeiros, neste caso se Paulo morresse Luiz ficaria com 50% das terras de Paulo e eu com os outros 50%.

—Affonso não quero mais a morte de Paulo, Luiz não merece ficar com nada que Paulo com tanto esforço construiu, poderemos fugir para outras terras e sermos felizes.

—Como assim fugir para outras terras viveríamos de que?

—Affonso você é um barão tem suas propriedades e sua fortuna.

—Eu não tenho mais nada perdi tudo nas jogatinas, é preciso que Paulo morra para que possamos ser felizes.

Acordei assustada e lá estava ao meu lado Mãe Maria.

—Calma sinhá foi só uma recordação do passado de outras vidas.

—Como assim Mãe Maria? Joaquim e Juvenal tramando a morte de Francisco com meu consentimento, ele era meu marido, Joaquim meu amante e planejando sua morte somente pelo dinheiro e por suas terras.

—Sinhá fazemos coisas impensadas e depois nos arrependemos por várias vidas.

—Então este meu sonho foi real são lembranças do passado?

—Sim sinhá com ajuda de sua mãe, as lembranças estão sendo trazidas para que você possa não mais cometer desatinos e colocar em prática os ensinamentos de amor e perdão. Não é por acaso que estamos novamente juntos nessa vida.

—Sim tudo está escrito conforme foi pedido para que vocês pudessem esquecer as magoas do passado. Continuou a explicar Mãe Maria.

—Mãe Maria, Francisco cometeu muitas coisas ruins contra nós.

—Ele também precisará no momento certo aprender a praticar o amor e o perdão.

Fomos juntas para o quilombo, aquele sonho e as palavras de Mãe Maria repercutiram em mim de uma forma diferente comecei a pensar em Francisco como uma vítima de tudo e nós os verdadeiros vilões.

Uma noite senti a presença de minha mãe que aos poucos foi tornando-se visível de forma que Pai Inácio, Mãe Maria, Laércio e alguns quilombolas vissem também, eu fiquei assustada e eles continuaram de forma calma e tranquila.

Ela sorriu para todos, se aproximou de Mãe Maria, quando sua luz e e a luz Mãe Maria se tornaram uma única luz.

Através de Mãe Maria minha mãe pode se comunicar com nós, suas palavras eram diferentes da forma que Mãe Maria falava.

—Filha aceite os conselhos e coloque o perdão e o amor em seu caminho, você e Joaquim terão oportunidade de se reconciliar com Francisco por causa dos erros do passado, tudo dependerá de você, não perca esta oportunidade que Deus está te dando nesta encarnação.

—Filhos amados tirem a mágoa e o rancor de seus corações os que hoje foram seus algozes pode ser que em outras vidas foram seus escravos.

—A vida é de ida e vinda aproveitem a oportunidade de serem felizes esquecendo o passado de dor e sofrimento, juntos vocês têm um passado para acertar e hoje tem a oportunidade de estarem bem planejados e em harmonia alcançarem a liberdade e a felicidade que precisam!

—Enterrem o sentimento de vingança aqui neste lugar coloquem o amor acima de tudo, partam para as novas terras onde as pedras necessárias para suas vidas brilharam aos seus olhos e servirá de redenção e de auxílio ao próximo, lembrando que nem uma gota de sangue deverá ser tirada em nomes destas pedras!

Todos estavam atônitos com o que estava acontecendo, a luz que envolvia Mãe Maria foi dispersando e Mãe Maria retomou seus sentidos e precisou de ajuda para não cair em terra.

Pai Inácio nos convidou a darmos as mãos e juntos fizemos uma prece:

—Pai de amor infinito agradecemos por este milagre divino e por todos os amigos espirituais que nos auxiliam nesta nossa caminhada, pedimos que nos ajudem a tirá o ódio e o rancor de nossos corações, abra nossas mentes para a prática do amor e do perdão e abra nossos caminhos nos mostrando qual o rumo certo devemos seguir, ilumina nossos passos, que assim seja sempre em nossas vidas.

Quando Pai Inácio terminou a oração, todos estavam em prantos, Mãe Maria perguntou a todos:

—podemos amanhã já procurar pelo lugar onde as pedras estão?

Todos responderam que sim e eu principalmente, o sentimento de perdão tinha sido plantado em nossos corações.

Capítulo 12 – Partida para formar um novo quilombo

Logo cedo o quilombo era uma alegria enorme. Os negros cantavam e faziam suas danças, Mãe Maria fazia a benzedura com ervas em todos do quilombo. Então, eu entrei também na fila para receber a benzedura, Mãe Maria molhava os galhos no caldo de ervas e passava em todo nosso corpo, falando palavras que eu não entendia, mas sentia toda a energia positiva que vinha dela.

A alegria era geral parecia que partir daquele dia teríamos uma nova vida e foi assim mesmo.

Fomos para o lugar onde habitualmente fazíamos o garimpo, Mãe Maria e Pai Inácio foram até parte mais alta do lugar. De onde estávamos descia uma cachoeira. Nós explorávamos da parte de cima à parte de baixo e não encontrávamos pedras.

No pé da serra botava um pequeno rio que corria em uma direção contrária aos rios que explorávamos, como ele era bem pequeno não havíamos dado importância para ele porque não havia expectativas de encontra pedras por lá.

Após algumas horas Mãe Maria e Pai Inácio desceram do morro e fomos para o quilombo. Minha ansiedade era grande e eu durante o caminho de volta ficava fazendo perguntas e Mãe Maria sorrindo falava:

—Calma sinhá em breve todos saberão.

Quando chegamos no quilombo todos foram reunidos e Pai Inácio informou que deveríamos nos mudar do local onde estávamos e que tínhamos que seguir o rumo daquele pequeno rio que nascia no pé da serra, achamos a ideia estranha, onde estávamos tudo já

estava arrumado e já colhíamos nossas plantações, começar tudo novamente?

Vendo que ficamos perplexo Mãe Maria falou que em muitas vezes em nossas vidas as mudanças nos assustam e temos medo do desconhecido e nos recusamos a mudar mesmo que a dor fique ao nosso lado.

Mesmo com a certeza de que o que estamos passando nos está fazendo mal preferimos permanecer em sofrimento, por medo e por isso não enfrentamos as dificuldades e não buscamos uma nova solução para nossas vidas.

Ela riu de todos e disse que o máximo que iria nos acontecer e termos que voltar para trás, caso fosse bom continuaríamos nossa caminhada.

Laércio perguntou:

—Até onde vamos seguir este rio pequeno?

—Até ele ficar grande e nos encontramos o vale das araras e deu uma grande gargalhada.

Apesar que não entendemos nada, rimos também.

Uma coisa era certa, todas as manhas nos víamos um bando de araras vindo da direção para onde o rio ia e todas as tardes elas voltavam para a direção de onde o rio seguia, perguntávamos se seria longe o lugar onde elas dormiam.

Laércio respondeu sorrindo que em breve vamos saber e rimos muito.

Deixamos nosso quilombo, após vários dias de caminhada seguindo o pequeno rio chegamos um grande lago que era formado por ele.

No meio do lago havia muitas árvores o rio não era fundo em sua maior parte era bem raso, dentro das copas das árvores encontrava-se ninhos de muitos pássaros, mas a maioria era de araras-vermelhas que eram lindas e somente as tinha visto de longe. No entanto, naquele lugar elas estavam ao alcance de meus olhos.

Mãe Maria falou:

—Chegamos em nosso paraíso!

O local era raso, mas com muita fartura de peixes, muitos animais de várias espécies se alimentavam ao redor do lago e nem se importaram com nossa presença.

Pai Inácio disse que teríamos que fazer nosso quilombo um pouco distante dali no meio das árvores ele temia por nossa segurança como o local era muito aberto poderíamos ser vistos das montanhas distantes.

Assim, escolhemos um bom lugar protegidos por árvores grande e um bom descampados entre elas.

Material naquela floresta para a construção não faltaria e demos início a construção do quilombo que era nossa prioridade, para deixar tudo pronto da forma que precisávamos levamos alguns meses e depois de tudo pronto poderíamos nos dedicar ao garimpo.

Uma noite Mãe reuniu todos e falou que no dia seguinte faria uma ligação com os amigos do plano espiritual que desde cedo deveríamos estar nos preparando.

Eu havia presenciado algumas vezes estas sessões, mas não dava importância, para mim era mais uma dança do que qualquer coisa.

Na noite da reunião tudo seria diferente, segui todos os ritos ditados por Pai Inácio, primeiro banho de ervas, fizemos umas preces em círculo, os negros do quilombo tinham uns instrumentos que faziam com pele de animais e ficavam batendo na parte superior de forma que um som bem forte era produzido.

Muitos faziam uma dança por totalmente desconhecida que eu não me atrevia a tentar dançar.

Pai Inácio e Mãe Maria ficavam girando em volta da roda formada por nós e faziam uma reza que eu não compreendia nada , em seguida jogavam ervas e água da tina em nós.

Alguns negros começaram a cair de joelhos e começavam a falar em línguas que eu não compreendia. Das outras vezes pensei que era o dialeto da terra deles.

Quando eles fizeram outras reuniões eu não me preocupava com o que estava acontecendo pensava ser uma forma de festa ou comemoração que para mim eram danças originais de suas terras.

Naquela noite algo está acontecendo diferente das outras vezes, comecei a compreender as rezas e as falas que os quilombolas falavam mesmo sendo línguas desconhecida para mim.

A cada batuque meu corpo se mexia independente de minha vontade, quando percebi, lá estava eu dançando igual a eles.

Parecia que tudo aquilo era muito familiar, todas aquelas pessoas já faziam parte de minha vida a muito tempo, dançamos e cantamos por muito tempo,

Quando terminou eu estava muito cansada antes de dormir fui conversar com Pai Inácio para que ele pudesse me dar explicações de como eu que nunca tinha participado de nada naquilo e estava dançando entendendo tudo que estava sendo falado.

Todas as falas eram sobre amor, liberdade, perdão, palavras de ajuda e incentivo para que pudéssemos continuar nossa caminhada nesta vida e poder ter uma vida melhor na outra.

Pai Inácio pacientemente me explicou que na verdade a explicação era muito simples, quando temos o merecimento de despertar para a vida espiritual o contato com os amigos espirituais fica fácil, podemos ouvir, ver, escrever falar com ele e principalmente falar por eles para que eles nos ajudarem ou para que nós o ajudássemos.

—Fiquei sem entender nada mesmo, como assim: ouvir, ver, escrever falar com ele e principalmente falar por eles e eles nos ajudarem e eu aos ajudá-los?

—Os espíritos estão presente em nossos afazeres diários, tentando nos orientar e nos induzir a não cometermos erros e seguir os caminhos que combinamos quando estávamos na pátria espiritual. Eles se esforçam e nós como temos nossa liberdade de escolher por qual trilha vamos seguir, e muitas vezes não damos ouvidos e nem vemos o que estão a nos orientar.

—Pai Inácio porque eles estão sempre perto de nós? É Deus que determina quem e quantos espíritos estão nos protegendo?

—Nada acontece nesta vida sem a permissão do Pai maior, quanto a questão de quem e de quanto espíritos estão em nossa volta, tudo depende da quantidade de amigos espirituais que se

propuseram a ficar no plano espiritual e nos ajudar enquanto estivermos encarnados.

—Está ficando cada vez mais confuso, como assim ficarem no plano espiritual enquanto estivermos encarnados.

—Sinhá quando temos amigos e eles querem que possamos evoluir junto com eles, nos incentivam a retornar a pátria material. Aqui nossas penas podem ser abrandadas, poderemos restituir nossas dívidas, fazer as pazes com nossa consciência e auxiliar nosso irmão praticando o amor, bem como desfazermos inimigos de outras vidas para que eles possam também evoluir junto com a gente e nos perdoar das mazelas que cometemos com eles.

—E estes nossos amigos sabem do nosso plano encarnatório e estarão sempre nos orientando a seguir os caminhos corretos para que possamos cumprir sem maiores prejuízos?

—Claro sinhá, que muitos outros amigos ou inimigos vamos fazendo nesta nossa caminhada evolutiva e fazer inimigos é muito fácil: qualquer motivo de contrariedade, orgulho, agressão, desprezo, falcatrua, desrespeito, tirar vantagens, querer ser o soberano, e muitas outras atitudes de nosso dia a dia poderemos fazer inimigos que poderão nos perseguir por encarnações.

—Fazer amigos que é difícil é um exercício de companheirismo sem cobrança, não fazer ao outro o que eu não gostaria que fizessem para mim, deixar meu orgulho em benefício dos outros, praticar o amor primeiro para consigo e depois para com o semelhante, saber ceder e respeitar as diferenças.

—Quem tem um amigo tem um tesouro, só que este tesouro não pode ser de mão única é algo que as duas partes possam usufruir.

Saber dividir, compartilhar, respeitar e principalmente poder ajudar em tudo o que for preciso, por isso que muitos de nossos amigos com uma evolução melhor que a nossa pode ficar temporariamente nos protegendo enquanto estamos envolvidos neste corpo físico.

—Tudo isso para mim Pai Inácio é muito novo e como o senhor e Mãe Maria tem tanto conhecimento assim.

Pai Inácio riu, e respondeu:

—Também temos nossas dívidas a resgatar, falimos em algumas encarnações e aqui estamos juntos nesta terra de redenção para tentar redimir de nossos erros.

—Foi traçado por Deus um grande plano para esta nova terra, muitos espíritos aqui encarnaram ou para aqui virão igual a sinhá que foi trazida para estas terras.

—Porque qual a finalidade?

—Os planos de Deus e de Jesus são para que muitos consigam a melhora que precisam e muitos estão vindo com a missão de transformar estas terras na pátria do evangelho de Jesus.

—Muitos núcleos de intercâmbio com os espíritos serão instituídos, cada um terá seu jeito sua forma de intercâmbio com o plano espiritual, muitas colônias espirituais serão formadas nessa terra para socorrer espíritos enraizados no ódio e na vingança.

—Nosso trabalho de hoje com os espíritos foi o que chamamos de socorro espiritual, é a oportunidade que estes irmãos possam se aproximar de nós, ver que a vida continua e que não tem porque permanecerem na ignorância, no ódio e na escuridão.

—Que poderão ser recolhidos para as colônias e lá reaprenderem e poderem nestas novas terras encarnar para uma nova oportunidade evolutiva.

—O que eu não entendo bem foi quando falou destes núcleos de intercâmbios, porque a igreja católica que constroi muitas igrejas aqui não pode auxiliar nesse socorro?

—Sinhá Madalena elas estarão sim auxiliando, mesmo que seus dirigentes não tenham esta consciência. A diferença entre a igreja e estes núcleos é que nos núcleos há o contato com todos os espíritos, pode ser os de luz que trarão cura e conhecimento como poderá ser com os espíritos que estão em dor e sofrimento e não aceitam ajuda, assim como também aqueles enraizados no mal que não aceitam Jesus como o filho de Deus e salvador de todos nós.

—Pai Inácio estes núcleos poderão sofrer perseguições da igreja e seus frequentadores poderão ser marginalizados?

—Isto todos que estão a frente já tem esta consciência, o trabalho tem que ser iniciado, muitos irmãos que morrem ficam perdidos no plano espiritual não aceitam nenhum tipo de ajuda e quando são trazidos para estas sessões podem tomar a consciência e aceitar ajudada devido a energia espiritual em conjunto com a energia física.

—A missão destes dirigentes será árdua, eu é que não quero estar na pele de um deles! Eu disse preocupada.

—Muitos espíritos pediram para aqui encarnar, alguns encarnaram como brancos e outros como negros e outras raças também aqui virão, a transformação destas terras na Pátria do Evangelho é um fato, de modo que todos os que se propuseram a trabalhar nisso não esmorecerem.

—E se a maioria dos que pediram esta missão falharem?

—Não se preocupe sinhá é vai acontecer sim, muitos quando aqui chegarem se preocuparam em usufruir das coisas matérias e as questões espirituais ficará para mais uma encarnação, mas a fileira para atender ao chamado de Jesus é muito grande e muitos querem uma oportunidade encarnatória nestas terras além-mar.

—Nós sinhá já fazemos parte destes espíritos que aqui estão para auxiliar nestas mudanças.

—Então eu vim parar no grupo errado! Demos uma grande gargalhada.

—Nada é por acaso sinhá está aqui para cumprir sua missão e o despertar para a espiritualidade não foi por acaso.

—Pai Inácio ainda vou precisa aprender muito sobre tudo isso!

Somente então percebi que uma grande luz envolvia Pai Inácio e que suas palavras eram diferentes do habitual que ela falava, quem estava dando as orientações através de Pai Inácio para mim era desconhecido.

Pai Inácio continuou a me ensinar:

—Sinhá demorou um pouco para perceber que Pai Inácio emprestou seu físico para que pudéssemos falar através dele!

Ri bastante.

—Agora sim que percebo.

—Sinhá nós espíritos precisamos do corpo físico dos irmãos que se propõem a ajudar para poder realizar os trabalhos e dar as

orientações que serão necessárias, dia chegará que somente o pensamento será suficiente.

—Então o irmão é um dos espíritos que ajudam este grupo nestes trabalhos futuros?

—Sinhá lembrou bem, sou somente um dos pequeninhos ajudantes deste imenso trabalho de evangelizar esta terra, muitos trabalhadores de Jesus aqui estão auxiliando.

—E como vou chamar o irmão já que não é Pai Inácio?

—Simplesmente sinhá me chame de irmão, não é preciso nomes, se sinhá quiser poderá estabelecer o nome que quiser para nós isso não tem importância, estamos aqui somente para trabalhar na construção das colônias espirituais. Nesta imensidão de terras, muitas colônias serão necessárias, cada espírito que retorna a pátria espiritual tem suas convicções e certezas. Precisamos nos adaptar e construir com as vibrações adequadas para poder atender a todos, nossa pátria também atenderá espíritos vindos de outras terras e que aqui ficarão em adaptação para poderem aqui encarnarem.

—Bom Saber que muitas colônias do bem aqui estão sendo construídas.

—Todos os trabalhadores de Jesus estão empenhados nisso, o problema sinhá são os espíritos enraizados no mal e que não aceitam Jesus. Eles também estão se organizando para cada vez atrair espíritos na prática do mal e induzir o mal na mente dos que vacilam em suas caminhadas, e como sabem de nosso trabalho para a construção do bem, estão vindo espíritos de outras moradas com a missão de impedir que nosso projeto tenha sucesso.

—Irmão como Deus e Jesus permitem que isso aconteça, poderiam simplesmente impedir, mantê-los presos em algum lugar.

O irmão riu e me falou:

—Se fizessem isso interfeririam na liberdade de escolhe e no progresso de cada espírito, todos nós temos os mesmos direitos e evolução, uns demoraam um pouco mais do que os outros, mesmos os endurecidos poderão atingir a perfeição divina e aqui neste planeta que é uma terra de provas e expiações todos poderão evoluir.

—E aquele que preferirem permanecer eternamente no mal?

—Terão novas oportunidades, mesmo que estas oportunidades sejam em outras terras.

—Como assim em outras terras? Você fala de outros lugares aqui mesmo na terra?

—Muitas são as moradas de Deus, e os que aqui não conseguirem evoluir serão levados para outras moradas e lá iniciar novamente sua caminhada em busca da prática do bem, do perdão e do amor ao próximo.

—Irmão isso tudo para mim é muito novo e estranho.

—Não se preocupe o tempo é o melhor remédio e é a melhor escola para o espírito, sinhá já se faz tarde e Pai Inácio precisa descansar. Seu corpo físico e todos vocês precisam descansar para amanhã seguirem seus rumos.

—Quando poderei novamente conversar com o irmão?

—Sinhá terá muitas oportunidades fique na paz de Jesus e Deus seja louvado.

—Não sei nem o que responder irmão?

—Responda simplesmente que Deus para sempre seja louvado!

Pai Inácio foi serenando seu semblante e após um sorriso me disse boa noite sinhá.

—Boa noite, eu estava maravilhada com tudo que havia acontecido!

Comentei com Pai Inácio, Mãe Maria e Laércio que tudo observam se aproximaram de nos. Então eu pude fazer mais algumas perguntas que ainda remexiam em minha cabeça. Mãe Maria falou:

—Tudo ao seu tempo sinhá!

Rimos e eu falei:

—agora vou dormir o cansaço era grande e amanhã ainda temos muito trabalho!

—Até amanhã sinhá dorme para Jesus!

Capítulo 13 –Encontro com as pedras preciosos

de conforto naquele lugar. Sabíamos de várias histórias de animais selvagens que atacavam sempre a noite, por isso precisávamos de abrigos apropriados.

Com nosso grupo não tínhamos tido nenhum acidente e esperávamos continuar assim teríamos que nos prevenir.

Passados alguns meses de nossa chegada no novo lugar, precisávamos iniciar a procura por pedras. Alguns dos quilombolas, ficariam incumbidos em, continuar com o plantio das sementes e das raízes que havíamos trazido.

Um outro grupo ficaria incumbido de fazer as armadilhas para poder pegar as caças para nos alimentar, pois o estoque estava no final.

Um outro grupo, onde eu estava incluída, ficou responsável em providenciar para encher as cuias de água e armar as armadilhas feitas de cipós e galhos para pegar os peixes.

No dia seguinte cada grupo saiu para a execução de suas tarefas, comigo foram Oliveira, Laércio e mais 2 negros experientes em montar as armadilhas. Também vieram nos ajudar Janaína e Ângela, duas negras marcadas com cicatrizes em seus rostos por se recusarem a atender os desejos de seus donos, mesmo com a fartura de peixes e animais a tarefa não era fácil.

Começamos a colher os galhos e cipós necessários para a construção de armadilhas para pegar peixes que seria tarefas dos homens, eu e as mulheres fomos do outro lado da lagoa para poder tomar banho.

Aprendi com elas e passar o barro preto da lagoa para deixar minha pele limpa, minha cor não era mais branca como era antes, não era uma cor negra, era bem escuro para os padrões de Portugal, segundo os negros eu já estava ficando com a cor dos brancos daquele lugar.

Nos divertíamos muito, uma jogando água na outra, pegando barro negro e atirando para todos os lados.

Em uma desta brincadeira eu peguei um pouco de barro negro e atirei em Janaína que já estava do lado de fora do lago, vestindo suas roupas para ir ajudar os homens, minha intensão era fazer com que ela ficasse suja e tivesse que voltar a tomar banho, quando o barro bateu eu seu rosto fez uma ferida e começou a sangrar, corremos em sua direção.

Eu estava em pânico pedindo desculpas, como aquele barro poderia ter ferido Janaína, o barro quando jogávamos ele se desfazia deixando tudo preto em sua volta.

Janaína disse não se preocupe sinhá não está doendo, eu a abracei e comecei a chorar, perdão nunca mais farei isso, vamos lavar este rosto e ir para o quilombo para Mãe Maria cuidar com suas ervas.

Sinhá este barro é mais duro do que os que estávamos brincando quando ele bateu em meu rosto não esfarelou.

Procurei no chão o torrão de barro e realmente Janaína tinha razão ele era bem duro e além disso tinha uma ponta amarela.

Voltamos até onde estava os homens o sangramento de Janaína havia parado eu tinha colocado um pedaço de pano.

Os homens invés de nos ajudarem ficaram e rindo de nós e fazendo brincadeiras.

Falei para eles, vocês estão achando que não doeu? Disse Janaína, sinhá pega essa pedra e joga na cabeça deles, para eles sentir como dói.

Eu havia trazido a pedra junto comigo e fiquei fazendo que jogaria se eles não pedissem desculpas.

Oliveira quando viu a pedra parou de brincar e disse sinhá deixa eu ver esta pedra.

É somente um pedaço de barro que endureceu, entreguei para Oliveira ver.

Oliveira começou a sorrir:

—Os espíritos falaram que as pedras jorrariam e não que a sinhá jogaria nas cabeças!

Não entendemos nada do que ele estava falando, perguntei:

—Como assim jorrariam eu não que eu jogaria?

—Estou brincando com a Sinhá, como os espíritos falaram que nestas terras estaríamos encontrando as pedras esta é uma prova que eles não mentiram.

—Oliveira está é um pedaço de barro preto nada mais.

—Sinhá veja este pedaço de pedra grudada nela, ele me mostrou um pedaço de uma pedra um pouco amarela, para mim não fazia sentido nenhum, eu somente sabia da pedra brilhante igual à que eu tinha achado e era iguais ela que eu procurava.

—Esta pedra é chamada de ouro, tem valor menor que diamante, mas é bem valiosa e é mais fácil de ser vendida.

Laércio falou:

—Eles também nos informaram que as pedras que encontraríamos seria diferente das que procurávamos e aí está dentro de uma pedra preta.

—Graças a cabeça de Janaína! Disse Oliveira, todos rimos.

Armamos as armadilhas e retornamos ao quilombo para levar a novidade aos demais.

Chegamos no quilombo, reunimos todos e mostramos a pedra que encontramos e que ela seria o início de nossa liberdade.

Oliveira falou:

—O trabalho será árduo para encontrar as pedras teremos muito trabalho, termos que nos organizar em turnos de trabalho e de forma que cada grupo garimpe em um lugar. O lago é grande e elas poderão estar no fundo ou em suas beiras.

Laércio salientou que seria preciso montarmos guardas nas montanhas distantes, pois se grupos de viajantes passarem nestas montanhas poderão nos avistar ao longe e seriamos delatados aos capitães do mato que procuravam negros nesta região e que se fosse visto viajantes teríamos que sair do lago de imediato.

Um outro grupo também ficou de guarda nos arredores do lago, como ele servia de local de alimento e água os grandes gatos selvagens poderiam se aproximar e nos atacar sem que percebêssemos e ficaríamos indefesos.

O garimpo funcionaria da seguinte forma: um grupo ficaria dentro do lago retirando o lodo e outro grupo com as cuias ficariam lavando o lodo e retirando as impurezas e as pedras que forem encontradas.

Em primeiro lugar teríamos que terminar a construção de todo o quilombo, uma parte do grupo ficaria no quilombo cuidando dos afazeres doméstico enquanto os demais estariam no trabalho envolvidos com o garimpo.

Laércio pessoalmente escolheu os lugares onde os negros que ficariam de guarda nas montanhas e que pudessem ter visão distante da possível chegada de estranhos, os lugares escolhidos eram providos com água próxima e as conduções dos negros

vigilantes ficassem seguras contra o ataque de animais. Dois negros se revessariam na vigília e cada 2 dois dias, estes grupos revessariam com o trabalho do garimpo e os afazeres doméstico. Desta forma todos nos faríamos todos os trabalhos, sem privilegio as distinções entre homens e mulheres.

Algumas semanas se passarão até que tudo estivesse organizado para darmos início ao garimpo.

Capítulo 14 Venda das primeiras pedras

Aproximadamente 2 anos se passaram após o início do garimpo, naquela noite nos reunimos para conversarmos, já havíamos recolhido uma boa quantidade de pedras, entre elas ouro, pequenos diamantes e esmeraldas.

O lugar realmente era como os espíritos haviam prometido.

Já precisávamos de ferramentas para poder garimpar melhor, precisávamos de sementes, roupas e utensílios domésticos e falávamos em levar todas as pedras e fazer uma boa troca.

Oliveira acalmou a todos e disse:

—Não poderemos levar tudo que já encontramos a quantidade é maior do que muitos garimpam por anos, levantará grandes cobiças e como um grupo de negros tinha uma quantidade de pedras seriamos acusados de ter matado brancos que seriam os verdadeiros donos e tomado suas pedras.

Oliveira tinha razão teríamos que levar uma pequena quantidade e trocar pelo mínimo necessário e que no máximo 3 negros deveriam partir.

Mãe Maria disse que a prioridade seria comprar roupas e sapatos de branco para que eu pudesse usar, aquele tempo todo eu usava roupas feitas por Mãe Maria com retalhos que os negros tinham no quilombo.

Seria a forma de na próxima viagem eu poder ir junto e negociar a venda das pedras diretamente no mercado das pedras desta forma poderia levar uma quantidade maior e poder trocar por uma quantidade maior de coisas.

Assim ficou estabelecido, em algumas semanas com 5 pedras de ouro praticamente uma quantidade insignificante que não levantaria suspeitas e poderiam ser trocadas com um dos comerciantes na Vila de Todos os Santos partiriam. A comissão contou com Oliveira e João, que era o negro que mais conhecia as trilhas em direção ao vilarejo, assim comocJoana, pois a presença de uma negra poderia ser útil na hora de adquirir alguns utensílios domésticos.

Oliveira tinha comprado de um oficial de cartório em uma de suas negociações de pedras com o senhor Bartolomeu várias cartas de alforrias, que os negros quando viajavassem para a Terra de Todos os Santos levavariam, para em caso de problemas, apresentarem-se como negros libertos.

Em todas as cartas constava que eram negros libertos pelo senhor Felipe de Loiola, português que libertara seus escravos antes de partir para Portugal, desta forma as cartas não poderiam ser contestadas.

O caminho era longo seria algumas semanas de caminhada, partiriam seguindo o mar o caminho era longo, porém mais seguro, e estando em um pequeno grupo seria mais fácil de esconder, alguns dos capitães do mato quando capturavam negros no meio do mato destruíam as cartas e levavam os negros acorrentados para novamente serem vendidos.

Os negros somente tinham um pouco mais de segurança quando estavam nas vilas dos pescadores ou nas vilas onde os padres Jesuítas os protegiam, nos demais caminhos tinham que ficar escondidos e longe dos melhores caminhos frequentados pelos brancos.

Nós que ficamos no quilombo permanecíamos em oração,para que nada acontecesse com eles e voltassem em breve. Então, demos continuidade aos trabalhos em obediência ao plano de trabalho que tinha sido estabelecido.

Esta era uma forma de já exercitarmos a paciência e o trabalho em grupo. Algumas atividades executadas não eram de nosso agradado, no entanto, fazíamos sem reclamar porquanto era a forma da união do grupo.

Eu por vezes fiquei em vigília nas cabanas nas montanhas. Não era o que me agradava, pois eu preferia estar no garimpo ou nos afazeres domésticos. Todavia, eu aprendia a cada dia a reconher as ervas e para quais as suas utilidades. Aprendi a preparar pratos que eram típicos das terras dos negros, utilizar temperos retirados da mata, aprendi a cortar uma palmeira e dela retirar uma parte mole que depois de cozida e temperada ficava saborosa.

Vários dias após a partida do grupo, estava eu e Carlos, negro forte, no qual faltava um olho, mas isso não o deixa impossibilitado de nada, tanto que foi ele que chamou minha atenção para um movimento ao longe.

Vimos algumas carroças puxadas por bois e um número de aproximada 20 pessoas entre negros e brancos e estavam vindo em nossa direção.

Se viessem direto para onde estávamos levariam uns 3 dias, descemos de encontro com os demais era preciso nos esconder e esconder quais vestígios.

Reunimos todos para traçar os planos, já havíamos deixado próximos ao caminho que fazíamos habitualmente entre o quilombo e o lago vários galhos de árvores e folhas a fim de esconder nossos rastros.

Carlos ficou na vigília para ver se a caravana realmente passaria próximo a nós. No segundo dia ele desceu o morro e falou que da forma que estavam vindo, realmente passariam próximos a nosso quilombo e ao lago.

Naquela noite reunimos para fazer uma oração todos unidos e em roda com as mãos dadas, oramos aos bons espíritos que desviassem eles de nosso caminho.

Se acabassem vindo para o lago poderiam encontrar nossos vestígios. Estes grupos sempre tinham os capitães do mato experientes na caça de negros, o medo atingia a todos, Pai Inácio disse temos que ter fé e não poderemos esmorecer ao primeiro desafio.

Alguns negros falaram em pegar suas armas e fazer uma emboscada na entrada do lago onde formava um funil.

Então Mãe Maria disse:

—Esquecem da promessa que fizemos? Nenhuma gota de sangue deverá ser derramada por causa das pedras e por causa delas que estamos aqui.

O silêncio foi geral:

—Filhos amados! - falou Mãe Maria.

—Nossa decisão de não vingança foi para todas as situações o perigo ainda está longe e se preciso for sabemos onde deveremos nos esconder nas matas e dificilmente seremos descobertos, tenhamos fé!

Alguns de nós fomos vigiar o grupo, eles haviam acampado aproximadamente há duas horas de onde estávamos e passariam a noite naquele lugar. Sabíamo disso pela forma que posicionaram as carroças que demonstavam que ele seguiriam no dia seguinte em nossa direção.

Era uma noite escura, até a lua colaborava para ficarmos escondidos, eu de joelho orei:

— Senhor Deus nos proteja, cheguei aqui por tua benção e sei que tenho uma missão nesta terra, não permita que este grupo que se aproxima não nós encontremos e que passem longe daqui!

Ficamos nos revezando na vigília, em um determinado momento da madrugada sem que percebemos a forma das nuvens uma imensa tempestade se abateu sobre nós, era muito forte e com ventos rasantes.

Observamos que o acampamento dos viajantes estava sendo afetado pela chuva. Era uma correria para eles pegarem seus

pertences que se espalhavam, os animais assustados e estavam indomáveis.

Uma enorme cachoeira se forma nas montanhas e descia em direção ao acampamento deles.

Começaram a juntar suas coisas nas carroças e saírem em disparadas para a direção oposta a enxurrada.

Eu desde que havia desembarcado nunca tinha visto uma chuva tão forte como aquela com raios que brilhavam em todo o céu.

A chuva foi acalmando e a escuridão novamente tomou conta do lugar, não conseguíamos saber ao certo o que havia acontecido com o grupo, tínhamos que aguardar até o amanhecer para ter notícias e se preciso, correr ao quilombo para informar aos demais.

O amanhecer era sempre lindo, naquela manhã parecia estava muito mais bonito ainda. O brilho amarelo do sol, seus raios, o cantar dos pássaros, tudo parecia muito mais bonito. Quem não tivesse presenciado não saberia que na madrugada tinha acontecido uma tempestade sem igual.

O caminho que levava ao lago estava tomado por árvores, galhos e lodo caídos da montanha, impedindo assim a chegada até nosso lago.

E no vale nenhum sinal do acampamento, todos haviam partido.

Carlos foi até uma parte mais alta onde sua visão seria melhor e quando retornou seu rosto era de pura alegria:

—Sinhá todos se foram partiram para outras bandas!

Rimos muito, nos abraçamos e como crianças corremos para avisar aos demais habitantes do quilombo.

Naquela noite fizemos uma nova reunião, na qual os amigos espirituais poderiam nos trazer as mensagens necessárias para acalmar nossos corações.

Na reunião desta vez quem fez o intercâmbio com os amigos espíritos foi Mãe Maria:

— Fios amados, nois os espíritos pudemos ajudar por causa da fé de cada um e em saber que todos estavam dispostos a não derramar uma gota de sangue!

—A proteção sempre é grande, mas em determinado momento a liberdade de escolha colocará cada um a prova de suas promessas, nesta hora será necessário não esmorecer e mesmo que vem dor e sofrimento suas promessas deverá ser cumprida;

—E na dor e no sofrimento que nossa evolução é maior é não descreditando de Deus e de seu amparo, temos sempre fé e a certeza que outras vidas nos espera, fiquem na paz de Deus, e que seja louvado.

Todos nós respondemos em um só coro:

—Para sempre seja louvado!

Capítulo 15 – Chegada na vila

Mais de dois meses haviam se passado da partida de Oliveira, Joana e João para tentar vender as pedras.

João falou que eles deveriam cortar o caminho pelos morros. Deria uma caminhada difícil, mas sairiam diretamente na vila dos pescadores.

Assim fizeram e quando novamente retornaram na direção da praia já era possível avistar algumas cabanas abandonadas pelos pescadores. Em uma delas aproveitaram para descansar e se refazerem da viagem. Oliveira não poderia seguir com eles até o local destinado a vendas das pedras, como ele era fugitivo da fazenda do senhor Bartolomeu e como era Oliveira quem fazias as negociações, ele poderia ser reconhecido no vilarejo.

A carta de alforria não teria validade e todos saberiam que as cartas eram mentirosas e os negros não poderiam correr este risco, elas seriam ainda de muita utilidade em outras viagens.

No dia seguinte João e Joana seguiram até o botequim do português senhor Vasco para negociar as pedras, Oliveira ficou ali pelo lugar observando os movimentos das ondas e dos pássaros.

A história que João contaria seria que haviam aprendido com um negro a garimpar pedras e que em suas caminhadas de mais de 3 anos, tinha conseguido aquelas pedras. Desta forma eles não despertariam suspeitas, pois se falassem que tinham encontrado de uma forma rápida ou em um lugar só, com certeza seriam obrigados a revelar o lugar.

O senhor Vasco dono do Botequim tinha vindo de Portugal em uma situação igual a Joaquim tinha sido condenado por ter roubado pratas de um viajante, e ao ser trazido para o Brasil, recebeu a missão de ficar para cuidar dos Padres Jesuítas da Cidade de Todos os Santos.

Com o passar do tempo, com a ajuda de um padre, Vasco montou seu botequim no qual ele comercializava tudo. Recebia as

mercadorias de Portugal e aqui distribuía. Com a gratidão pela ajuda do Jesuíta ele fez a promessa em ajudar os negros escravos em tudo que pudesse e assim o fazia.

Ele e o senhor João Batista eram os comerciantes nos quais os negros poderiam fazer negócios com as pedras encontradas sempre por um bom preço ou por uma boa troca de mercadorias.

João e Joana chegaram ao botequim e pela expressão Vasco já sabia que eles tinham pedras para vender, no botequim havia dois tropeiros e dois negros a cobrar mercadorias. Como sempre faziam para não despertar suspeitas, pediram que os negros fossem ao fundo do botequim pois a mercadoria de seu patrão já estava separada, também pediram que os dois lá esperassem até ele atender os fregueses.

João e Joana assim fizeram e lá ficaram a esperar. Depois que os fregueses já haviam partido, seu Vasco se aproximou e falou:

— que desejam de mim?

—Senhor Vasco temos aqui algumas pedras que ao longo de 3 anos conseguimos ajuntar e precisamos trocar por mercadorias e o senhor é o único que pode nos ajudar, não poderemos ir até o mercado das pedras fazer isso.

—Fizeram bem meus queridos, as coisas no mercado das pedras estão cada vez piores, depois que apareceu um administrador novo com ideias diferentes a forma de comprar e vender ficaram difíceis, ele quer saber de cada vendedor os lugares exatos onde as pedras foram encontradas e se estas informações não forem dadas as pedras não são comercializadas e poderão ser confiscadas em nome do Rei de Portugal.

—Segundo ele é ordem do Rei demarcar quais as regiões onde e quais as pedras são encontradas. Cada explorador terá o direito a reivindicar estas terras para sua propriedade e lá montar suas moradas.

—O problema é que em sua maioria os garimpeiros estão sempre migrando de um lugar para outro, exploram até acharem que o veio secou e assim parte para nossos rumos. Respondeu João.

—O administrador não se importa com isso quer saber os lugares exatos. Replicou o senhor Vasco.

—E quando o senhor vai fazer a comercialização das pedras eles não questiona?

—Como são sempre poucas pedras ele não se importa muito, sempre guardo algumas para fazer pagamento direto, quando as caravelas me trazem as mercadorias. Por troca de favores, às vezes o administrador autoriza um ou outro comerciante a ir diretamente em São Sebastião vender as pedras, onde os preços são melhores.

—Mas vamos lá, me digam o que precisam e eu vejo o que poderei atender.

—Esta quantidade não é muito grande e melhor assim desta forma não levantaram suspeitas e as ambições dos desocupados que perambulam por aqui.

João falou:

—Eu e minha esposa gostaríamos de poder ter roupas novas. As nossas estão migalhas e também uma botina para Joana, estamos querendo fazer um plantio e precisamos de algumas ferramentas e sementes e também um chapéu igual aquele que o senhor tem na venda.

—Está querendo parecer um português? Senhor Vasco deu uma gargalhada.

—Não, disse Joana e que eu gosto muito deste tipo de chapéu, acho que João ficaria bonito vestido em um.

Senhor Vasco, disse:

—Está bem eles são bonitos mesmos, vamos ver o que posso fazer, vou trazer comida e bebida para vocês se alimentarem.

Quando voltou trouxe algumas roupas para João escolher, João perguntou ao senhor Vasco se poderia ficar com duas calças e duas camisas e com a botina

—Claro que sim, mas a botina e de homem sua mulher vai usar assim mesmo?

—Senhor Vasco, na lida com a terra estas botas são as melhores.

—Certo se assim prefere, negócio feito.

—Fiquem mais um pouco quando puderem sair eu aviso vocês.

Já estava escuro quando seu Vasco fechou o bar, disse que tomássemos cuidado e nos deu um embrulho contendo comida para nos ajudar na viagem.

Seguimos a beira praia, tínhamos que passar próximos a aldeia dos pescadores e naquela hora o movimento da praia era grande, pois estavam preparando-se para ir para o mar buscar os peixes de cada dia.

Quando passaram por um grupo, um dos negros se aproximou e falou:

—Boas noites

João e Joana assustados, responderam:

—Boas noites.

—Eu estava na venda do senhor Vasco quando vocês foram lá. É verdade agora estou reconhecendo.

—Foram negociar pedras com ele?

Não tínhamos como negar, poisd entre os negros este comércio era sabido por todos:

—Conseguimos algumas pedras e precisamos trocar por mercadorias.

—Fizeram bem senhor Vasco é sempre justo em suas trocas, o senhor João Batista antes de morrer também pagava bons preços, hoje o seu genro explora o máximo que pode, mas para onde estão indo a estas horas da noite.

Precisamos seguir deixamos nosso amigo no caminho a nos esperar porque ele não estava se sentindo bem e ficou eu uma das cabanas da praia.

—De forma alguma vou deixar vocês partirem, vocês estão com jeito de muito cansados, precisam antes de tudo descansarem e se alimentarem tenho uma cabana que divido com minha mãe e meus irmãos. Somos libertos e trabalhamos na pesca, venham comigo ficaram em nossa casa alguns dias, eu sou Santiago.

—Também fomos libertos pelo senhor Felipe, eu sou João e minha esposa é Joana, não podemos ficar precisamos ir até nosso amigo, ele está doente.

—Deixaremos sua esposa na cabana e vamos buscar seu amigo, e cuidaremos dele assim que estiverem restabelecidos se quiserem poderão partir se preferirem poderão ficar conosco sempre teremos um barco a mais para a pesca e braços fortes é o que mais precisamos.

Sabíamos que não poderíamos recusar se fizéssemos isso levantaríamos muitas suspeitas e realmente estávamos muito cansados foram muitos dias pelo caminho.

Fomos muito bem recebi por todos, Joana ficou na cabana e fomos ao encontro de Oliveira, eu Santiago e seu irmão Miguel.

Chegamos na cabana e eu falei:

—Amigo você melhorou!

Oliveira ao ver que cheguei com mais dois negros, respondeu de imediato.

—João estou melhor sim acho que foi o cansaço da viagem.

—Este é Santiago e seu irmão Miguel negros libertos que nesta vila tem um negócio de pesca.

—Prazer sou Oliveira.

Santiago quer que fiquemos em sua cabana por alguns dias até nos restabelecemos, Joana já ficou lá.

Oliveira para não levantar suspeita e te mesmo ter tempo de verificar como estavam as coisas na vila, já a muito tempo não vinha e para poder trazer as próximas pedras e mesmo que Madalena pudesse vir seria bom saber melhor os acontecimentos.

—Não queremos incomodar

—Será um prazer para nos acolher nossos irmãos de raça, sei que estão vagando de um lugar para outro sem rumo quem sabe possam encontrar morada por aqui.

—João estamos a muito tempo vagando de um lugar para outro, os capitães do mato não respeitam nossas cartas de alforria.

—Aqui eles não têm morada o grupo contra a escravidão dos negros aqui tem grande empenho e os negros têm maior liberdade. Alguns capitães do mato estão se transformando em segurança de alguns comerciantes e viajantes, porque está havendo muitos assaltos às caravanas que chegam e partem daqui.

—Se não vamos trazer problemas gostaríamos sim de ficar alguns dias para descansarmos e conhecer melhor as coisas aqui.

Santiago ficou feliz pois era sempre bom poder ajudar os irmãos.

Fomos para a vila dos pescadores, lá fomos bem recebidos por todos e principalmente por Dona Marli, mãe de Santiago e Miguel, Joana estava bem alojada e alimentada somos alimentados.

Miguel era solteiro e Santiago era casado com Justina, morena clara. Ficamos sabendo que ela era filha de um português com uma negra escrava que após o nascimento ela e sua mãe foram libertas, que sua mãe teria ganho uma boa quantia em dinheiro do pai de Justina e sua mãe soube investir bem o dinheiro na compra de terras e de barcos.

Mãe Marli nos lembrava Mãe Maria, cabelos brancos, estatura média, cabelos brancos, sorriso farto, tudo nela nos lembrava Mãe Maria.

Nos alojamos em redes penduradas, não era nosso costume, dormíamos em esteiras no chão, naquela noite o cansaço era

grande e não fazia diferença do lugar e Santiago e Miguel saíram para pescar.

Na manhã seguinte como de costume acordamos com os primeiros raios do sol

E já estava em pé Mãe Marli que nos recebeu com um grande sorriso.

—Bom dia Oliveira.

—Bom dia Mãe Marli se é que posso chamar assim.

—Claro que pode, nós as pretas velhas somos mães de todos e aqui na vila todos os negros e os brancos me chamam de Mãe Marli.

Perguntei por Santiago e Miguel, Mãe Marli respondeu:

—Estão chegando, quando o sol vem trazem eles também.

—Será que poderemos ajudar em alguma coisa?

—Trabalho sempre tem e braços fortes para ajudar é sempre bem-vindo, tomem seu café vou pedir para Justina levar vocês até onde eles atracam seus barcos.

Depois do café fomos até a praia aguardar por eles, após um tempo avistamos alguns barcos chegando, fomos ajudar no que pudéssemos.

Os peixes eram tirados do barco e colocados em cestos grandes, cada barco ajuntava seus peixes, as redes eram tiradas dos barcos e estendidas em varões próximos as cabanas, Santiago falou:

—Hoje a Mãe das águas nos abençoou com muitos peixes.

Perguntei ao Santiago de que forma os peixes eram vendidos

Santiago respondeu:

Separamos uma parte para nossa família, uma parte para os pescadores que não puderam ir ao mar ou aos que não conseguiram ter uma boa pesca e o restante é vendido no mercado e também nas casas dos brancos que fazem encomendas antecipadas.

Como assim vocês fazem vendas diretamente aos brancos?

—Sim Oliveira, hoje nesta terra muitos brancos têm um bom relacionamento com os negros, negociamos os peixes e os quitutes feitos por nossas mulheres.

—Estamos muito tempo nesses matos e não sabíamos disso.

Não fique animado Oliveira, ainda há muitos brancos aqui e em outros lugares que tratam os negros como escravos mesmo eles sendo libertos, fazendo todos os tipos de maldades, um simples olhar em sua direção o negro pode ganhar uma chibatada.

—Essa é a realidade que vivi e sei e tudo que está nos contando Santiago.

—Não vamos falar de coisas tristes, vamos recolher tudo e ir para a cabana, Mãe Marli vai preparar uma boa refeição com estes peixes depois vamos fazer a divisão dos frutos que o mar nos ofereceu e depois vamos até a vila fazer as vendas.

—Poderemos ir com vocês? Perguntei para Santiago.

—Claro que sim será um prazer.

Para mim seria uma ótima oportunidade de ver como estava o lugar e saber detalhes do mercado das pedras.

Oliveira e João acompanharam Santiago, Miguel e alguns outros pescadores até o mercado e outros pescadores foram fazer as entregas diretamente nas casas dos brancos.

Oliveira para evitar ser reconhecido preferiu ir ao mercado, ele precisava saber sobre como estava funcionando o mercado das pedras.

Santiago vendia os peixes na barraca de Isabel, o lugar era próximo ao mercado central, a barraca dos peixes estava instalada de uma forma que Oliveira tinha uma boa visão do mercado das pedras.

O lugar ainda era o mesmo de quando ía lá para fazer as trocas, era de uma construção de dois andares, na entrada tinha uma grande porta que se dividia ao meio, três janelas grandes que ficavam fechadas e na parte de cima, duas janelas com varada uma dava vista para a Praça e parte central da vila e a outra dava vista para o porto.

A praça era conhecida como praça dos negros, porque era o lugar onde era realizado as vendas dos negros recém-chegados dos navios, a praça tinha uma ladeira que dava acesso ao cais do porto.

A janela que dava vistas para o porto ficava semiaberta, e às vezes um homem branco grande com barba preta, roupas de nobre aparecia por lá. Ele tinha um detalhe diferente en suas botas que elas iam até o joelho, diferente das que habitualmente todos naquele lugar utilizavam. Ele saia na varanda e olhava todo o movimento da praça do mercado, mas principalmente do Cais e voltava para dentro do prédio.

Uma coisa que estranhei era a quantidade de soldados que cercavam o prédio.

Como se eu não soubesse que prédio era aquele perguntei a Santiago que prédio era aquele, porque tantos soldados e que homem era aquele, ele me respondeu:

—Oliveira se você fosse branco poderia ter negociado suas pedras diretamente ali.

—Não entendi porque você falou isso?

—Ali é o mercado das pedras e aquele é o administrador Sr Henrique.

Oliveira não o conhecia aquele homem quando negociava as pedras de seu patrão. Era um português já de uns 60 anos e aquele homem aparentava no máximo uns 30 anos.

—Ele é bem jovem para um administrador de pedras, não é?

—Realmente o antigo era bem mais velho, mas pediu ao Rei que queria voltar para Portugal com saudades de sua família e o Rei mandou outro Administrador de sua confiança, mas isso é uma longa história, um dia poderemos falar sobre isso.

—Agora vamos negociar nossos peixes.

Com o passar das semanas nos engajamos nos afazeres dos pescadores: íamos para o mar, arrastávamos as redes, separávamos os peixes, acompanhávamos as vendas no mercado, consertávamos as redes e também passamos a fazer parte de um ritual que mãe Marli fazia uma vez a cada 15 dias.

Era bem parecido com o que fazíamos no quilombo, só não podíamos falar nada, apesar da amizade entre nós, tínhamos receios de uma forma ou outra de nos delatarmos da existência do quilombo, porque muitos brancos pagavam grandes quantidades

de dinheiro por informações da localização de quilombos ou de negros fujões.

Aos poucos procurei me informar melhor sobre a forma de comércio as pedras, descobri que todos que ali chegavam para comercializar as pedras tinham que informar o lugar onde o garimpo estava localizado e assim o Administrador dava uma concessão de exploração do lugar e outros garimpeiros não poderiam explorar o lugar, na verdade o Administrador queria ter controle dos lugares onde as pedras eram encontradas e em casos que o dono morresse o lugar seria repassado para quem o administrador estabelecesse, sem que o Rei tivesse conhecimento.

Fiquei sabendo que muitos dos senhores de garimpo não estavam negociando ali na Vila de todos os Santos devido à desvalorização que o administrador estava dando as pedras. Muitos estavam se organizando em caravanas para ir vender em terras distantes ao oeste da vila. Alguns embarcavam em navios que tinham destino a Portugal para poder vender lá por maiores valores.

Os que tentavam vender em outros lugares que eram pegos pelos soldados tinham suas pedras confiscadas e eram deportados para Portugal sem nada.

Alguns corriam o risco de ir vender em outros lugares indo por estradas precárias e corriam o risco de serem assaltados e até mortos.

Muitos eram os casos de relatos de ladrões que saqueavam e matavam os garimpeiros, a maioria dos assaltos eram em lugares ainda próximos da Vila de Todos os Santos deixando claro que os ladrões eram da vila mesmo, mas ninguém descobria quem eram

estes ladrões e de que forma ficavam sabendo que os garimpeiros fariam a viagem.

Uma noite Mãe Marli realizou sua gira com os espíritos, alguns negros tocavam instrumentos de percussão e cantavam cantigas, para nos nada daquilo era estranho, fazíamos as mesmas coisas com a Mãe Maria, em um determinado momento começaram a cantar uma música que era igual uma que Mãe Maria havia nos ensinado. Eu, Joana e João ficamos espantados, preferimos não fazer comentários para não levantar suspeitas que já conhecíamos aquele tipo de trabalho.

Na reunião na casa da Mãe Marli muitos negros frequentavam e também alguns brancos estavam presentes na seção, no final daquela cantiga eu fui chamado por Santiago que ajudava Mãe Marli nos trabalhos.

Quando me aproximei, Mãe Marli pediu que Santiago se afastasse, fiquei apreensiva porquanto nos atendimentos Santiago sempre estava junto e depois complementava as orientações dadas pelos espíritos.

—Fio não fique assustado Preta Velha não vai fazer mal, o fio reconheceu nossa música?

Fiquei sem palavras não sabia o que responder:

—Fio cada música ou ponto como assim chamamos e para legião de irmãos se aproximarem e essa é para nois os espíritos da linhagem dos Pretos Velhos, como somos chamados aqui, o fio sabia disso?

—Não Mãe Marli.

—Mãe Marli agora empresta seu corpo para que nois preto velho possa se aproximar e ajudar esse povo no que for possível do

merecimento de cada um. Aqui eu me apresentei com o nome de Joaquina e todos preferem me chamar de Mãe Joaquina, esse nome é para eles terem um nome na hora de fazer os pedidos e orações. Nois não precisamos de nomes, pode me chamar simplesmente de irmã, eles ainda precisam do nome por isso Joaquina. O irmão sabia que nós os espíritos considerados pretos velhos viemos de uma constelação acima da terra com a missão de ajudar os espíritos encarnados aqui negros e brancos.

—Não, irmã Joaquina, para mim os pretos velhos são espíritos dos negros que tiveram uma vida sofrida nesta terra e que mesmo assim aceitaram com resignação sua missão aqui e morreram velhos e por isso podem nos dar bons conselhos.

—O fio está certo, muitos dos espíritos que aqui vieram para ajudar foi preciso passar pela experiência da carne neste planeta para poderem ter melhores condições de ajudar, assim igual Mãe Marli e Mãe Maria estão passando.

Irmã Joaquina deu um sorriso.

Eu fiquei sem palavras como mãe Joaquina sabia de Mãe Maria, e nada tinha falado para ninguém.

—Fio, não se assuste para nois espíritos, não existem segredos, nem aqueles que as pessoas acham estar enterrado.

—Fio é chegada a hora da partida de vocês os seus já estão preocupados e o fio já tem toda a informação que precisa para passar aos irmãos que estão no quilombo.

—Irmã como dar a notícia de nossa partida sem magoar nossos amigos.

—O fio fica tranquilo, chame Santiago e Miguel aqui.

Assim fiz, chamei os dois para perto de nós.

—Fios é chegado a hora da partida os fios precisam seguir seus rumos.

Santiago falou:

—Mão Joaquina já estamos apegados a eles, porque precisam partir podem viver em nossa vila invés destas matas.

—Fio eles precisam partir do mesmo jeito que vocês precisam ficar para quando eles voltarem poderem ter abrigo e ajuda para seguir o destino deles.

—Abrigo eles sempre terão eles e quanto mais vierem.

—E eles em breve estão de volta, disse Mãe Joaquina.

E tenha certeza Santiago em breve voltaremos.

—Partiremos amanhã logo cedo, depois que os amigos voltarem do mar.

Mãe Joaquina pediu que Santiago chamasse o irmão Chavier pediu que eu ficasse presente, pensei que seria um dos negros da vila, quando Chavier se aproximou tive uma surpresa era um homem branco, bem-vestido, com um grande bigode no rosto.

Chavier, meu fio, esse é Oliveira nosso irmão.

Chavier com um sorriso me estendeu a mão e me deu um abraço fraterno.

—Chavier, nosso irmão Oliveira ainda luta por sua liberdade e pela liberdade de outros negros e vai precisar muito de sua ajuda no momento certo.

—Mãe Joaquina tudo que eu puder fazer para ajudar eu farei, se precisar já neste momento de alguma ajuda podemos conversar, Oliveira conte comigo em tudo que for preciso.

Novamente Chavier me deu um abraço, eu agradeci e disse que para este momento não precisaria, mas em breve sim, nos despedimos e Mãe Joaquina chamou a esposa de Chavier e perguntou:

—E vocês como estão?

A mulher respondeu:

—Cada dia melhor Mãe Joaquina.

—Os atendimentos como estão?

—Muito bom e nos dá muito prazer e muita alegria, respondeu os dois.

—Continuem assim trabalhando no bem de cada irmão consolando e procurando enxugar as lágrimas e a curar suas feridas!

—Assim faremos irmã.

Irmã Joaquina deu os trabalhos por encerrado e cada um dos presentes foram saindo, então Mãe Marli já estava restabelecida, pois nestes trabalhos de intercâmbio com os espíritos requer um desgaste de energia física da pessoa que está fazendo a ligação.

Para o intercambio é preciso ajuntar os fluidos espiritual e os fluidos físicos, por isso que os espíritos dizem que para haver comunicação é uma parceria 50% de cada um, e se um espírito trouxer uma mensagem que possa prejudicar outros a

responsabilidade não é só do espírito quem está oferecendo seu corpo ao espírito também é responsável, pois ela é a primeira pessoa a ouvir a mensagem e depois transmite.

Quanto ao restabelecimento se a pessoa estiver bem ela é imediato caso esteja com algum problema de ordem espiritual poderá demorar um pouco mais.

Quando Mãe Marli estava bem perguntei quem era o senhor Chavier que Mãe Joaquina pediu que me ajudasse.

—Oliveira ele é um irmão nosso respeita os negros e ajuda em tudo que for preciso e tem muita gratidão por mãe Joaquina.

—Porque gratidão por Mãe Joaquina?

—A esposa dele estava sofrendo um grande ataque de espíritos.

—Eles moravam em Portugal e resolveram mudar para cá para ver se ela se livraria desses espíritos, como se isso fosso tão simples assim.

—Aqui os ataques tomaram maior proporção a ponto que ela tentou contra sua própria vida, Chavier sempre foi um homem que respeitou os negros já ajudou a libertar muitos, mas sua tristeza por sua amada esposa sofrer e ser infeliz e doente, fazia dele um homem muito triste.

—Um dia eu estava entregando os peixes encomendados pelos brancos e fui fazer a entrega na casa dele, quando cheguei percebi a quantidade de espíritos sofredores e raivosos que cercavam o lugar, conversei com uma das negras que cuidava da senhora Hilda e ela falou da doença de sua patroa que a todo instante dava gritos de horror e chorava muito.

—Naquela noite durante nossas seções começamos a fazer as orações para que aqueles espíritos em sofrimento aceitassem ajuda, sabemos que muitos dos sofredores ficam próximos dos encarnados para sugar as energias das pessoas que se afinam em suas vibrações, ou são transidos para perto das pessoas por outros espíritos que querem o mal daquela pessoa para que suas energias ruins contaminem o ambiente e prejudiquem cada vez mais o obsidiado.

—Muitos a cada seção aceitavam ajuda e eram afastados daquele lar e eram levados para uma das colônias que foram construídas nessas terras, ajudando assim muitos espíritos em sua recuperação.

—Por mais que explicássemos os conceitos divinos muitos outros não aceitavam ajuda, após algumas seções Mãe Joaquina pediu que fossemos procurar senhor Chavier e explicássemos tudo que acontecia com sua esposa e oferecer ajuda dizer que ela poderia ter grandes melhoras

Tivemos medo, nossos trabalhos eram somente frequentados por negros, os brancos falavam que tudo que fazíamos era bruxaria e magia negra.

—Tínhamos medo dos padres nos trazerem problemas, nossa convivência era boa, íamos as missas na igreja principa el como não podíamos entrar ficávamos lavando os degraus todos os domingos, com isso os brancos passaram a gostar de nossa presença, e assim devagar fomos assistindo as missas.

—Um dia tomei coragem e fui falar com o senhor Chavier, peguei um belo peixe e fui quando lá cheguei pedi para entregar

pessoalmente para ele, Chavier me atendeu muito bem com um grande sorriso disse:

—Hoje eu não encomendei peixe.

—Eu sei, esse peixe é uma desculpa para que ru pudesse falar com o senhor

—Não precisava de desculpas para falar comigo, mas qual é o assunto que te traz aqui?

Expliquei tudo que estava acontecendo, ele ficou espantado e perguntou:

—Como a senhora sabe destes problemas?

—Não fique bravo senhor Chavier expliquei em simples palavras que eu tinha uma facilidade de comunicação com os espíritos e eles pediram que eu ajudasse no que pudesse e que agora viesse falar com ele.

Então, Chavier confessou que sabia bem estas questões de espíritos, que em Portugal sua esposa já tinha passado por várias seções de exorcismos praticada pelos padres da paróquia onde eles moravam que nada resolvia e que mudaram-se para cá para ver se estes espíritos a deixavam ela em paz, mas aqui também ela passou por exorcismos e não melhorou. Como sua esposa só piorava e ficava mais doente, ele preferiu não mais fazer estas seções.

—Falei que era preciso ela pedir desculpas para aqueles espíritos para que eles pudessem partir.

—Eles a perseguiam pelos males que ela tinha feito com eles em outras vidas e as seções de exorcismos tratam estes espíritos como demônios e não como perseguidores de dívidas e não

adiantaria falar que eles queimariam no inferno, porque eles já estão vivendo lá.

—Eles são irmãos que não aprenderam a perdoar e amar ao próximo.

—Senhor Chavier sua esposa está melhor por estes dias?

Ele confirmou que sim.

—Já alguns dias que nosso grupo está realizando seções para ajudar sua esposa, estamos pedindo para que os irmãos sigam seus caminhos e deixem sua esposa seguir o caminho dela, muitos já concordaram e foram socorridos pelo plano espiritual.

Chavier concordou que realmente nos últimos dias sua esposa estava bem melhor, mais animada e fazendo alguns de seus afazeres domésticos.

—Informei que para poder haver a cura por completo era preciso a realização de novas seções com a presença de sua esposa e que para evitar problemas com os demais brancos poderíamos vir em sua casa realizar as seções.

Sua primeira pergunta foi qual será o valor que ele deveria nos pagar, pois os padres cobravam uma quantia muito grande para realizar os exorcismos.

Esclareci que nós não cobrávamos nada, pois de graça recebemos e de graças damos.

—Chavier ficou admirado porque nada cobraríamos e mesmo com receio da repercussão caso outras pessoas soubessem que ele tinha autorizado negros a fazerem magia negra em sua casa, pois

era assim as seções eram chamadas pelos brancos, mês o assim concordou com os trabalhos.

—Iniciamos os trabalhos com 2 seções por semana e os espíritos que perseguiam dona Hilda sem razões concretas, somente por terem gostado das energias ruins que a circulavam e foram feitos de escravos para fazer estas perseguições, todos foram sendo convencidos pelos espíritos de luz que auxiliavam nos trabalhos e aos poucos foram sendo levados as colônias de tratamentos.

—Quando completávamos mais de 3 meses de seções somente faltava um espírito para poder aceitar ajuda. Este irmão alegava que em outra vida ela tinha o enganado nos negócios prejudicando ele em tudo levando eles e sua família a ruína. Por isso ele emdesespero cometeu suicídio, achando que com a morte tudo acabaria e quando acordou para a outra vida se viu no plano espiritual em situação pior do que se encontrava quando vivo. Ele estava cercado por espíritos que iguais a ele estavam em péssimas condições espirituais e viviam do ódio e do rancor. Assim, resolveu perseguir Hilda por todos os lugares, nunca aceitando nenhum tipo de ajuda porque seu ódio era maior que tudo, mesmo quando ele desencarnou ele continuou a perseguir sua obsessão em prejudicar de modo infinito.

—Hilda teve a oportunidade de reencarnar para ver se assim poderia se livrar deles, já que não aceitava ajuda dos amigos da luz.

—Durante muito tempo este irmão não conseguia se conectar com Hilda, suas condições vibratórias eram diferentes e ele mesmo com tanto ódio não a encontrava. Infelizmente Hilda em um determinado momento de sua atual encarnação, devido ao orgulho e prepotência pela condição financeira, que teria ao cacar-se com Chavier, ela abaixou sua condição vibratória e este irmão

conseguiu ter novamente acesso a Hilda e asim, junto com ele vieram vários outros para o ajudar em seu ódio.

—Mãe Marli e como foi que ele aceitou ajuda e se libertou de Dona Hilda? Perguntei.

—Todos estes anos Dona Hilda aprendeu que o irmão era um demônio e que eles tinham que expulsar para que ele fosse arder no fogo do inferno.

—Em nossas seções Dona Hilda aprendeu que os dois eram perseguidos e perseguidores e que cada um tem sua culpa e que somente com a prática do amor e do perdão seria o caminho da liberdade.

—Ela foi orientada a pedir perdão e a orar muito por ele e que se ela tivesse fé em Deus a sua fé curaria os dois desse elo de ódio. Foi orientada que era necessário uma mudança de dentro para fora na prática do bem e do amor ao próximo e que isso deveria ser constante no seu dia a dia. Assim, após muito trabalho e orientações o irmão percebendo a mudança de Hilda e aceitou ajuda . Os dois fizeram um pacto que quando eles tivessem merecimento estariam juntos em uma mesma encarnação, que poderia ser com um familiar próximo ou mesmo quem sabe como pais ou filhos.

—Com o afastamento do irmão para habitar sua nova morada em uma das colônias que foram construídas nesta terra para atender estes irmãos que precisavam de ajuda e se recuperar, trabalhar e estudar para se preparar para uma nova encarnação, as coisas melhoraram.

—Dona Hilda ficou curada e a partir disso os dois começaram a ser assíduos frequentadores das seções e com isso muitos brancos

trazidos por eles. Pessoas que também precisam de ajuda espiritual e tratamento de saúde começaram a frequentar nossas seções e a igreja para não perder seus fiéis frequentadores fizeram vistas grossas e nós continuamos com nossas seções até hoje.

—Dona Hilda e Chavier montaram um trabalho de ajuda arrecadando alimentos e doando aos necessitados.

—E sempre que podem ajudam negros a conseguir suas cartas de alforria e tenho a certeza que eles no momento certo ajudaram vocês e todos do quilombo.

—Fiquei estarrecido com toda aquela história que Mãe Marli contou, principalmente quando ela mencionou o quilombo, perguntei como assim Mãe Marli todos do quilombo?

—Fio não se preocupe sei que vocês três não são libertos e que vieram aqui vender as pedras que acharam e as roupas e sementes tem destino certo.

Fiquei sem graça e pedi perdão por ter mentido todo esse tempo que ali estávamos alojados.

—Fio vocês não mentiram, nos nunca perguntamos se eram negros libertos ou se eram do quilombo.

—Mãe Marli vocês receberam nós com todo o amor e escondemos isso de vocês.

—Não se preocupe o respeito e fidelidade que vocês têm com os negros que estão no quilombo é que importa, mesmo muitos negros já serem libertos e a proibição de navios negreiros atracarem nestas terras a escravidão ainda não é uma realidade. Os negros considerados fujões são castigados ou mortos, muitos

navios ainda trazem escravos que sob a vista de muitas autoridades, estes negros são negociados.

—Será que um dia seremos todos livres Mãe Marli?

—Oliveira se nós negros tivéssemos a consciência que estamos passando por esta condição devido as nossas próprias dívidas e as nossas ignorâncias espirituais e que toda esta prova que estamos passando é para nossa regeneração e para que possamos expurgar todos os nossos defeitos orgulho que acumulamos em vidas passadas, nada do que acontece com os negros é sem permissão do nosso Pai Maior.

—A dor e a resignação e o melhor remédio para cura de nossa alma.

—Mãe Marli suas palavras são iguais as palavras de nossa Mãe Maria no quilombo.

—Então Maria está no mesmo quilombo que vocês e Inácio também está?

Meu espanto foi grande como Mãe Marli sabia de Mãe Maria e Pai Inácio.

—Fio Inácio e Maria são conhecidos por muitos dos negros e dos brancos e perseguidos por muitos dos capitães do mato, os dois são negros fujões que sempre trabalharam para libertar negros escravos de cativeiros e a formarem quilombos por estas terras a dentro, agora acho que os dois já não tem todo o vigor da juventude e devem estarem mais aquietados no quilombo.

—Mãe Marli estão sim em nosso quilombo e pouco falam de seus passados somente nos incentivam em sermos livres em nosso

futuro, mas os dois ainda trabalham muito Pai Inácio até parece um touro de tão forte

Mãe Marli deu uma grande gargalhada e perguntou:

—Inácio ainda continua negro turrão? Que em tudo quer dar palpites.

—Continua sim! -demos boas risadas, eu perguntei:

—Como Mãe Marli sabe de Pai Inácio?

—Eu Inácio e Maria viemos juntos para estas terras e fomos comprados pelo mesmo dono.

—Maria é minha irmã mais nova um ano, Inácio nunca se conformou em ser escravo, fomos trazidos para cá com a promessa de trabalho e de ganhar nossas próprias terras, Inácio e Maria fugiram da fazenda levando muitos outros negros e eu fiquei para poder consolar os outros negros que chegassem.

—Eu e Maria sempre tivemos facilidades com os espíritos, em nossas terras já fazíamos as seções e aqui as escondidas continuávamos e Inácio também começou a fazer parte das nossas seções e com o tempo, foi desenvolvendo os contatos com o plano espiritual.

—Depois que fugiram começaram a percorrer as fazendas e libertando todos os escravos que podiam em algumas conseguiram libertar a maioria e ajudavam todos a construir seus quilombos depois de tudo construído e estruturado partiam para libertar novos negros e construir novos quilombos.

—Tem dono de terra que oferecia fortunas pelas cabeças dos dois, eles pareciam fantasmas apareciam e quando ninguém esperava e sumiam levando muitos negros.

—Mãe Marli quanta novidade, eles têm nos ajudado muito principalmente agora, nos orientam no que fazer, nas seções com espíritos, somos bem orientados e seguimos tudo que é falado pelos espíritos e nunca nos arrependemos disso.

—Eles nos ajudaram a montar nosso quilombo em lugar seguro, agora com suas falas eu compreendo toda a experiência que nos passam para que possamos seguir no melhor caminho, recentemente fizemos uma nova mudança de lugar e os dois estavam sempre juntos para ajudar e como fazer as construções os dois são muito respeitados por todos, eles fazem um trabalho com os espíritos pelo menos a cada 15 dias e as orientações dadas determinam nosso caminhar.

—Oliveira a forma de contato com os espíritos, já é muito praticada por nossos ancestrais. Aqui nestas terras, fizemos as modificações para que pudesse ficar compreensível aos negros e aos brancos. Este tipo de comunicação com os espíritos vai crescer muito, cada lugar terra sua forma de trabalhar a finalidade deverá ser sempre a mesma praticar o amor e a caridade.

—Mãe Marli vamos voltar ao quilombo com muitas novidades e quando voltarmos para cá traremos também muitas outras novidades que será bom para todos nós.

—Assim espero e aqui nossas portas estarão sempre abertas, principalmente para a Sinhá dar início a sua nova vida, mais isso é outra história.

Mãe Marli começou a sorrir e me abraçou.

Como sempre ela me espantava, mas preferir nada comentar, na manhã seguinte partimos para o nosso quilombo além das coisas que compramos com as pedras estávamos levando outras que

adquirimos com o dinheiro que ganhamos nas vendas dos peixes e também coisas que ganhamos dos amigos da vila.

Capítulo 16 - Arthur e Manoel chegando nas terras do senhor Jeronimo

Após o navio sumir no horizonte levando Madalena e Joaquim, Manoel e Arthur pegaram sua carroça e partiram, Arthur ainda ficou olhando para trás por um bom tempo, com o cansaço da viagem deitou entre os pertences que estava na carroça e dormiu um sono profundo.

Algumas horas viajando por estradas secundarias, para evitar a estrada principal, e para não encontrar com soldados de Francisco, ou mesmo encontrar com pessoas que poderiam dar informações de sua direção, parou em uma clareira para descansar e dar água aos cavalos e alimentar Arthur.

Arthur com olhar tristonho comia sem fazer nenhuma reclamação.

Manuel olhando para o neto disse:

—Não fique triste em breve estaremos na nossa nova casa.

—Vovô não estou triste sei que seremos felizes em nossa nova casa e que em breve estaremos novamente todos juntos, não será nessa nossa nova casa, vamos também pegar um navio e ir ao encontro deles nas terras além-mar, vai demorar um pouco todos nós teremos que passar novas experiências e transformações em nosso modo de ser e de viver.

Manuel ficou abismado, seu neto sempre falava coisas que ele não entendia muito, aquelas palavras soaram fortes e com muita

certeza a realidade seria outra, ele naquele momento não contrariaria Arthur, era bom alimentar suas esperanças, eles não tinham nada a perder.

Após o descanso continuaram sua caminhada as terras do parente do senhor Aguilera ficava uns 5 dias de viagem, Manoel tinha certeza que lá ficariam protegidos e distante das possíveis tiranias de Francisco.

Manuel não tinha preocupação em recomeçar tudo novamente.

Aguilera já havia mandado um mensageiro a frente para pedir ao seu primo Jerônimo para acolher Manuel e Arthur.

Jerônimo recebeu a notícia de bom agrado ele estava precisando de pessoal principalmente de um ferreiro experiente.

Pediu ao seu capataz para preparar a casa do lado sul de sua propriedade que após a morte de seu fiel empregado e como sua família preferiu partir para a cidade do Porto e a casa estava vazia e a propriedade sem cuidados, ele tinha certeza que Manuel gostaria do lugar.

A casa era grande e com uma grande varanda ao redor, na parte da frente a propriedade era cortada por um rio, não era muito grande, mas era farto em peixes, todas as manhas pássaros faziam morada no local.

Quando Manuel e Arthur chegaram as reformas na propriedade já estavam prontas.

—Sejam bem-vindos senhor Manoel e Arthur, tenho muito prazer em receber vocês aqui, tenho grandes recomendações de Aguilera sobre seus préstimos, Arthur seja bem-vindo.

Arthur respondeu de pronto:

—Muito obrigado, mas será por pouco tempo nos vamos para além-mar atrás de minha mãe e de meu pai.

Manuel pediu desculpas ao senhor Jerônimo:

—Isso é coisa de criança e não leve em consideração.

—Vovô nós vamos para o além-mar em breve.

Manuel e Jerônimo deram uma gargalhada.

Jerônimo disse:

—Que seja breve então Arthur, Vamos Manoel conhecer a propriedade.

Depois de andarem por tudo Manuel ficou feliz a terra estava conservada e as plantações eram diversificadas, curioso Manuel perguntou porque que as plantações eram diversificadas, como ele estava acostumada a plantações somente de parreiras.

—Manuel esta plantação era para o consumo particular da família de Cláudio, e ele também distribuía com os demais moradores de nossas terras.

Manuel ainda curioso perguntou:

—Qual era o trabalho que ele fazia que podia manter uma plantação exclusiva?

Jerônimo gentilmente explicou ele era meu amigo e foi amigo de meu pai e ajudou meu pai a cuidar de todas estas terras organizava tudo por aqui.

—Quando meu pai faleceu ele deixou em seu testamento esta propriedade e o pedido para que a partir de sua morte, Cláudio

não mais se dedicasse ao trabalho e sim a fazer esta plantação e assim Cláudio fez, cuidou de tudo por aqui e após sua morte sua família preferiu ir embora e eu comprei novamente as terras.

—O senhor não precisava comprar novamente as terras se a família queria ir embora mesmo.

—Isso não seria justo a propriedade não era minha.

Manuel percebeu a semelhança entre Aguilera e Jerônimo e tinha a certeza que ficariam felizes naquele lugar, mesmo sentindo muita falta de Madalena.

Meses já havia se passado Manuel e Arthur estavam empenhado em cuidar do lugar, o menino mesmo tendo tenra idade era muito responsável e ajudava o avô em tudo que podia.

Manuel quando ia para a fazenda principal de Jerônimo cuidar das ferragens levava junto Arthur e eles colhiam as frutas, legumes e hortaliças e no caminho. Assim, iam distribuindo aos colonos, por isso, eram recebidos com grande agrado, todos estavam felizes em saber que a propriedade que foi de Cláudio estava bem cuidada e que Manuel mantivera a tradição de compartilhar os frutos da terra.

Em uma dessas idas encontrou na casa de Jeronimo o senhor Aguilera.

—Manuel que bom que veio amanhã eu faria uma visita, como está grande este menino.

Arthur respondeu:

—Já sou um homem

Todos riram

—Manuel precisamos conversar em particular, o assunto que trago não é agradável.

Arthur falou:

—Se é sobre minha mãe pode falar, ela e meu pai não morreram quando o navio afundou, eles estão vivos!

Aguilera ficou estarrecido e até sentou no banco, senhor Manuel vocês já sabiam que o navio afundou?

Não senhor Aguilera, estamos sabendo agora por sua boca.

—Como Arthur já sabia a notícia que eu estava trazendo?

—Esse menino tem umas esquisitices, já algumas vezes que ele fala vovô não fica triste, a minha mãe está viva.

—Esta é a notícia que trago para o senhor são as informações que chegaram no porto é que a caravela que levava eles, devido a uma tempestade afundou e não se têm notícias de sobreviventes.

Arthur vendo o avô chorar falou:

—Vovô eu já falei a mamãe está viva!

A comoção do senhor Manuel era grande, mesmo seu neto assim falando, ele não acreditava que era possível, que poderiam sobreviver e se sobrevivessem poderiam ter ido para terras que não tinham como eles sobreviverem.

Arthur se mantinha alheio a tudo aquilo.

—Jerônimo só tem feito elogios ao senhor e ao seu neto que faz serviços iguais à gente grande.

—Verdade meu neto me ajuda muito, não só nos afazeres da terra, como me dá motivos para continuar esta minha caminhada, fale um pouco do senhor como estão as coisas?

—Graças a Deus me restabelecendo com ajuda dos amigos e dos parentes iguais Jerônimo.

—Acabei perdendo minhas terras, Francisco ficou com tudo, como era seu desejo, assim ele achava que Madalena seria sua esposa, tudo que acontecia, os roubos os incêndios eu tinha certeza que era a mando dele, eu só não tinha como provar.

—Francisco agora é dono de tudo.

—E nossa antiga casa?

—Ele incendiou tudo, a casa as plantações, matou os animais que estavam por lá, enfim, não deixou pedra sobre pedra, e eu nada pude fazer.

—E quanto ao seu pedido ao Rei para conseguir terras e poder ir para o além-mar e lá cultivar cana-de-açúcar?

—Como minha dívida era grande o Barão de Rochdale interferiu junto ao Rei para que eu não ter o benefício de terras, e o Rei seguindo sua tradição não concedeu as terras. Eu poderia ir para a terra agora chama de Brasil, mas teria que comprar com terras com meu próprio dinheiro e não teria ajuda nenhuma para começar as plantações, assim ficaria difícil então vou ficando por aqui mesmo.

Arthur que tudo ouvia em silêncio falou:

—Senhor Aguilera não se preocupe, em breve o Rei vai dar as terras para o senhor no além-mar, vou pedir uma coisa quando o senhor for morar lá leva eu e meu avô junto?

Os três ficaram estarrecidos, senhor Aguilera disse:

—Arthur dificilmente após o Rei negar um pedido voltaria atrás e concederia as terras.

—Para o senhor neste momento pode parecer difícil, isso vai acontecer. Disse Arthur.

—Se acontecer terei grande prazer em levar vocês.

—E vai acontecer eu e meu avô vamos trabalhar muito aqui na propriedade do senhor Jerônimo para poder deixar tudo bonito para outra família que vier para cuidar das terras.

Jeronimo falou:

—Arthur eu não gostaria que vocês partissem.

Arthur olhou bem sério e falou:

—Nós também não gostaríamos aqui é maravilhoso, só que precisamos ir atrás do nosso destino.

Todos ficaram olhando para aquele garoto que com palavras simples envolvia todos.

Aguilera para descontrair perguntou:

—Então Arthur tenho que me preparar para a viagem.

Todos deram um sorriso.

Arthur sério olhou e disse:

—O além-mar nos espera, vai demorar um pouco, será o tempo necessário para todos nós aprendermos a lidar com esta cana-de-açúcar, assim quando estivermos lá ninguém poderá nos passar para trás.

Jerônimo falou:

—Então posso trazer mudas desta planta?

O sorriso de Arthur foi grande:

—Pode sim, vou cultivar e aprender o melhor jeito de lidar com ela.

Arthur parecia homem-feito conversando com todos e suas palavras eram cheias de razão e conhecimento.

Aguilera completou:

—Vou procurar tudo sobre essa cana-de-açúcar e trarei os livros para vocês.

A alegria de Arthur foi maior ainda.

No final da tarde quando os dois partiram Aguilera prometeu que faria uma visita nas terras de Manoel.

Manoel falou que ele seria recebido muito bem.

Após o navio sumir no horizonte levando Madalena e Joaquim, Manoel e Arthur pegaram sua carroça e partiram, Arthur ainda ficou olhando para trás por um bom tempo, com o cansaço da viagem deitou entre os pertences que estava na carroça e dormiu um sono profundo.

Algumas horas viajando por estradas secundarias, para evitar a estrada principal, e para não encontrar com soldados de Francisco, ou mesmo encontrar com pessoas que poderiam dar informações de sua direção, parou em uma clareira para descansar e dar água aos cavalos e alimentar Arthur.

Arthur com olhar tristonho comia sem fazer nenhuma reclamação.

Manuel olhando para o neto disse:

—Não fique triste em breve estaremos na nossa nova casa.

—Vovô não estou triste sei que seremos felizes em nossa nova casa e que em breve estaremos novamente todos juntos, não será nessa nossa nova casa, vamos também pegar um navio e ir ao encontro deles nas terras além-mar, vai demorar um pouco todos nós teremos que passar novas experiências e transformações em nosso modo de ser e de viver.

Manuel ficou abismado, seu neto sempre falava coisas que ele não entendia muito, aquelas palavras soaram fortes e com muita certeza a realidade seria outra, ele naquele momento não contrariaria Arthur, era bom alimentar suas esperanças, eles não tinham nada a perder.

Após o descanso continuaram sua caminhada as terras do parente do senhor Aguilera ficava uns 5 dias de viagem, Manoel tinha certeza que lá ficariam protegidos e distante das possíveis tiranias de Francisco.

Manuel não tinha preocupação em recomeçar tudo novamente.

Aguilera já havia mandado um mensageiro a frente para pedir ao seu primo Jerônimo para acolher Manuel e Arthur.

Jerônimo recebeu a notícia de bom agrado ele estava precisando de pessoal principalmente de um ferreiro experiente.

Pediu ao seu capataz para preparar a casa do lado sul de sua propriedade que após a morte de seu fiel empregado e como sua família preferiu partir para a cidade do Porto e a casa estava vazia e a propriedade sem cuidados, ele tinha certeza que Manuel gostaria do lugar.

A casa era grande e com uma grande varanda ao redor, na parte da frente a propriedade era cortada por um rio, não era muito grande, mas era farto em peixes, todas as manhas pássaros faziam morada no local.

Quando Manuel e Arthur chegaram as reformas na propriedade já estavam prontas.

—Sejam bem-vindos senhor Manoel e Arthur, tenho muito prazer em receber vocês aqui, tenho grandes recomendações de Aguilera sobre seus préstimos, Arthur seja bem-vindo.

Arthur respondeu de pronto:

—Muito obrigado, mas será por pouco tempo nos vamos para além-mar atrás de minha mãe e de meu pai.

Manuel pediu desculpas ao senhor Jerônimo:

—Isso é coisa de criança e não leve em consideração.

—Vovô nós vamos para o além-mar em breve.

Manuel e Jerônimo deram uma gargalhada.

Jerônimo disse:

—Que seja breve então Arthur, Vamos Manoel conhecer a propriedade.

Depois de andarem por tudo Manuel ficou feliz a terra estava conservada e as plantações eram diversificadas, curioso Manuel perguntou porque que as plantações eram diversificadas, como ele estava acostumada a plantações somente de parreiras.

—Manuel esta plantação era para o consumo particular da família de Cláudio, e ele também distribuía com os demais moradores de nossas terras.

Manuel ainda curioso perguntou:

—Qual era o trabalho que ele fazia que podia manter uma plantação exclusiva?

Jerônimo gentilmente explicou ele era meu amigo e foi amigo de meu pai e ajudou meu pai a cuidar de todas estas terras organizava tudo por aqui.

—Quando meu pai faleceu ele deixou em seu testamento esta propriedade e o pedido para que a partir de sua morte, Cláudio não mais se dedicasse ao trabalho e sim a fazer esta plantação e assim Cláudio fez, cuidou de tudo por aqui e após sua morte sua família preferiu ir embora e eu comprei novamente as terras.

—O senhor não precisava comprar novamente as terras se a família queria ir embora mesmo.

—Isso não seria justo a propriedade não era minha.

Manuel percebeu a semelhança entre Aguilera e Jerônimo e tinha a certeza que ficariam felizes naquele lugar, mesmo sentindo muita falta de Madalena.

Meses já havia se passado Manuel e Arthur estavam empenhado em cuidar do lugar, o menino mesmo tendo tenra idade era muito responsável e ajudava o avô em tudo que podia.

Manuel quando ia para a fazenda principal de Jerônimo cuidar das ferragens levava junto Arthur e eles colhiam as frutas, legumes e hortaliças e no caminho. Assim, iam distribuindo aos colonos, por isso, eram recebidos com grande agrado, todos estavam felizes em saber que a propriedade que foi de Cláudio estava bem cuidada e que Manuel mantivera a tradição de compartilhar os frutos da terra.

Em uma dessas idas encontrou na casa de Jeronimo o senhor Aguilera.

—Manuel que bom que veio amanhã eu faria uma visita, como está grande este menino.

Arthur respondeu:

—Já sou um homem

Todos riram

—Manuel precisamos conversar em particular, o assunto que trago não é agradável.

Arthur falou:

—Se é sobre minha mãe pode falar, ela e meu pai não morreram quando o navio afundou, eles estão vivos!

Aguilera ficou estarrecido e até sentou no banco, senhor Manuel vocês já sabiam que o navio afundou?

Não senhor Aguilera, estamos sabendo agora por sua boca.

—Como Arthur já sabia a notícia que eu estava trazendo?

—Esse menino tem umas esquisitices, já algumas vezes que ele fala vovô não fica triste, a minha mãe está viva.

—Esta é a notícia que trago para o senhor são as informações que chegaram no porto é que a caravela que levava eles, devido a uma tempestade afundou e não se têm notícias de sobreviventes.

Arthur vendo o avô chorar falou:

—Vovô eu já falei a mamãe está viva!

A comoção do senhor Manuel era grande, mesmo seu neto assim falando, ele não acreditava que era possível, que poderiam sobreviver e se sobrevivessem poderiam ter ido para terras que não tinham como eles sobreviverem.

Arthur se mantinha alheio a tudo aquilo.

—Jerônimo só tem feito elogios ao senhor e ao seu neto que faz serviços iguais à gente grande.

—Verdade meu neto me ajuda muito, não só nos afazeres da terra, como me dá motivos para continuar esta minha caminhada, fale um pouco do senhor como estão as coisas?

—Graças a Deus me restabelecendo com ajuda dos amigos e dos parentes iguais Jerônimo.

—Acabei perdendo minhas terras, Francisco ficou com tudo, como era seu desejo, assim ele achava que Madalena seria sua esposa, tudo que acontecia, os roubos os incêndios eu tinha certeza que era a mando dele, eu só não tinha como provar.

—Francisco agora é dono de tudo.

—E nossa antiga casa?

—Ele incendiou tudo, a casa as plantações, matou os animais que estavam por lá, enfim, não deixou pedra sobre pedra, e eu nada pude fazer.

—E quanto ao seu pedido ao Rei para conseguir terras e poder ir para o além-mar e lá cultivar cana-de-açúcar?

—Como minha dívida era grande o Barão de Rochdale interferiu junto ao Rei para que eu não ter o benefício de terras, e o Rei seguindo sua tradição não concedeu as terras. Eu poderia ir para a terra agora chama de Brasil, mas teria que comprar com terras com meu próprio dinheiro e não teria ajuda nenhuma para começar as plantações, assim ficaria difícil então vou ficando por aqui mesmo.

Arthur que tudo ouvia em silêncio falou:

—Senhor Aguilera não se preocupe, em breve o Rei vai dar as terras para o senhor no além-mar, vou pedir uma coisa quando o senhor for morar lá leva eu e meu avô junto?

Os três ficaram estarrecidos, senhor Aguilera disse:

—Arthur dificilmente após o Rei negar um pedido voltaria atrás e concederia as terras.

—Para o senhor neste momento pode parecer difícil, isso vai acontecer. Disse Arthur.

—Se acontecer terei grande prazer em levar vocês.

—E vai acontecer eu e meu avô vamos trabalhar muito aqui na propriedade do senhor Jerônimo para poder deixar tudo bonito para outra família que vier para cuidar das terras.

Jeronimo falou:

—Arthur eu não gostaria que vocês partissem.

Arthur olhou bem sério e falou:

—Nós também não gostaríamos aqui é maravilhoso, só que precisamos ir atrás do nosso destino.

Todos ficaram olhando para aquele garoto que com palavras simples envolvia todos.

Aguilera para descontrair perguntou:

—Então Arthur tenho que me preparar para a viagem.

Todos deram um sorriso.

Arthur sério olhou e disse:

—O além-mar nos espera, vai demorar um pouco, será o tempo necessário para todos nós aprendermos a lidar com esta cana-de-açúcar, assim quando estivermos lá ninguém poderá nos passar para trás.

Jerônimo falou:

—Então posso trazer mudas desta planta?

O sorriso de Arthur foi grande:

—Pode sim, vou cultivar e aprender o melhor jeito de lidar com ela.

Arthur parecia homem-feito conversando com todos e suas palavras eram cheias de razão e conhecimento.

Aguilera completou:

—Vou procurar tudo sobre essa cana-de-açúcar e trarei os livros para vocês.

A alegria de Arthur foi maior ainda.

No final da tarde quando os dois partiram Aguilera prometeu que faria uma visita nas terras de Manoel.

Manoel falou que ele seria recebido muito bem.

Capítulo 17 - Lembranças de vidas passadas

No quilombo enquanto os negros foram fazer a troca das pedras e não voltavam, tudo corria sem novidades, não passava um dia sem que uma pedra fosse descoberta.

Madalena, a cada dia aprendia mais os costumes do quilombo, sua dedicação em aprender era grande, já algum tempo não tinha sonhos com o seu passado, conversando com Pai Inácio ela disse:

—Pai Inácio porque não tenho mais lembranças de minha vida passada, a última foi quando Joaquim que era meu amante planejava matar Francisco que era meu marido.

—Sinhá as lembranças vêm na hora certa e não quando queremos.

—Igual aos espíritos, né Pai Inácio vem quando querem.

Pai Inácio soltou uma gargalhada mostrando todos os seus perfeitos dentes brancos.

—A sinhá está certa, eles apesar de estarem sempre presentes os bons espíritos se fazem ver ou ser ouvidos quando tem um porquê, nada é sem motivos ou quando nos preparamos para fazer a ligação.

—Por isso que quando vocês vão fazer os trabalhos todos se preparam com banhos especiais, rezas desde de cedo, alimentos leves e a noite realizam as danças e as cantorias para que eles se aproximem, uma coisa que não entendi muito bem como assim os bons espíritos não se aproximam na hora que queremos então os maus se aproximam?

—Na verdade, fazemos todas as preparações para que nossas energias fiquem boas o suficiente para que possamos nos aproximar deles, eles estão sempre próximos de nós ouvindo até o nosso mais íntimo pensamento e quanto aos espíritos que ainda não tem a bondade em seu coração pode se aproximar dos invigilantes e trazer mensagens que em nada ajudam e ao contrário poderá levar estas pessoas a cometer loucuras.

—Pai Inácio assim o senhor me assusta vou ter que ter cuidado até com meus pensamentos.

Os dois riram e Pai Inácio completou:

—Isso mesmo sinhá, a nossa melhora e para somente praticarmos o bem, a caridade e o perdão, e isso não pode ser da boca para fora tem que vir do coração e nossas atitudes têm que ser natural na prática do amor.

—Como vocês dizem terei que nascer várias vezes para aprender tudo isso.

Pai Inácio disse:

—É preciso começar e fazer um degrau de aprendizado por vez, não precisa ser com amargura, e o principal ter cuidado para não cairmos nas armadilhas do nosso orgulho, vaidade e o não perdão ao próximo.

—Pai Inácio aqui junto de vocês a prática do amor é tarefa fácil e quando eu estiver próximo de outros brancos ou próximos dos que poderão querer me prejudicar ou mesmo próximo a Francisco que fez com que eu e minha família passarmos por tudo isso, nos causando tanta dor e sofrimento? Nem sei o que ele pode ter feito com meu pai e com Arthur quando descobriu que embarquei na caravela?

—Sinhá porque invés de ódio contra Francisco sinhá não agradece?

—Ele é um carrasco e somente fez maldades.

—Não sinhá, ele deu a oportunidade para sinhá vir para estas terras e aqui nos conhecer e nos ajudar em nossa liberdade se a sinhá não estivesse vindo nos encontrar e nos dar a esperança de liberdade, poderíamos estar presos a vontade da vingança e muitos já poderiam ter praticado muitos crimes.

—A sinhá lembra daquele grupo que se aproximou de nós?

—Sim lembro e que a chuva fez eles irem em outra direção.

—Pois é sinhá tivemos a ajuda e proteção de muitos dos bons espíritos que provocaram a chuva e convenceram os lideres a mudarem seu rumo, se fosse outra ocasião, nos como conhecemos melhor o lugar providenciaríamos armadilhas e emboscadas.

Muitos seriam mortos e se isso acontecesse estaríamos acumulando mais dívidas futuras e foi tudo ao contrário nem uma gota de sangue foi derramada.

—Outra coisa, a sinhá está tendo a oportunidade de se lembrar de outras vidas., quando Francisco que foi Paulo foi perseguido por vocês.

Madalena chorou muito, ela entendia como era pequena perante todos os grandes ensinamentos que estava tendo na convivência com os negros.

—Ainda sou tão pequena em relação a vocês Pai Inácio.

—Não sinhá estamos aprendendo muito uns com os outros, estamos juntos nesta caminhada tudo é para o nosso crescimento moral, intelectual e espiritual.

A cada dia eu tinha um aprendizado diferente e todos os dias coisas novas aconteciam, no dia seguinte eu conversei com a Mãe Maria sobre minha preocupação com aqueles que tinham ido fazer as trocas, Mãe Maria me acalmou dizendo:

—Sinhá Madalena distancia daqui para a vila para fazer a troca das pedras é grande e eles, principalmente na volta, deverão ficar mais atento para não serem seguidos, muitos moradores da vila se souberem que eles mesmo trocando pequena quantidade de pedra poderão querem saber de onde elas foram tiradas e seguirem eles até aqui.

Capítulo 18 - Lembranças do passado

Os dias passavam e nós sem notícias dos negros.

Uma noite eu novamente tive um pesadelo com o meu passado apesar das lembranças serem boas para a minha vida atual, aquelas lembranças me traziam muita tristeza, no último sonho Affonso, ou seja, Joaquim já tinha planejado a morte de Francisco, ou seja, Paulo, meu marido naquela vida.

Lembro que eu não mais queria que Paulo fosse morto e Affonso disse que não dava mais para voltar atrás estava tudo planejado e Luiz e seus soldados já estavam no local certo, prontos para fazer a emboscada e matar todos da caravana.

Naquela noite em meu sonho lembrei que fiquei apavorada e precisava fazer alguma coisa para impedir tudo aquilo.

Na manhã seguinte quando Paulo fazia a preparação da viagem, falei com ele para não viajar que eu queria que ele ficasse comigo.

Paulo falou que não poderia em razão das mercadorias. Precisavam que ele fizesse o comércio pessoalmente e que também tinha uma incumbência de entregar uma carta urgente de Affonso a um de seus parentes pedindo auxílio e isso seus empregados não saberiam fazer.

Como Paulo não desistiu da viagem tomei uma decisão ir junto com ele eu tinha certeza que se Luiz me visse na caravana não atacaria para matar Paulo.

Paulo recebeu meu pedido de ir junto com alegria, eu nunca tinha aceitado fazer uma viagem com ele, sempre que ele viajava eu aproveitava para ficar com Affonso.

Paulo preparou uma carroça para nossa viagem, normalmente ele viajava a cavalo, eu pedi que nossa carroça fosse a primeira da

caravana, Paulo não se opôs, minha intensão era que Luiz e seus assassinos me vissem ao longe.

Affonso quando soube de minha decisão tentou de todas as formas que eu desistisse de viajar com Paulo.

Eu estava decidida não queria que Paulo morresse e falei que mudaria minha vida e quando eu voltasse não mais seriamos amantes, Affonso ficou doido, isso não era possível e que nosso amor era maior que tudo.

Eu já não tinha essa certeza, quando a realidade da morte de Paulo era concreta, essa morte para mim já não era uma coisa boa e o arrependimento por tudo que eu fazia foi grande, mesmo com a insistência de Affonso parti com Paulo.

Eu não sabia o lugar certo onde a emboscada aconteceria, em cada lugar que passávamos era uma expectativa, Paulo percebia meu nervosismo e preocupado comigo mantinha a caravana em marcha lenta, já no 3 dias de viagem Paulo resolveu parar antes do horário e do local que habitualmente parava.

Naquela noite meus pesadelos foram grandes sonhava com guerras, brigas e mortes, onde eu, Joaquim e Francisco éramos os envolvidos.

Na manhã seguinte eu acordei com muita febre e com muitas dores, Paulo vendo meu estado, reuniu seus empregados e deu as ordens necessárias para que a caravana seguir em frente.

Nossa carroça seguida por homens de sua confiança de Paulo retornamos para o castelo, onde fiquei convalescente com muita febre por vários dias.

Pedi a Paulo que eu não queria receber nenhuma visita e assim foi feito, por mais que Affonso quisesse me visitar ele não era autorizado principalmente quando Paulo não estava no castelo.

Paulo me cercou de todos os cuidados, contratou um grupo de benzedores que habitavam aos arredores do castelo para cuidar de mim.

Eles faziam o tratamento com ervas, cantorias e danças típicas do grupo e eu fui ao longo dos dias melhorando e o grupo recebeu uma boa quantidade de dinheiro de Paulo por minha cura.

Quando eu já me sentia melhor aproveitando que Paulo havia saído para visitar os colonos aceitei receber a visita de Affonso.

Ele fez todas as juras de amor e dizia que estava vendo um jeito de matar Paulo sem levantar suspeitas para podermos ficar juntos.

Eu já estava decidida e me mantinha irredutível, pedi que nada fizesse com Paulo, eu nada mais queria com ele e não seria mais sua amante nosso romance estava acabado e que eu não mais o receberia no castelo e principalmente em meu quarto.

Affonso inconformado saiu dizendo que isso não ficaria assim, ele e Luiz precisavam que Paulo morresse e que dariam um jeito de concretizar seus desejos.

Quando eu já estava recuperada Paulo me falou que agora que eu estava bem poderia me contar o ocorrido no dia seguinte com a sua caravana, ela tinha sofrido uma emboscada e todos os seus fies soldados haviam morrido. Todas as mercadorias foram roubadas e também a caixa com uma grande quantidade de dinheiro que era a encomenda que Affonso havia mandado para um parente no Porto comprar umas terras para ele.

Tive uma crise de choro por saber que eu tinha culpa naquelas mortes, após eu me acalmar Paulo me consolou dizendo que havia ajudado todas as famílias de seus soldados mortos doando terras e uma boa quantia em dinheiro e havia devolvido para Affonso o dinheiro que foi roubado.

Novamente tive outra crise de choro, sabia que era mentira de Affonso ele não tinha dinheiro nenhum estava a falido e se aproveitou da situação.

Paulo novamente me consolou dizendo:

—Meu amor por isso que esperei você se recuperar para poder te falar estas coisas sabia que sofreria com isso.

Eu estava vendo um Paulo que sempre esteve presente comigo e eu devido a luxuria, orgulho, vaidade e apego as práticas sexuais, nunca tinha dado o devido valor que ele merecia, eu não percebi até aquele momento que tudo aquilo era supérfluo ao amor verdadeiro que Paulo sentia por mim. O amor e o respeito que ele tinha era muito mais importante que tudo.

O tempo foi passando e eu e Paulo levamos uma vida com alegria, eu não sabia mais de Affonso e de Luiz, pensei que com o dinheiro que eles tinham recebido de Paulo tinha partido para outros lugares.

Paulo começou a ter problemas de saúde sem motivos aparente, e aquele Paulo forte saudável foi atrofiando com os passar dos dias, chamei o grupo de benzedores para cuidar de Paulo, mas cada dia Paulo piorava, pedi aos fiéis soldados de Paulo para organizar uma caravana para levar Paulo para o porto a fim de conseguir um tratamento melhor.

No dia que partiríamos Affonso apareceu e disse: não perca seu tempo Paulo não chegará vivo no porto e saiu dando gargalhadas.

Compreendi que Affonso tinha alguma coisa com a doença inesperada de Paulo.

Realmente Affonso tinha razão no caminho para o porto Paulo em meu braço e jurando amor eterno faleceu.

Retornamos para o castelo onde fiz todo o cortejo do sepultamento de Paulo, a minha tristeza era grande eu sabia que de uma forma ou outra eu tinha provado aquela situação.

Alguns dias depois Affonso veio me visitar e disse:

—Ou você casa comigo e dá a parte de Luiz, ou contaremos ao Rei que você contratou o grupo de ciganos para matar Paulo!

Então eu entendi o que tinha acontecido. Affonso contratou o grupo de benzedores para fazer as ervas venenosas para matar Paulo.

Procurei o grupo e a líder do grupo confirmou minhas suspeitas, eu infelizmente não teria provas contra Affonso, no dia seguinte a minha visita o grupo partiu sem rumo certo.

Dei as propriedades que Luiz tanto queria e uma grande fortuna em dinheiro e terras para Affonso para comprar o silêncio deles.

A partir disso me tranquei no castelo, fiz um testamento distribuindo tudo aos colonos e nunca mais sai de dentro do castelo até a minha morte.

—Sinhá Madalena acorda! Acordei sendo sacudida por Mãe Maria.

—O que aconteceu sinhá?

—Mãe Maria novamente tive aquele pesadelo agora consegui lembrar toda a história, realmente Joaquim mandou matar meu marido Paulo, quer dizer Francisco, após isso eu me tranquei no castelo até meus últimos dias.

—Sinhá, agora que grande parte da história de seu passado foi revelada...

—Não Mãe Maria toda a história foi revelada!

—Sinhá inda tem muita história para relembrar.

—Como assim?

—A vida não acaba após a morte do corpo físico, isso a sinhá já sabe.

—É verdade, então esta história ainda continua.

—Continua sim é preciso chegar aos porquês que todos vocês e nós estamos juntos nesta encarnação.

—Mãe Maria, tenho certeza que aqui nós encontramos por acaso.

—Sinhá nada é por acaso, Deus escreve tudo certo.

—Como diz o ditado Deus escreve certo por linhas tortas, né Mãe Maria.

—Não sinhá, Deus escreve sempre certo e por linhas certas, nás é que distorcemos tudo e quando as coisas dão erradas colocamos a culpa nele.

—Eu mesma já várias vezes duvidei de Deus.

—Todos nós sinhá em nossa infantilidade cometemos estes erros, um dia nós entenderemos por que estamos juntos, o importante agora e trabalhar pela nossa liberdade.

—Isso mesmo assim, que nossos irmãos voltarem, vou acertar com Laércio e Oliveira para partirmos para iniciar as vendas das pedras e voltarmos para nossas terras.

—Sinhá não pode esquecer que já foi alertada a fazer tudo com calma para não entornar o caldo.

Demos boas risadas, Mão Maria estava certa eu poderia pôr tudo a perder, tudo aconteceria na hora certa e com ajuda dos bons espíritos eu teria as orientações necessárias.

Após alguns dias Oliveira, João e Joana retornaram ao quilombo, foi uma festa só, todos estávamos preocupados se algo tinha acontecido e as novidades foram muitas, principalmente as informações sobre Mãe Marli e seus filhos, Mãe Maria e Pai Inácio ficaram emocionados, mas muito felizes.

Madalena ficou muito feliz com as notícias, falou que poderiam se preparar para ir para a vila vender mais algumas pedras e ver de perto como era o comércio das pedras e qual a melhor forma para irem vender direto nas terras de São Sebastião.

—Sinha tenha calma vamos fazer as coisas sem presa, assim não teremos problemas.

—Quando formos teremos que ir pelas estradas, assim quando chegarmos lá não levantaremos suspeitas, só quem viaja pelas matas são os negros fujões.

Oliveira fica tranquilo vamos nos preparar vou controlar minhas aflições.

Capítulo 19 - Sobre o naufrágio de Joaquim

Naquele fim de tarde à beira do cais do porto, três homens sentados à frente do mar, riam e sem pressa de chegar a lugar algum, trocavam ideias em prosa longa e detalhada.

Cada qual com sua aventura, se enobreciam ao contar seus feitos inundados de verdade, de fantasia e regados de aguardente.

O movimento do cais ia se esvaindo, conforme a tarde caia.

As redes como se fossem donzelas eram tratadas com presteza, dedicação e até certa doçura.

Os pescadores em geral eram gratos por levarem o sustento às suas casas, um ou outros andavam sem reclamar por aqui e ali, sendo sempre ajudado de pronto por outros companheiros de pesca.

—Bendito seja cabra, o pouco com Deus é muito!

A frase se repetia há décadas.

O avô do avô trouxe com maestria, as manhas e malícias do mar, e assim, as famílias dali permaneciam naquele chão, naquela brisa, vendo gente partir e voltar e quem nunca mais se ouviu falar.

Eram tempos de verão, o calor assustava à medida que nas rodas de capoeira, a distração e a disciplina da tradição, tomava conta dos grandes homens.

As crianças iam crescendo permanecidas em peixes, odores, tristezas, murmúrios e trabalho, para elas observar a roda de capoeira era a única diversão, rodopiavam e batucavam, imitando seus heróis, o momento era único

Momento em que recebiam atenção dos adultos.

O mar naquele início de noite estava diferente do costume, o que só foi percebido pelos mais experientes pescadores o vento noroeste está anunciando sua chegada no meio do mar, as nuvens negras ao longe indicava um grande temporal estava por vir.

—Isso acontece de tempos e tempos, quando Odoyá precisa limpar algo grandioso, dizia Quintino.

—Carece ver pela manhã o que o mar há de trazer, disse Tobias.

Logo mais tarde, onde separavam se os homens com as famílias, e os boêmios da madrugada, forte chuva caiu, coqueiros foram derrubados e redes emboladas, alguns barcos tiveram dificuldade para voltar do mar com problemas no casco.

No dia seguinte muitas coisas estavam à beira praia, porém, o que mais chamou a atenção da comunidade, foram os objetos como, roupas, pedaços de madeiras, ferros, talheres e demais objetos, isso indicava que algum navio havia naufragado próximo as encostas.

—Ninguém toca em nada até que eu saiba tudo que tem nesta praia.

Alfradique, chegou com toda sua arrogância que demonstrava sempre, dono da maioria dos barcos de pesca daquele cais, sentia-se no direito de dar ordens aqueles que ele chamava de “negraiada faceira”.

Branco, alto, pele já queimada pelo sol, fazia querer exercer seu poder financeiro e em muitas situações muitos comentavam entre si de que forma era seus ganhos lícitos ou ilícitos com doses

escancaradas de preconceitos, regradas a todo tempo com charutos de cheiro forte que podia ser sentido cheiro de longe.

Os pescadores achavam ótimo que ele desse suas baforadas por ai, pois assim, conseguiam tempo para armar as mais altas enganações, durante a chegada do cheiro do alcatrão.

Quintino e Tobias, amigos desde a mais tenra infância de pés no chão, sabiam como lidar com Alfradique. Eram dois negros já com seus cabelos brancos, salpicados de areia cobertos vez em quando com uma boina de couro.

- Tarde senhor Alfradique!, olha só o que o mar pode causa.

—Quintino, não vem com conversa mole, eu sei que esteve à beira da areia mexendo no que não é seu.

—Pois é senhor estive mesmo.

—E você ainda vem a audácia de falar que foi mesmo?

—Alguém precisava ir, para dizer ao senhor o que tinha lá! Ou prefere ver sozinho?

-Diga logo Quintino, o que achou?

Quintino disse sobre tudo o que tinha achado exceto sobre uma chave dourada que ele guardara para si, de resto apontou tudo, pois eram indícios claros de um naufrágio.

E Alfradique sempre se exaltava com as falas de Quintino, mas, por fim, sempre acatava contrariado pois não sabia como argumentar com o velho negro de cabeça branca.

—Ora pois chega de falar homem!

—Mas foi o senhor que mandou eu dizer o que eu tinha encontrado.

—Que seja Quintino, coloque tudo no galpão dos tonéis, vejo depois o que faço com estas velharias, e saiu apresado.

Quintino se encarregou de guardar tudo no galpão ele era o único que tinha as chaves além de Alfradique, colocou tudo que achou em um canto do galpão, claro que nem tudo que foi achado na praia, ele havia encontrado uma caixa fechada com uma fechadura sabia que ali poderia ter coisa de valor, colocou em um saco e levou com ele.

O dia parecia agitado na vila, a notícia do naufrágio do navio se espalhou, as especulações sobre o naufrágio eram grandes, alguns falavam que foi ataque de piratas explosão das pólvoras e até ataque de fantasmas era cogitado.

Alguns negros procuraram pelas praias coisas do naufrágio que pudessem ser úteis, mas Quintino já havia recolhido a maior parte das coisas.

Santiago se aproximou de Quintino e Tobias e perguntou o que tinha no saco que eles estavam carregando.

—Deixa de ser curioso Santiago, são coisas do senhor Alfradique que estamos levando para ele.

—Sei bem a fidelidade de vocês! Falou Santiago e saiu dando risada.

Os dois viram os negros procurando pela praia restos do naufrágio, e foram logo gritando para todos que se acharem coisas

de valor pertencem ao senhor Alfradique e vocês devem entregar para nos.

Os negros saíram dando risadas e isso deixou os dois muito bravos, se acharem e não entregar vão se arrepender.

Mas não vamos ganhar nenhum agrado se acharmos coisas de valor: disse Barnabé, um velho aleijado que permanecia sempre sentado em uma cadeira feita pelos negros.

Barnabé nascerá aleijado de uma das pernas, assim cresceu e vive no meio dos negros, ajudando os negros no conserto das redes, muito querido por todos da vila.

Nada disso Barnabé, tudo é do senhor Alfradique.

O velho Alfradique era motivo de chacota sempre que chegava na roda dos pescadores, todos sempre faziam uma piada sobre ele, como ele se irritava com isso ai mesmo que os pescadores provocavam.

A tarde caia no vilarejo e como faziam todas as tardes Quintino e Tobias iam para o bar do senhor João Batista como quem pagava a bebida era o senhor Alfradique por conta dos serviços que eles prestavam para ele lá bebiam muito e por vezes saiam cambaleando ou carregados ou ficavam jogados do lado de fora do bar até o dia amanhecer.

Naquela tarde não seria diferente, foram para o bar, começaram a bebedeira, ficaram falando sobre o naufrágio e as coisas que tinham encontrado e colocado no galpão do senhor Alfradique.

Depois de muito beber, começaram a falar que nem tudo eles tinham deixado no galpão e que a caixa eles tinham pego para eles.

Junto com eles no bar estavam três capitães do mato, bebendo e observando as falas de Quintino e Tobias quando os dois estavam de saída, um deles se aproximou e falou:

—Esta caixa pertence ao senhor Alfradique e vamos entregar para ele.

Arrancaram a caixa dos dois e seguiram seus caminhos.

Os dois nada puderam fazer a não ficar lamentando, nem sabiam o que tinha naquela caixa.

Resolveram partir para a vila reclamando um colocando a culpa no outro por ficar falando da caixa.

Os três não eram fiéis ao senhor Alfradique e não foram ao seu encontro dele preferiram um lugar seguro para ver o tinha dentro da caixa com a certeza que na caixa tinha algo de valor e poderiam ter um bom lucro com isso.

Ao abrirem a caixa qual foi a surpresa somente tinha uns papéis e algumas sementes nada de valor e queimaram tudo com raiva por não acharem nada.

Como não sabiam ler nem deram importância aos papéis, lá estava escrito tudo sobre a prisão e Joaquim e sua deportação e que ele deveria ser levado para trabalho nas fazendas de café como mão de obra barata.

Enfim isso nunca segou ao seu destino.

Tobias e Quintino um cambaleando mais que os outros começaram a caminhar pela praia sem destino, consumindo uma garrafa de vinho que tinham pego no bar.

Próximo a umas cabanas abandonadas pelos pescadores, com a luz da lua viram algo jogado na praia, poderia ser mais alguma coisa de valor pensaram e foram até o lugar, próximo perceberam que era um corpo.

Era um homem com cabelos e barbas grandes, corpo magro, vestia somente uma calça aos farrapos.

Estava respirando bem fraco e tremendo de frio.

Os dois decidiram carregar o homem até uma das cabanas e pensar no que fazer.

Quintino tinha facilidade em fazer fogo utilizando duas varas e friccionando ambas, fogo feito deixaram o homem próximo ao fogo, os três ali mesmo deitaram e dormiram.

No dia seguinte conseguiram ver melhor era um homem branco com traços iguais aos portugueses da vila.

Tobias desperta vagarosamente leva as mãos a cabeça como se fosse explodir devido a bebedeira.

Quintino apesar olha e sorri.

—Eita diabos que desgraceira é essa quem é este homem? Perguntou Tobias

—Não lembra de nada né? Ontem encontramos ele deitado na praia, deve ser sobrevivente do naufrágio. Falou Quintino.

—Me lembro vagamente disse Tobias.

—Fica aqui com ele vou arrumar comida e água, deixa ele dormir.

Tobias falou:

—Não fale para ninguém dele antes de sabermos direito quem é e como veio para aqui.

—Está certo vamos ficar quietos.

Tobias ainda como muita dor de cabeça ficou ao lado do homem esperando ele acordar.

Um tempo depois Quintino voltou trazendo comida e água, os dois resolveram acordar o homem.

—Bom dia senhor, somos Quintino e Tobias e te encontramos ontem jogado na praia.

O homem foi se levantando bem devagar encostou na madeira da cabana e sem falar nada ficou olhando para os dois, pegou a água e bebeu tudo em um gole, comeu as frutas e o peixe que Quintino trouxe.

Os dois falaram:

—Ele estava com fome e com sede mesmo.

—O senhor veio de onde? Tobias perguntou.

Como o homem não respondeu, Quintino falou:

—Ele não deve entender nossa língua, vamos deixar ele descansar, fica aqui com ele e a tarde eu volto com mais comida e água.

O homem voltou a dormir e Tobias fez o mesmo.

No final do dia Quintino voltou com mais comida e água e encontrou os dois ainda dormindo.

Vamos é hora de acordar o dia já está quase acabando eu trouxe mais comida e água falou Quintino.

Os dois foram acordando e se ajeitando enquanto Quintino dividia as comidas para os 3.

—Então Tobias ele falou alguma coisa?

—Não até agora nem um gemido.

—Vamos deixar ele se alimentar depois puxamos conversa, se ele não quiser falar deixamos ele aqui e vamos para a pesca e voltamos amanhã cedo.

Os dois foram para a pesca no dia seguinte quando voltaram resolveram ir até o bar do senhor João Batista. O senhor João era um português que tratava bem todos os negros, vendia suas mercadorias sempre com preços justos. Ele pagava os peixes adquiridos em sua banca de peixes sempre com bons preços e quando aparecia alguém com pequenas pedras de ouro ou diamantes que não podiam vender para o administrador, o senhor João Batista e o senhor Vasco pagam sempre um preço justo.

Tobias e Quintino tinham certeza que para ele poderiam contar sobre o homem que encontraram na praia ele saberia o que fazer.

—Boas tardes senhor João Batista.

—Boas tardes Quintino e Tobias que bons ventos os trazem aqui, normalmente só os vejo na banca de peixes.

—Precisamos ter um particular com o senhor.

—Pode falar estamos sozinhos.

—Ontem eu e Tobias tomamos uma grande bebedeira e saímos a andar pela praia sem perceber o rumo.

—Isso para vocês é normal né? Disse senhor João e deu uma grande gargalhada.

—Isso mesmo somos beberrões e não temos jeito, mas após andar um bom tempo encontramos um homem branco com roupas em farrapos, barba e cabelos muito grande.

—E o que vocês fizeram?

Levamos ele em uma das cabanas abandonadas, o alimentamos demos água que ele devorou de um só gole. Ontem deixamos ele lá, fomos para a pescaria e agora viemos falar com o senhor.

—Fizeram bem mesmo ele veio jogado do naufrágio com certeza e da forma que vocês estão falando ele era um dos prisioneiros no navio deportado pelo Rei para vir viver nestas terras e sobreviveu ao naufrágio.

—Então corremos perigo ele pode ser um assassino e poderia ter nos matado.

Deixa de medo Tobias do jeito que o homem está não consegue nem levantar a mão disse Quintino.

—Além disso, o fato de sero deportado para estas terras não significa necessariamente que ele é um assassino. Pode ser simplesmente um português que teve problemas em Portugal e alguém mais afamado que ele ter conseguido que ele seja deportado, como já foi feito com muitos. A lei do mais forte sempre prevalece. Falou senhor João.

—Precisamos saber sua história enquanto ele se recupera é bom ficar escondido.

—Depois que ele se recuperar e contar sua história resolvemos o que fazer.

Então disse Tobias:

—Por enquanto vamos deixar isso entre nós.

Senhor João falou:

—Isso mesmo é a melhor coisa a fazer, nunca devemos julgar os fatos sem realmente saber tudo, toda a história tem no mínimo dois lados.

—Falou bonito agora senhor João Batista.

—Estou aprendendo sempre com Mãe Marli em suas giras.

Tobias falou:

—Isso é verdade em cada gira há um aprendizado, vamos para a cabana o homem deve estar com fome e sede.

—Quando chegaram viram o homem sentado do lado de fora.

—Bons dias senhor!

Falou Quintino, como não teve respostas, pegou a comida e água e colocou ao lado do náufrago, depois, entregou-lhe uma calça e camisa que o senhor João pediu para trazer.

—O senhor precisa comer para se recuperar! Logo falou Tobias.

Tobias acho que ele não fala nossa língua e se fala não sabemos o que está por trás de sua alma, deixe o homem em paz.

O homem começou a chorar, e Quintino falou:

—Senhor não sabemos o aconteceu, vamos deixar você em paz, vamos vir aqui todos os dias trazer alimentos para sua recuperação.

Nos dias que se passaram, quando voltavam da pescaria os dois sempre iam até a cabana levar alimentos e água, o desconhecido continuava calado, os dois deram um jeito na cabana arrumaram uma rede para o homem dormir melhor, quando chegavam sempre preparavam o peixe assado e muitas frutas diversas e frescas, aos poucos o homem estava se recuperando.

Assim se passou quase um mês e nada do homem falar uma palavra que fosse, ele já saia pelo lugar, trazia madeira para o fogo, mas estava sempre com seus pensamentos distantes.

Todos os dias Quintino fazia a oração do Pai Nosso que aprendeu com Mãe Marli.

Tobias perguntou até quando vamos deixar ele aqui nesta cabana logo alguém poderá passar por aqui e ver ele.

—Vamos continuar até quando for necessário.

O homem saiu da cabana olhou para eles e disse:

—Boa tarde meus amigos, meu nome é Joaquim.

Os dois olharam boquiabertos para o estrangeiro e de fato ele era português seu sotaque era igual aos portugueses da vila.

—Só tenho que agradecer a vocês por tudo que vocês têm feito por mim, vocês salvaram minha vida.

—Não tem nada que agradecer, não, eu me chamo Tobias e este é Quintino.

—É eu sei — disse Joaquime deu uma risada tímida.

—Mme desculpem eu estava com muitos conflitos.

Não vamos forçar você a nada, mas estamos curiosos para saber como veio para aqui nesta praia você estava no navio que naufragou?

—Sim eu era um prisioneiro no navio e momento antes dele afundar eu fui libertado de minha cela.

Joaquim contou toda sua história, falou sobre sua família, sua prisão injusta e que sua esposa estava no navio e ele não sabia se ela tinha sobrevivido.

Tobias falou, acho bem difícil você sobreviver já foi um milagre.

Joaquim começou a chorar a emoção e a tristeza tomavam conta de Joaquim.

Quintino e Tobias ouviam tudo com resignação sem jamais dar opinião, porém sabiam que precisavam arrumar um meio para ajudar Joaquim.

Explicaram para Joaquim que além deles o senhor João Batista dono do bar e da banca de peixe sabia sobre ele e que ele queria ajudar no que fosse preciso e que eles falariam com ele.

Naquela tarde foram conversar com o senhor João Batista e contaram toda a história que Joaquim contou para eles.

Senhor João falou:

—Eu não falei para vocês que muitos são trazidos para estas terras acusados injustamente pelos que têm poder e grandes poses.

O senhor João continuou a falar:

—Precisamos trazer ele para a vila, tenho uma ideia, poderemos esperar a chegada de um navio que está para chegar de Portugal trazemos ele escondido para meu bar e depois falamos para todos que é um primo meu que veio me ajudar.

—Somente o senhor mesmo para ter uma ideia desta senhor João Batista, assim ninguém vai desconfiar de nada, este coitado já está considerado morto por todos os que o acusaram mesmo, vamos amanhã mesmo dar as boas notícias para Joaquim.

No dia seguinte foram eles contar dos novos planos a Joaquim, chegaram a cabana e os olhos de Joaquim estava fixo no horizonte e nas ondas do mar.

Quintino falou:

—Joaquim o que acha de recomeçar sua vida esquecer seu passado e seguir novos rumos.

—Quintino venho sempre pensando nisso só não sei como poderei fazer isso.

—Temos uma sugestão que o senhor João Batista deu.

—Fale homem que sugestão é essa.

—Com a chegada do próximo navio você chegará como sendo o primo do senhor João que veio de Portugal para ajudar nos negócios.

—Uma esperança nasceu nos olhos de Joaquim, assim seja, mas que ofício eu terei que fazer?

—O senhor João tem uma venda e uma barraca de peixes no mercado central, vamos te ensinar algumas coisas de pesca, assim poderá aprender e não levantar suspeitas.

—Você poderá começar a desenrolar as redes vamos trazer uma no barco amanhã, o navio ainda vai levar um tempo para chegar e precisa aprender quanto antes.

—Eu não tenho medo de qualquer serviço, eu faço, então está combinado aguardo vocês logo cedo.

No dia seguinte deixaram uma rede toda embolada para Joaquim e também trouxeram uma rede pequena que era redonda e era jogada no mar para pegar peixes.

Ensinaram Joaquim a jogar a rede e ficaram se divertindo com as atrapalhadas de Joaquim.

Joaquim depois de um tempo sem sucesso falou:

—Este ofício parece fácil nas mãos de vocês já na minha fica tudo embolado.

—Calma Joaquim com a prática e perseverança tudo é possível! Falou Tobias.

Com o passar dos dias Joaquim já conseguia a tirar do mar seu próprio sustento, descobriu próximo as cabanas plantações de árvores frutíferas e um rio próximo para poder se banhar e pegar água.

Nos dias que se passavam Joaquim imaginava mil planos para sua chance de nova vida, alguma razão tinha para ele estar vivo.

Quintino e Tobias estavam na lida, as tarefas diárias e o bar tomavam seus tempos, fora atender os desejos do senhor

Alfradique, todos aguardavam a chegada do navio que sempre trazia novidades.

Os amigos cresceram assim e aprenderam muito bem como tirar proveito de tudo que pudessem.

No trabalho pesado, desde a puxada das redes e do barco, durante o trabalho tudo era motivo para dar risadas era uma canção um causo tudo era motivo de alegria.

O tempo passava e ninguém nunca ouviu falar de Joaquim e ele continuava sua vida.

Tobias era de pele morena, queimada pelo sol, perdera a mãe muito cedo, não conhecia seu pai o que sabia era que ele era um português que abusou de sua mãe.

Esperto sagaz e criativo, cresceu pela vila. Era considerado um menino sem dono, era leigo para assuntos profundos mas tomava como lei tudo que o Quintino lhe dizia. Ajudava o padre em tudo que podia, mas frequentava as giras da Mãe Marli, era um dos pescadores dos mais renomados da vila.

Tinha meia idade, não era casado e nem tinha filho, dizia que isso não era para ele.

Quintino era negro de pele quase azul, alguns cabelos brancos, ainda com muito vigor físico.

Cresceu com sua mãe e pai por muito tempo escondidos pelas matas e em quilombos com o garimpo conseguiram comprar suas alforrias, bem como construir sua casa na praia e comprar um barco para pescarem.

Conheceu Tobias assim que veio para a vila e ficaram amigos desde então.

Os dias que se passaram foram de ansiedade e angustia para Joaquim.

Ele andava de um lado para o outro na praia, não conseguia se concentrar imaginava mil ideias, mil situações que poderiam acontecer na vila.

Já era tempo do navio chegar, Tobias e Quintino haviam organizado tudo com o senhor João para a chegada do primo, inclusive está notícia foi espalhada pela vila, para não ser surpresa com a chegada de Joaquim.

Fazia um bom tempo que seu Alfradique havia feito uma viagem com seus capangas, causando estranhezas em todos, pois ele fazia questão de estar sempre próximo de tudo.

Alfradique já havia deixado alguns pequenos negócios de lado e falava que só dava trabalho e nenhum lucro.

Quando ele voltou Quintino perguntou

—Pois diga meu velho porque sumiu destas bandas?

—E eu tenho satisfações para te dar negro atrevido.

—Só estou perguntando para te dar satisfações dos negócios.

—Não estou preocupado com pequenos negócios agora me preocupo somente com os grandes negócios.

—Que negócios são estes? Perguntou Tobias.

—Tome conta de sua vida e deixe que eu tomo conta da minha.

—Estou perguntado porque está chegando um navio e se pudermos ajudar em algo estamos aqui. E temos braços muito fortes.

—Meus negócios agora, não precisam de braços fortes e sim de homem corajosos, mas vão cuidar da vida de vocês deixe a minha em paz.

Os dois estranharam muito as falas de Alfradique com certeza ele estava junto com seus capatazes fazendo coisas erradas, mas como ele falou ninguém tinha nada com isso.

Joaquim abriu os olhos, era de manhã cedo os raios do sol já despontavam no horizonte, seus amigos não haviam aparecido no dia anterior, Joaquim ficou preocupado será que havia acontecido alguma coisa eles nunca deixaram de vir nenhum dia, será que o navio já havia atracado?

Pegou sua rede e foi para a beira da praia jogar sua rede para pegar uns peixes para o almoço, um tempo depois teve uma surpresa tinha em sua frente um grande navio que estava indo com sentido a vila, silencioso e majestoso deslizava pelas águas.

Lembrou-se da condição em que entrou no navio. Lembrou dos momentos de agonia dentro do navio enquanto ele afundava e alegria quando sua cela foi aberta. Lembrou-se quando saiu correndo para o convés do navio já praticamente afundado, os raios e a ventania eram fortes, foi jogado ao mar.

Como era um bom nadador, nadou durante muito tempo, quando avistou a praia e em um grande esforço conseguiu atingir a praia, estas lembranças fizeram com que ele chorasse de dor, sua amada Madalena não sabia nada e, com certeza, não teria sobrevivido, ele durante sua travessia não viu ninguém em sua volta.

Joaquim disse para si mesmo: —Agora nada de choro é hora de recomeçar e vou fazer tudo que eu puder para ficar rico nestas terras não importa os obstáculos.

No mesmo instante todos do vilarejo já estavam apostos para receber o navio que sempre trazia novidades e dinheiro. Também esperavam os passageiros e marujos tque ficariam hospedados nas casas da vila e pagavam um bom preço por isso. Cada morador sempre reservava um bom quarto para hospedar e quanto mais conforto mais dinheiro entrava.

As crianças aproveitavam para vender frutas locais e doces feito pelas negras da vila. E os botecos aproveitavam para renovar os estoques de bebidas trazidos pelo navio.

Nos dias que o navio ficava parado no porto, os botecos faturavam alto.

No final daquela tarde Joaquim já estava agoniado sem notícias de seus amigos, quando eles chegaram ele falou:

—Vocês me salvaram agora querem me matar de agonia e sem notícias.

—Calma Joaquim precisamos observar tudo primeiro, o senhor João falou que é para hoje a noite te levarmos para a casa dele. Então, ele vai falar para todos que você chegou doente e precisa se recuperar. Depois que o navio partir novamente você já poderá ajudar na barraca dos peixes assim não levantará suspeitas.

Alguns dias depois com a partida do navio senhor João começou a apresentar Joaquim como sendo seu primo que tinha vindo para ajudar na barraca de peixes.

Joaquim foi aprendendo tudo aos poucos, com o tempo já conhecia todos os tipos de peixes quais eram mais procurados pela

freguesia e a fazer preço na hora da compra e venda, para poder ter bons lucros.

Quando o senhor João Batista tinha que viajar para a Vila São Sebastião para comprar mercadorias ou vender as pedras que comprava dos negros e dos pequenos garimpeiros que não tinha direto a exploração de terras.

Joaquim com o passar do tempo foi se interessando mais nos negócios das pedras do que na barraca de peixe.

Em uma das viagens do senhor João Batista. ele trouxe sua filha Isabel, Joaquim viu nisso uma possibilidade de poder ter vantagens e começou a seduzir Isabel para ele aceitar ser sua esposa.

Não resistindo aos galanteios de Joaquim, ela aceitou ser sua esposa. O senhor João organizou uma grande festa todos estavam felizes com o casamento.

E o tempo foi passando, Isabel passou a cuidar da banca de peixe e Joaquim a ajudar o senhor João no bar e em suas viagens de negócios.

Capítulo 20 - Sobre a vinda de sr Aguilera para o Brasil

Após vários meses senhor Aguilera retornou as terras do senhor Jerônimo .

—Jerônimo trago ótimas notícias o menino Arthur tinha razão fui chamado pelo Rei e ele reconsiderou meu pedido e forneceu uma grande dimensão em terras em além-mar para que eu possa

cultivar cana-de-açúcar, eu gostaria de conversar com o senhor Manuel e seu neto sobre nossa partida.

—Aguilera será uma grande pena a partida dos dois eu e todos aqui gostamos muito deles, eles têm feito um ótimo trabalho nas terras.

—Jerônimo o próprio Arthur disse que prepararíam a terra para deixar boa para os novos donos quando forem cuidarem dela.

—Tem razão eu não posso impedir o caminho deles.

—Sabe Jerônimo foi a conversa que eu tive com Arthur que me deu novo ânimo. Eu já havia desistido. Quando sai daqui, as palavras de Arthur me perseguiam. Enquanto eu não fiz novo pedido ao Rei não tive sossego, falei com o Rei , então ele ficou de analisar meu pedido, e finalmente, agora ele autorizou minha partida e me concedeu as terras que quero compartilhar com meus novos sócios, os dois riram.

—Amanhã partimos cedo para falar com eles.

—Vamos sim, mas hoje vamos saborear um ótimo vinho que seu Manoel e Arthur prepararam.

No dia seguinte os dois partiram para encontrar com ele.

Quando se aproximaram da casa avistaram Arthur e Manoel com duas malas ao lado.

—Bom dia senhor Manuel, bom dia Arthur!

O senhor Jerônimo perguntou:

—Vocês vão viajar?

—Arthur respondeu de pronto, sim vamos para as terras do além-mar seguir nosso destino.

—Senhor Jerônimo desculpe, mas este menino está a semana toda falando que hoje senhor Aguilera vinha nos buscar para irmos para as terras do além ar e já arrumou nossas malas, fez eu ir falar o senhor Tonico, que se casou a pouco tempo, para vir conhecer as terras pois eles e sua esposa que vão cuidar dela agora e tinha certeza que o senhor aprovaria a escolha.

—Boa escolha Arthur, também concordo.

—Eu tinha certeza que concordaria, por isso falei para eles hoje mesmo mudarem para cá.

Todos riram e Aguilera falou:

—Então já está tudo arrumado, Arthur não sei como soube da notícia, mas é verdade o Rei nos concedeu terras no além-mar para plantarmos cana-de-açúcar.

—Meus amigos me falaram durante os meus sonhos.

—Eles estão certos partimos amanhã cedo para ficarmos próximos ao lugar da partida do navio, pena que alguém estragou a surpresa que eu queria fazer. Todos riram.

—Senhor Aguilera não fique triste, mas desde que durante meu sono, meu amigo falou que o Rei concederia as terras, já estamos nos preparando para a viagem.

—Desculpas senhores Aguilera e Jerônimo, este menino tem estas esquisitices desde de pequeno.

Então se as malas estão prontas não tem porque esperarmos mais. Disse Aguilera.

O senhor Jerônimo falou:

—Vamos passar na casa de Tonico e acertar os detalhes.

Arthur falou:

—Não se preocupe, eu e meu avô já explicamos tudo para ele e sua esposa, até como cuidar da cana-de-açúcar.

—Isso foi a principal coisa que ensinei e a esposa dele adorou o doce feito da cana.

—Também passei tudo sobre como fazer o vinho e principalmente que tudo eles deverão compartilhar com todos.

—Senhor Manuel, nas novas terras vamos plantar uvas para produzir bons vinhos.

—Arthur já providenciou boas mudas de nossas uvas e mudas de cana-de-açúcar.

—Que bom que meu sócio pensa em tudo. Todos riram.

—Socio não senhor Aguilera, seremos sempre seus bons servos.

—Negativo, vocês serão meus amigos e meus sócios em tudo.

—Não temos nenhum recursos para ajudar em nada.

—Vocês me trouxeram o ânimo para minha vida e isso não tem preço, e a experiência de vocês não tenho como comprar.

—Lá nas novas terras resolveremos

—Não senhor Manuel já está resolvido as terras já estão em nome de nos três.

—Vovó o senhor Aguilera tem razão teremos que estar juntos para as adversidades que possam surgir.

Todos riram

—Então, está certo vamos pegar tudo e partir.

Após algumas semanas já estavam no porto aguardando o dia da viagem.

Aguilera tinha uma família formada de esposa e duas filhas, sendo uma já casada e outra com a idade de Arthur e a convivência entre eles era muito boa.

Senhor Quintino, em gratidão por tudo que eles tinham feito e entregou ao senhor Manuel uma boa quantia de dinheiro, no começo ele relutou em receber, mas depois aceitou de bom grado porque este dinheiro seria muito útil nas novas terras.

Alguns dias depois receberam a confirmação da chegada do navio e a confirmação da partida e teriam que ir no palácio para receber os documentos das terras que o Rei havia doado. Chegando lá tiveram uma surpresa quem era o responsável para entregar os documentos seria o Conde Rochdalle, ficaram surpresos e com medo que não daria certo a partida.

O Conde pediu que entrassem em seu gabinete e os três assustados entraram.

—Calma fiquem tranquilos aqui estão os documentos das terras de vocês.

O Senhor Manuel falou:

—Como ficar tranquilo ,o conde já nos causou tantos males como saber se não faria novamente.

—Eu nunca fiz mal a vocês, somente quis fazer justiça e ajudar meu amigo Francisco.

—Como justiça? Você acusou Joaquim de ter matado Juvenal e sua família. Falou senhor Aguilera. E sei lá em quantas coisas mais você ajudou aquele louco do Francisco.

—Vocês podem sentar eu poderei explicar tudo.

Arthur sentou e pediu que eles também sentassem para ouvir a história do Conde de Rochdale.

Os dois se sentaram e Rochdale começou a falar:

—Eu por conta de dinheiro fácil tanto tinha negócios com Francisco e também com Juvenal e Joaquim. Eles cometiam assaltos nas caravanas que circulavam nas estradas próximas, saqueavam as mercadorias vindas do Porto. Eu quando voltava do castelo de Francisco passa na casa de Juvenal ver o que eles tinham e o que me interessava eu comprava, sempre por um preço baixo. Assim eu ganhava nas revendas das mercadorias, meus lucros eram grandes e fáceis. Joaquim não sabia que eu era um dos compradores das mercadorias roubadas.

—Em uma desta ida a casa de Juvenal para negociar quando vimos a chegada de Joaquim. Então para ele não me ver fiquei escondido em um cômodo ligado com o quintal e com a sala de Juvenal.

—Joaquim estava muito nervoso e gritava pedindo que Juvenal entregasse o dinheiro da parte dele das vendas das mercadorias.

—Só que Juvenal era muito ganancioso e sempre passava Joaquim para trás na partilha do dinheiro.

—Juvenal falou que não tinha dinheiro nenhum para dar para Joaquim ele já tinha recebido a parte dele.

—Joaquim gritava que era mentira que dos últimos assaltos Juvenal não havia dado nada para ele.

—Juvenal falava para Joaquim que era melhor ele partir com Madalena sem levar nada senão ele perderia Madalena pra Francisco e soltou grandes gargalhadas.

Joaquim gritava que precisava do dinheiro se não Juvenal iria se arrepender.

—Juvenal dizia que nada daria e se Joaquim insistisse denunciaria Joaquim como quem comédia os assaltos as caravanas, falava para ele fugir logo com Madalena.

—Eu escondido no quarto fiquei somente ouvindo a briga, com os gritos. A mulher e filha de Juvenal foram ver o que estava acontecendo, os dois começaram a luta corporal, Joaquim pegou um facão que ele tinha em sua cintura e golpeou Juvenal no pescoço. Então ele caiu em uma imensa poça de sangue, a esposa de Juvenal e sua filha foram socorrer, e vendo aquela poça de sangue começara, a gritar que Joaquim pagaria por aquilo e que ele iria para a cadeia.

—Eu quando vi aquela cena sai sem Joaquim perceber e fui me esconder no quintal.

—Joaquim sem titubear também cortou o pescoço da esposa e filha de Juvenal. Após o crime, saiu revirando toda a casa de

Juvenal, como nada de valor encontrou, começou a revirar tudo e jogar as coisas no chão nisso uma lamparina acessa em um móvel foi para o chão e começou a pegar fogo em tudo, Joaquim derrubou outras lamparinas por todos os cômodos, quando viu que toda a casa pegava fogo partiu.

—Os soldados de Francisco que estavam próximos viram a casa pegando fogo vieram ver o que estava acontecendo e me viram eu escondido no quintal, me levaram até Francisco, relatei todo o acontecido eu prometi testemunhar tudo que vi por conta dele não me denunciar ao Rei que eu fazia comércio ilegal com Juvenal.

Depois de ouvir o relato, Manoel começou a gritar:

—É tudo mentira.

—Vovó o conde não está mentindo, ele fala a verdade, meu pai ainda é um espírito enraizado no mal.

O avó de Arthur ficou calado com a declaração do neto.

O conde continuou a falar:

—Francisco sempre quis casar com sua filha e dar o melhor para vocês e é claro tudo faria para isso, mas quando soube da morte de Madalena no naufrágio se recolheu em seu castelo e hoje tem pouco contato com todas as pessoas.

—Algum tempo ele pediu que eu interviesse com o Rei para ele conceder terras aos senhor Aguilera. Tinha certeza que senhor Aguilera indo vocês também estariam em para as terras além-mar.

—Quando soube que o Rei atendeu o seu pedido me pedido que eu entregasse a vocês esta quantidade de dinheiro para ajudar nas novas terras e junto com ela seu pedido de perdão por todo o mal que ele proporcionou a todos.

Então oSenhor Manoel falou:

—Não precisavam de nada dele!

Arthur se levantou e falou:

—Vovó vamos precisar sim deste dinheiro.

—Agradece ao senhor Francisco e diz aceitamos seu perdão e que ele também aceite o nosso pedido de perdão por tudo que meu pai fez com ele e sua família. Que um dia ele e minha mãe poderão se reconciliar de todos os males de vidas passadas.

—Mas ele não morreu no naufrágio? Perguntou Rochdale

Arthur respondeu de pronto, que não e que ela estava viva.

Manoel falou:

—Senhor conde não liga para este menino.

Todos não compreenderam nada do que o menino falava, mas não comentaram nada.

Hoje mesmo parto para o castelo de Francisco para dar as boas notícias.

Arthur falou:

—Diga para o senhor Francisco não ficar trancado em seu quarto no seu castelo, diga para ficar próximo de seus aldeões, compartilhar com eles suas alegrias e tristezas, fazer suas terras produzirem cada vez mais, desta forma ele poderá ajudar a todos que precisarem e a esperar para se reconciliar com minha mãe que vira mais rápido.

—Ficar trancado o tempo demorará mais a passar, suas terras serão destruídas isso não será bom para ninguém.

Arthur após estas palavras caiu sentado na cadeira desfalecido, todos mesmo de bocas abertas sem saber o que fazer ou o que falar foram abanar Arthur que foi retomando seus sentidos.

Arthur completando falou:

—Em breve nos reencontraremos e ele precisará estar bem e não atrofiado no tempo, e sem sua dor e amargura, o jardim dele deverá estar florido e os pomares produzindo muitas frutas para que os pássaros e animais voltem em seu jardim.

Rochdale entregou os documentos e desejou boa viagem a todos.

Após alguns dias que o navio partiu Rochdale chegou as terras de Francisco, tudo era um desanimo só, como Francisco não negociava as mercadorias seus aldeões não se preocupavam em produzir somente faziam o necessário para eles mesmos.

Em volta do castelo que antigamente era um grande pomar e um belo jardim hoje era somente mato cobrindo tudo na parte interna e externa do castelo, o que era um brinco de limpeza e beleza, hoje um desleixo só.

Francisco tinha dispensado todos os empregados para que fizessem o que quisessem e somente permaneciam com ele Juarez seu fiel chefe da guarda e sua cozinheira Antonieta, que quase não tinha trabalho, Francisco na maioria dos dias nada comia.

Juarez informou para que Rochdale subisse ao quarto de Francisco ele não queria descer.

Rochdale foi ao encontro de Francisco o encontrou pior do a última vez que o havia visitado, estava mais magro, barba e cabelo compridos e por fazer e sem ânimo para fazer nada.

—Meu amigo conde

—Meu amigo Conde espero que traga boas notícias dizendo que eles aceitaram minha ajuda.

—Francisco não trago boas notícias

—Conde porque eles não aceitaram minha ajuda?

—Francisco tenho certeza que esta será a última vez que te vejo jogado nesta cama desta forma.

—Aceitaram sim seu dinheiro e seu pedido de perdão.

Rochedale explicou tudo que havia acontecido e tudo que Arthur havia falado.

Francisco foi se enchendo de emoção a cada palavra dita, quando Rochedale falou de Madalena e da certeza do menino que sua mãe está viva e que Francisco teria uma nova oportunidade de reencontro.

Francisco caiu em prantos e nada sabia o que falar ou pensar.

Rochedale preferiu deixar ele sozinho e descer para seu quarto de hospedagem, depois de algumas horas de descanso, Juarez bateu à porta do quarto de Rochedalle e informou que Francisco o esperava para o jantar.

Rochedale perguntou se o jantar seria no quarto de Francisco e foi informado que ele o esperava na sala de principal de jantar, Juarez deu um sorriso e saiu.

Rochedale ficou surpreso com o convite, quando chegou na sala seu espanto foi grande.

Viu Francisco sentado a mesa barba e cabelos feitos, homem totalmente diferente daquele que havia encontrado horas antes.

Com um grande sorriso Francisco disse:

—Venha meu grande amigo tome um cálice do meu melhor vinho vamos comemorar hoje é início de uma nova vida para mim.

Aos poucos foram chegando os aldeões convidados por Francisco para o jantar, aquele homem recebia a todos com alegria, e sorridente e durante o jantar foi contando aos colonos como seria sua nova administração das terras onde todos teriam participações justas.

O que se via era um amor superando o ódio, deixando a dor de lado e prometendo que tudo seria diferente naquelas terras.

CAPÍTULO 21 — Retorno dos negros ao quilombo e partida para vender as pedras

Após vários dias viajando escondidos pelas matas e verificando a todo momento se não estavam sendo seguidos, chegaram no final da tarde ao quilombo e foi uma grande festa. Vararam a noite cantando e dançando e contando as novidades da viagem.

Pai Inácio e Mãe Maria ficaram felizes por terem notícias de irmão Mali e de seus filhos.

Madalena ouvindo tudo com alegria por saber que já poderia organizar uma viagem para vender as pedras na vila.

Mãe Maria realizou um trabalho com todos do quilombo as rezas eram feitas junto com as cantorias e os batuques, Mão Maria chamou Madalena e falou:

—Filha agora que já está pronta para a nova etapa de sua caminhada, tenha muito cuidado e na hora certa será revelado para vocês algumas verdades, saiba ter controle não coloque tudo a perder, sua missão com nos negros é muito maior que tudo.

—Mãe Maria não estou entendendo o que a senhora que dizer.

—Fique tranquila na hora certa saberá, saiba manter a calma e controlar os negros para que nenhum deles derrame nenhum sangue.

Madalena prometeu para a Mãe que atenderia seu pedido mesmo não sabendo quais seriam as adversidades.

Com o uso das ferramentas trazidas na viagem o garimpo fico mais fácil para encontrar pedras preciosas, todos continuaram seus trabalhos revessando de forma que todos fizessem tarefas iguais.

A construção de uma carroça era importante para poder transportar as coisas da tropa e não levantar suspeitas, Oliveira havia trazido um cavalo e tudo necessário para construir a carroça.

Em alguns meses a caravana de seis negros mais Oliveira, Laércio e Madalena, estavam a caminho, munidos de uma pequena parte das pedras.

Mesmo assim mantinham uma parte bem escondida nas madeiras da carroça e uma pequena parte com pedras menores em uma sacola de couro no pescoço de Madalena.

Sabiam que a estrada tinha ladrões e não poderiam correr o risco de perder tudo, não poderiam levantar suspeitas que tinham muitas pedras, não poderiam falar de onde tiraram as pedras para não levantar cobiças. Caso fosse necessário poderiam indicar para o administrador o local do antigo quilombo como sendo o local que encontraram as pedras.

Chegando na vila não iriam direto para a casa de mãe Marli ficariam acampados próximo a vila e Oliveira procuraria o senhor Chavier para acertar o encontro de Madalena, desta forma não levantariam suspeitas.

Madalena estava vestida com as roupas de homem que eles trouxeram da viagem anterior.

Ela não tinha nada igual à Madalena que havia sofrido um naufrágio alguns anos atrás, sua pele era escura, cabelos compridos e escuros devido as ervas que mãe Maria e Pai Inácio prepararam, ela lembrava os nativos ou mesmo os tropeiros que a muito percorriam estas terras.

A ansiedade de Madalena era muito grande e o caminho a seguir longo.

Alguns dias de viagem estavam próximos da vila e Oliveira pediu a todos que tivessem atenção. Nas estradas daquela região era onde geralmente ocorriam os assaltos e lembrou a todos que se houve um assalto ninguém deveria fazer nenhuma reação, e nem uma gota de sangue deverá ser derramada. Disse ainda que a sacola que estava com Madalena seria entregue para não haver problemas.

Faltando meio dia da vila o grupo do quilombo foi cercado por aproximadamente 10 homens que gritavam muito e armados com armas de fogo e espadas, o líder com sotaque português era o quem dava as ordens.

Madalena ficou atônita aquela voz era familiar só não lembrava de onde, lembrou das recomendações da Mãe Maria e pediu aos negros que deitassem no chão e não reagissem.

O líder anunciou o assalto e que queriam as pedras preciosas, pediu para seus homens revirarem a carroças, Madalena gritou se é ouro que querem aqui estão e jogou a sacola na direção do chefe.

Madalena disse:

—Aí está 3 anos de trabalho duro!

Mesmo assim os ladrões reviraram tudo como nada encontraram se contentaram com a saco de pedras que Madalena entregou.

Quando estavam para sair o cavalo do líder deu um pulo para trás e o líder caiu e sua máscara foi ao chão.

Para surpresa de Madalena aquele homem era o seu amado Joaquim, ela teve uma tontura e quase desmaiou. Lembrou das recomendações de Mãe Maria, fez que não viu seu rosto abaixando a cabeça, seu corpo era uma tremedeira só. Queria gritar para Joaquim e dizer que ela era Madalena, e tinha a certeza se fizesse isso todos seriam mortos pelos ladrões de Joaquim.

Assim que eles partiram, Madalena caiu em choro e desespero, Laércio se aproximou dela e falou:

—A sinhá reconheceu o líder dos ladrões não foi sinhá?

Madalena confirmou:

—Sim era Joaquim meu marido.

—Sinhá por isso que Mãe Maria nos alertou para não reagir ela sabia o que aconteceria, faz parte de transformação de nossa história.

— Ao ver aquele bandido fazendo o que fez e depois descobrir que era Joaquim, quase desmaiei, me controlei o máximo, sei que nossa história ainda terá muito para ser resolvida.

—Vamos guardar segredo de tudo para o administrador que vamos vender as pedras não vamos falar que fomos atacados, se falarmos não teremos como explicar que ainda temos pedras para vender.

Oliveira falou:

—É melhor assim mesmo sinhá, chegando na vila vou procurar o senhor Chavier, para ele preparar os documentos que a sinhá vai precisar para provar que o Rei deu permissão para explorar as minas e os documentos de posse de nós negros.

—Vamos então partir para a vila já que todos estamos bem.

Acamparam em um terreno próximo à casa do senhor Chavier, no dia seguinte Oliveira e Laércio estariam procurando por ele.

Naquela noite Madalena não conseguia dormir sua cabeça era um turbilhão, como Joaquim chefe de um bando de salteadores? O que teria acontecido para ele chegar a isso.

Cansada e ainda com seus pensamentos fervilhando pegou no sono.

Em sono profundo Madalena foi levada para uma roda de gira, onde lá estava Mãe Maria, Pai Inácio, sua Mãe e uma mulher que ela não conhecia.

Mãe Maria falou primeiro:

—Filha você foi fiel a tudo que aprendeu, hoje dependendo de sua atitude todos os negros inclusive você, poderiam ter morrido.

A Mãe de Madalena falou:

—Filha Joaquim aqui nestas terras deixou aflorar suas más tendências de vidas passadas, não conseguindo superar sua obsessão pela fortuna e por não querer colocar em prática o que implorou antes de encarnar, que seria ter uma vida simples, sem fortuna, tirando seu sustento de seu suor.

—Preferiu dar ouvidos os espíritos que ainda estão enraizados no mal que o acompanham e também seguir as más companhias que reencontro reencarnado nestas terras.

—Se aliou a estas pessoas e enveredou totalmente no mal.

A pessoa que Madalena não conhecia falou:

—Em breve você descobrira toda a história de Joaquim e as oportunidades que ele desperdiçou.

Pai Inácio disse:

—Filha o destino é seu não de outra pessoa, a evolução espiritual é sua, somente ajudamos uns aos outros nesta evolução, mas somos responsáveis pela nossa, e não poderemos colocar a culpa em outro pelo nosso fracasso, Joaquim foi orientado a seguir o caminho reto, preferiu dar liberdade a sua escolha e fazer o que

está fazendo e assim trazendo cada vez mais prejuízo ao seu espírito.

Mãe Maria informou:

—Sinhá ficar na paz em breve poderá retomar sua vida e reencontrar com seu pai e com Arthur e dar a liberdade para todos do quilombo.

Madalena como sempre acordou com todas as lembranças de seu sonho, ficou em paz e decidida e saber toda a história sobre Joaquim.

No dia seguinte Oliveira informou a Madalena que estaria indo para a vila dos pescadores conversar com Mãe Marli para ela ir com ele na casa de Chavier e levaria o Laércio junto, Madalena gostou da ideia e falou diga a Mãe Marli que não vamos embora antes de nos conhecermos.

Oliveira foi recebido com muita alegria e contou as novidades que estavam acampados próximos a vila para não levantar suspeitas.

Mãe Marli falou para Oliveira que gostaria de conhecer Madalena, ficou combinado que no dia seguinte após a saída dos pescadores estariam indo para conhecer Madalena e falar com o senhor Chavier.

No dia seguinte acompanhada por Oliveira, Laércio de Santiago chegaram ao acampamento.

—Minha filha que alegria te conhecer.

Madalena reconheceu aquela era a mulher de seu sono que explicaria sobre Joaquim.

—Mãe Marli eu tive um sono com minha mãe, Mãe Marli, pai Inácio e com a senhora como isso é possível?

—Sinha todos nós estamos interlaçados em nossas histórias de nosso passado temos dívidas uns com os outros e estamos aqui juntos para nos reconciliar.

—No sonho a senhora falava que estaria me explicando toda a história de Joaquim nestas terras, isso é verdade.

Sinha tudo ao seu tempo agora é hora de providenciar os documentos para que possa vender as pedras, libertar os negros e a sinhá seguir seu caminho, tudo a seu tempo será esclarecido tenha paciência.

—Paciência mãe Marli é o que mais aprendi a ter.

—Terá que ter mesmo, vamos ao que interessa.

—Sou muito grata por tudo que tem feito por nós sem ajuda de vocês as coisas estariam bem difíceis.

—Não, Madalena nós somos gratos por você ter aceitado no plano espiritual esta missão de nos ajudar e nos dar novos rumos.

—Para muitos de nós é a oportunidade de uma nova vida nesta nossa caminhada.

—E você Madalena é dará novos rumos a este nosso grupo que hoje está sobre sua tutela, Pai Inácio e Mãe Maria já tem o destino certo deles, você e estes seus amigos, como você assim os chamam, iniciarão uma longa jornada de retorno as suas origens.

—Como assim não consigo entender.

—Tudo ao seu tempo vocês reencontrarem seus destinos.

—Nisso Mãe Marli tem razão não vejo a hora de voltar para Portugal e reencontrar meu filho e meu pai, antes disto preciso

entender tudo que aconteceu com Joaquim e porque ele se tornou um ladrão chefe de quadrilha.

—Sinha ouça uma coisa temos uma proposta para esta vida para mudarmos nossos destinos, por veze falimos e trazemos novamente todos os erros do passado que prometemos não mais ter nesta encarnação. Você reencontrará o Joaquim infelizmente com as mesmas mazelas de vidas passadas, não soube atender aos chamados dos bons espíritos, teve grande oportunidade e desperdiçou e agora a cada dia traz mais prejuízos para sua atual condição. Em breve te levarei próximo de Joaquim e sua esposa para você ver e saber tudo o que aconteceu com ele após sua chegada nestas terras, mas tudo ao seu tempo.

O importante minha filha é não esquecer sua promessa de se reconciliar com o seu passado.

De repente Mãe Marli caiu sentada na cadeira sem sentidos, Oliveira e Santiago foram ao seu socorro, então Madalena compreendeu que conversava com o mentor espiritual de Mãe Marli.

—Oliveira eu não compreendi muito as palavras deste mentor, ele falou que vou conhecer o verdadeiro Joaquim.

—A sinhá não pode esquecer das lembranças de suas vidas passadas e talvez seja a hora de conhecer o verdadeiro espírito de Joaquim. Mãe Maria e Pai Inácio sempre nos ensinam que temos vidas após esta nossa vida ,que sempre é para n´ss melhorararmos. Aprendemos que muitos de nós padecem e perdem as oportunidades e permanecem cometendo os mesmos erros ou erros piores ainda.

Joaquim não era um homem mau, sempre fez tudo por mim e meu filho, somente fazia coisas boas.

Mãe Marli recuperada entrou na conversa e falou:

—Sinha em muitas vezes escondemos nossos defeitos e maldades atrás de uma roupagem de pessoa boa, contudo, por trás ainda mantemos nossos defeitos que por vezes são grandes e não queremos nos esforçar para superar ou vencê-los.

—O tempo é o melhor remédio para tudo, o importante é a sinhá seguir suas intuições os amigos espirituais estarão sempre soprando as melhores decisões a tomar.

Oliveira falou sorrindo:

—Até agora não demos um nome para sinhá para podermos a presentar para o senhor Chavier, não poderemos apresentar como Madalena, Mãe Marli sorriu neste primeiro momento sim em breve teremos que falar toda a história para o senhor Chavier.

Madalena com a voz bem forte e disse:

—Prazer sou Francisco! Todos riram.

Seguiram para a casa de Chavier que já os esperava, tinha recebido um recado de Mãe Marli para nos ajudasse.

Quando chegaram e após as apresentações o senhor Chavier perguntou de que forma poderia ajudar, estranhou que aquele grupo era liderado por um branco pensou que todos eram negros.

Mesmo assim convidou todos para entrar e se servirem do banquete que sua esposa havia preparado.

Oliveira apresentou Madalena como senhor Francisco.

Madalena falou:

—É um grande prazer em conhecer o senhor Chavier. Se ésra amigo dos negros e de Mãe Marli também era meu amigo, sou Francisco vim do além-mar para fazer fortuna com o garimpo nestas terras.

—Amigo Francisco vou ser sincero pelo que sei estes negros que te acompanham são negros fujões e nenhum patrício que quer fazer fortuna vem para cá e se junta aos negros fujões, se fizerem isso se forem presos perdem tudo que acumularam e são deportados imediatamente para Portugal.

—Madalena deu um sorriso, amigo Chavier tenho certeza que viemos ao lugar certo, sua sinceridade foi determinante, podemos conversar em lugar reservado? Como sabe as paredes têm ouvidos.

—Podemos sim, mas todos os que trabalham em minha casa foram indicados pela Mãe Marli e são de muita confiança.

—Compreendo eu prefiro uma conversa mais reservada eu o senhor. Mãe Marli, sua esposa Hilda e Santiago que precisa saber de nossa história os demais amigos poderão continuar aqui saboreando estas delicias que sua esposa fez.

Todos riram e agradeceram a oferta.

Seguiram a um espaço reservado, onde Madalena revelou toda a história.

No final da revelação e as futuras intenções do grupo, Chavier e sua esposa estavam atônitos compreendeu que realmente eles precisam ajudar aquele grupo.

—Madalena se queres se passar por homem já atingiu seu objetivo. Deu uma grande risada e sua esposa concordou.

—Então partir de agora serás meu primo que veio para estas terras fazer fortuna com as pedras preciosas e já está por estas terras a uns 10 anos e só agora conseguiu encontrar um veio de pedras. Vou providenciar os documentos que o Rei dá para os que vêm para cá com permissão de garimpar pedras preciosas, vou providenciar os documentos de alforria que você deu aos seus escravos por serem leais a você.

—Por enquanto são apenas para os que estão comigo em breve precisarei para os demais que ficaram no quilombo.

—Primo Francisco fica tranquilo faremos tudo que for preciso! Todos deram uma boa risada.

Chavier informou que precisaria de alguns dias para providenciar tudo convidou Madalena para ficar em sua casa assim não despertaria suspeitas e os negros eram também convidados, Madalena agradeceu o convite.

Mãe Marli falou:

—Madalena dona Hilda poderá te ajudar a empreitada sobre Joaquim.

Hilda não entendeu nada mas disse que ajudaria no que fosse preciso.

CAPÍTULO 22 - Chegada de Arthur no Brasil

Após chegarem no porto de São Sebastião, senhor Aguilera e senhor Manoel foram até o palácio para validar os documentos de doação das terras doado pelo Rei de Portugal.

As terras que receberam ficavam na cidade de São Vicente, em alguns dias a família toda partiu para lá.

O trabalho com a terra seria duro a experiência de Arthur e do senhor Manoel seria determinante para o sucesso das plantações.

Senhor Aguilera não mantinha em sua fazenda negros escravos, somente negros libertos e todos eram remunerados em seus trabalhos. Essa era uma condição que Arthur fazia muita questão, mesmo muito jovem Arthur era muito respeitado por todos e trabalhavam duro igual a seus amigos, como ele os chamava.

Uma vila foi construída dentro da fazenda e cada negro tinha sua casa para acomodar sua família e uma igreja onde aos domingos era celebrado uma missa com a participação de todos moradores da fazenda.

Com a chegada de estrangeiros, eles também foram tendo oportunidade de trabalho na fazenda.

Com os passar dos anos a fazenda era uma das mais produtoras da região.

Os lucros eram devidos por todos os trabalhadores.

E sempre nas conversas sobre as dificuldades que tiveram e tudo por que passaram, Arthur sempre dizia que seu Pai e sua Mãe estavam vivos.

Todos já não ligavam mais para o que ele dizia.

Sabiam que mesmo que os dois estivessem sobrevividos ao naufrágio aquelas terras eram muito grande, ficando impossível um reencontro entre eles.

Capítulo 23 - História de Joaquim depois que chegou na vila

Com o passar dos dias Hilda e Madalena ficaram muito amigas.

Madalena explicou tudo que havia acontecido durante a viagem e o reconhecimento do chefe da quadrilha como sendo Joaquim e que precisara descobrir sua história. Só não sabia em qual lugar Joaquim estava na vila de todos os Santos e quem era ele.

Hilda, Chavier e Madalena sempre estavam andando pelos lugares para ver se descobriam Joaquim. No terreiro de Mãe Marli havia uma festa para homenagear a Mãe das águas, assim como os guias espirituais falavam, Chavier se comprometeu a levar os peixes para a festa. Os três foram ao mercado de peixes e Chavier falou vamos comprar na barraca de Isabel :

—Eu já encomendei alguns peixes.

Dona Hilda falou:

—Chavier sabe que eu não gosto do jeito do marido dela.

—Hilda fique tranquila ele nunca está lá mesmo.

—Coitada de Isabel como sofre na mão daquele canalha, além de perder seu Pai tragicamente, é obrigada aguentar as agressões de seu marido.

Madalena ficou indignada.

—Mas ninguém faz nada?

—Nestas terras ninguém se mete em briga de marido e mulher, falou Hilda.

—Vamos Hilda assim está assustando Francisco.

Chegaram na barraca, quem atendeu foi uma mulher com muitos traços de rosto sofrido por agressões, aquilo fez Madalena mesmo sem conhecer sentir um repudio pelo marido dela.

Ficou olhando indignada com aquilo e Isabel procurava não olhar para ninguém, enquanto Chavier apresentou seu primo e foi escolher os peixes. Enquanto escolhia Madalena viu se aproximar da banca Joaquim, ficou sem saber o que fazer.

Joaquim ao ver aquelas pessoas reconheceu uma como sendo a pessoa que eles haviam assaltado. Como Madalena não esboçou nenhuma reação teve a certeza que no dia do assalto ela não tinha visto seu rosto.

Madalena ficou olhando para alguns peixes tentando se controlar.

—Chavier falou como vão as coisas? Deixe apresentar meu primo, Francisco este é Joaquim esposo de Isabel.

Madalena fez um gesto de longe e virou para continuar vendo os peixes. Pensou ela: então havia encontrado Joaquim ele era o crápula que batia em Isabel. A repulsa por ele aumentou muito, Madalena começou a ter vertigens e foi saindo para outro lugar, Chavier veio próximo de Madalena, ent~~ao ela falou:

—Preciso ir embora urgente.

Chavier chamou sua esposa e pediu que acompanhasse Francisco

—Seu primo está com algum problema? Perguntou Joaquim.

—Fraqueza ainda não se recuperou de sua longa viagem por estas estradas.

—Chavier está fazendo certo levando estes peixes ajudaram muito na recuperação.

—Isso mesmo faremos um bom caldo. Elepegou os peixes e despediu-se de Joaquim.

Quando chegaram na casa de Chavier, Madalena após estar recuperada falou para os dois que aquele homem era Joaquim seu esposo que ela achava que tinha morrido no naufrágio.

Chavier contou uma pouco que sabia da história de Joaquim, que ele era um primo do senhor João vindo de Portugal para ajudar no comércio dos peixes e no bar. Depois de um tempo casou com Isabel filha mais nova do senhor João e com a morte do sogro ficou com tudo e transformou o bar em reunião de jogatinas e mulheres de vida fácil.

Madalena falou:

—Ele era meu marido que ficou preso no navio, como assim se transformou em um primo vindo de Portugal, preciso saber melhor está história, a única certeza que tenho é que ele era o chefe do bando que assaltou nossa caravana.

Chavier falou:

—Agora faz sentido pois aquele bar e frequentado por toda a escória da Vila de Todos os Santos.

—E as autoridades nada podem fazer? Perguntou Madalena.

—Infelizmente não, nestas terras estes locais são vários e estes é só mais um.

—Aqui em Vila de Todos os Santos vários comerciantes que compram pequenas quantidades de pedras das pessoas que não podiam vender diretamente para o administrador senhor Henrique, principalmente as pedras que os negros achavam. O senhor João Batista pagava um preço justo, o senhor Vasco ainda hoje paga um bom preço e realiza troca de mercadorias para os portugueses locais, mas os negros ou tropeiros viajantes são obrigados a vender para Joaquim que paga um preço pequeno, como não tem para quem vender são obrigados se sujeitar as ofertas de Joaquim.

—O administrador fecha seus olhos para este comércio, não proibe por ser sempre pequenas quantidades de pedra que não interessam a corte.

—Os comerciantes quando tem uma boa quantidade de pedras vendem para o administrador, assim não tem problemas com ele, eles ainda têm bons lucros e as vezes por troca de favor são autorizados a irem para São Sebastião para vender lá.

—Hoje muitos comerciantes têm muito medo devido aos assaltos, a maioria já foi assaltada.

—Joaquim dos comerciantes é o único que não foi assaltado e está sempre viajando para São Sebastião.

—Ou dá a desculpa da viagem para assaltar? Perguntou Madalena.

—É possível isso tem muita lógica agora. Falou Chavier.

—Porque o administrador não compra as pedras das pessoas assim Joaquim não pode explorar ninguém? As ordens do Rei é somente comprar dos patrícios que tem autorização para explorar e cada lugar que as pedras são encontradas tem que ser mapeado.

—Agora eu entendo ele roubando os viajantes, justifica na hora de vender as pedras para o administrador como sendo pedras compradas em seu comércio, sabemos casos de vários viajantes mortos pelos ladrões, o sr João Batista pai de Isabel foi um deles, teve a permissão do administrador para vender suas pedras nas terras de São Sebastião desde que trouxesse umas encomendas para ele de lá.

—O senhor João Batista, e seus negros foram mortos no caminho e tiveram tudo roubado.

—Fica claro agora ele pode ter reconhecido Joaquim, ele matou o sogro e seus negros.

—Após a morte do sogro ele assumiu tudo, ampliou o bar para receber muito mais pessoas e viajantes em busca de diversão.

—Vou precisar me aproximar de Isabel para saber tudo sobre Joaquim, falou Madalena.

—Fica tranquila eu tenho uma boa amizade com Isabel será fácil esta aproximação. Falou dona Julieta.

Naquela noite na festa a mãe d'água, Madalena foi apresentada para Isabel, que escondida frequentava o terreiro de Mãe Marli, e foi aos poucos fazendo aproximação dela.

Mãe Marli chamou Madalena e falou:

—Filha em breve as mudanças de vocês já poderão ser feitas para outras terras. Seus caminhos já estão abertos, procure saber tudo sobre Joaquim e assim poderá se libertar de uma vez dele e seguir seu caminho rumo ao além mar.

—Isso é o que eu mais quero irmão Marli reencontrar meu pai e meu filho.

—O mais importante filha é que no além-mar reencontraras seu destino e a reconciliação de seu passado.

—omo é difícil entender suas palavras, já acostumei com Mãe Maria, então somente vou acreditar que tudo que for ter que acontecer acontecerá.

Chavier preparou os documentos da posse e de alforria dos negros e o documento que Madalena precisava para provar que o Rei tinha dado autorização para a exploração das pedras nestas terras.

—Com estes documentos em mãos Madalena poderia negociar as pedras com o senhor Henrique.

Madalena e Chavier foram negociar as pedras.

Senhor Henrique fez todas as perguntas sobre a localização do garimpo, quantos escravos Francisco tinha ele informou que aproximadamente uns 20 alguns vieram junto com ele e outro ficaram lá no garimpo para guardar o lugar.

—Senhor Henrique falou deixou quantos capaz olhando os negros?

Francisco respondeu que todos eram negros libertos por ele e ficam no garimpo por vontade própria e teriam participação no comércio do garimpo.

—O senhor sabe que corre um grande risco de eles encontrarem um veio rico em pedras e te passar para trás.

—O risco tem de todas as formas, mas tive que ariscar, quando eu voltar saberei se foi certo ou errado.

—Bom isso realmente é problema seu, vou preparar os papéis da pose do local e depois vamos analisar as pedras que trouxe, teve muita sorte esta região está acontecendo muitos assaltos.

—Vocês não estão fazendo nada quanto a isso? Perguntou senhor Chavier.

Henrique respondeu:

—Estamos sim já a muito tempo chegou um grupamento sobre o comando do capitão Ribeiro, mas os bandidos têm informações que não temos e não conseguimos pegar nenhum.

—Francisco falou vamos torcer para em breve terem informações que leve estes bandidos pagarem por tudo que estão fazendo.

—Isso é o que esperamos, alguns dos comerciantes da vila estão contratando capitães do mato para acompanhar nas viagens para tentar inibir os assaltos.

—O senhor Joaquim já faz isto a muito tempo não é verdade senhor Henrique.

—Realmente e ele até agora teve muita sorte de não ser assaltado, vamos ao que interessa.

Após entregar os documentos avaliou as pedras e pagou o que achava justo.

Francisco perguntou ao senhor Henrique:

—Eu poderia ir vender diretamente em São Sebastião?

Henrique respondeu: se eu te der uma autorização poderá chegar lá e negociar sem problemas e os preços serão melhores, se for sem autorização terá que vender na clandestinidade e os preços

serão menor dos que são pagos aqui e se for preso no meio do caminho com pedras e sem autorização, as pedras serão confiscadas, seu garimpo repassado para outra pessoa e você deportado de imediato.

—Como recebo esta autorização?

—Depende de muitos fatores, mas principalmente fazendo um bem ao Rei, a nossa comunidade ou diretamente a mim.

—Somente estou perguntando neste momento não tenho como ir para tão longe de meu garimpo, como o senhor mesmo disse preciso estar sempre próximo.

—Em breve voltarei para comercializar novas pedras desta vez terei mais cuidados quando eu for vir e não colocar as pedras em um único lugar.

—Isso mesmo se tiver negros de sua confiança faça eles virem pelos matos em pequenos grupos, assim será mais difícil os assaltos.

—Ótima ideia o senhor me deu farei isso com toda a certeza, despediu-se do senhor Henrique e partiram.

Naquela tarde Madalena foi até o bar de Joaquim e ficou em um canto observando o movimento. Para entender melhor o lugar Laércio o acompanhava para dar proteção, observou que Joaquim sempre falava com um grupo de uns 8 homens e que eles simplesmente pegavam as bebidas sem pagarem nada. Após um tempo saíram todos do bar.

Madalena seguiu de longe o grupo eles entraram em um galpão e lá ficaram por um bom tempo, quando saíram Madalena e Laércio foram até o local, mas não puderam ver o local era muito bem fechado, que galpão seria aquele?

No dia seguinte Madalena acompanhada de Hilda foram no mercado de peixe, Madalena começou a puxar conversa com Isabel.

Madalena perguntou de que parte de Portugal seu marido é, Isabel respondeu da cidade de Coimbra.

—Como foi que você conheceu Joaquim?

—Ele era primo de meu pai que já estava a vários anos ajudando meu pai no bar e na barraca de peixes. Quando eu vim morar com meu pai me apaixonei por ele, devido toda a sua cortesia e gentilezas. Um dia, ele me presenteou com um lindo vestido e perguntou se ele poderia me cortejar, aceitei de imediato, nestas terras existem poucos homens bonitos, galanteador e simpático.

—Alguns meses depois estávamos casados, durante um bom tempo nosso casamento era uma maravilha, depois Joaquim começou a andar com o senhor Alfradique e alguns capitães do mato para cima e para baixo e ele mesmo começou a ir até São Sebastião vender as pedras de meu pai, a partir daí suas atitudes mudaram muito.

—Mesmo a contragosto de meu pai Joaquim deixava algumas mulheres de vida fácil frequentar o bar para atender os clientes e até fez dois quartos nos fundos para ser utilizados por elas.

—Quando eu reclamava de algo ele me agredia.

—E seu pai nada fazia?

—Meu pai começou a ter muito medo dele e falou que ajuntaria algumas pedras e evaria pessoalmente para São Sebastião para vender e que verificaria uma situação sobre Joaquim e voltaria

decidido do que fazer, infelizmente naquela viagem meu pai e seus escravos foram assaltados e mortos.

—Você nunca soube que situação sobre Joaquim seu pai se referia?

—Não sei, um dia os dois discutiam meu pai falava que tinha recebido ele como um filho nunca tinha falado nada sobre o naufrágio para ninguém e agora ele era somente ingratidão.

—Como assim naufrágio?

—Isso eu nunca soube o que meu pai estava se referindo.

—Após a morte de Pai Joaquim transformou o bar em um inferno, as piores pessoas o frequentam, e o bar tem várias mulheres de vida fácil. Joaquim construiu alguns quartos para elas usarem, os coitados que não tem onde vender as pedras são obrigados aceitar o preço que ele quiser pagar.

Madalena falou:

—Por acaso eu o vi entrando em um galpão com alguns homens o que é lá?

Joaquim deixa o lugar trancado a sete chaves, pertencia ao senhor Alfradique. Depois que ele não foi mais visto por estas bandas Joaquim tomou pose do lugar e fala que lá estão suas carroças e os estoques para ser vendido no bar, mas hoje no bar é vendido somente cachaça e vinho. Na época de meu pai lá tinha de tudo, nunca me atrevi a abrir aquele galpão, tenho muito medo de Joaquim.

Após o lanche elas se despediram e Isabel foi embora mais aliviada com a conversa, Madalena pelo contrário ficou mais intrigada com tudo que ouviu.

Madalena perguntou a Chavier se ele sabia alguma coisa de um naufrágio, Chavier falou que os pescadores da vila poderiam ter informações melhores.

Madalena foi na casa de Mãe Marli assuntar sobre o naufrágio, Mãe Marli falou que sim alguns anos a traz após intensas chuvas apareceu na praia vestígios de um navio naufragado:

—Não sei direto da história, mas Quintino e Tobias sabem bem, foram eles que saíram recolhendo tudo para o senhor Alfradique que era o dono da maioria dos barcos daqui, agora tudo pertence ao Joaquim.

—Como faço para falar com os dois?

—Vou pedir para Santiago chamar eles, se estiverem sóbrios poderão te contar tudo.

Capítulo 24 - História de Joaquim

Madalena depois que chegou na vila após o ataque dos bandidos que ela reconheceu Joaquim como o chefe do bando.

Após já saber quem era Joaquim, começou a investigar suas atitudes sem que ele percebesse que estava sendo vigiado.

Além de Madalena também o Capitão Ribeiro estava investigando Joaquim, suas desconfianças eram grandes só que nada poderia provar.

O Capitão tinha certeza que ele era o chefe do bando que roubava e matava nas aproximidades da vila. Sem que Joaquim soubesse o

Capitão tinha informantes da cidade de São Sebastião que Joaquim vendia sempre uma boa quantidade de pedras, que nas compras da vila não tinha como ser tantas assim.

Madalena a cada investigação não se conformava com tudo que via, o Joaquim que ela conhecerá não mais existia, o Joaquim atual era violento, agressivo, ligado a várias mulheres e com grande vício de bebidas. Sempre lembrava-se das palavras de Mãe Maria que dizia que o verdadeiro Joaquim se revelaria para ela e isso estava acontecendo.

Após ver eles entrando naquele galpão a curiosidade de saber o tinha lá dentro era grande e um dia ela descobriria.

Madalena se aproximou o máximo dos comparsas de Joaquim sem que ele percebesse, precisava entender como eles agiam, como tinham informações sobre as caravanas que trariam pedras ou partiriam com as pedras.

Madalena espalhou que estava interessada em comprar pedras e que estava prestes a partir para Portugal e precisava levar a maior quantidade possível.

A notícia que ela estava interessada na compra das pedras e marcou uma reunião em seu galpão.

Seria uma oportunidade de saber o que existia lá dentro.

No dia marcado apareceu para a reunião Laércio e Oliveira, dizendo que como seu patrão era primo do senhor Chavier preferiu não ser visto com eles e que eles eram seus empregados de confiança.

No começo Joaquim ficou com receio para negociar quando viu a quantidade de dinheiro que eles levaram mudou de ideia.

Madalena estava usando o dia da venda das pedras para se aproximar de Joaquim.

Joaquim perguntou quanto de dinheiro e quanto de pedras seu patrão tinha e queria comprar.

Oliveira deu respostas vazias para poder enrolar Joaquim e a intensão de Madalena era saber muito mais sobre Joaquim.

Como Joaquim estava para fazer uma viagem para São Sebastião para fazer negócios, ficou combinado de na volta eles acertarem detalhes na compra das pedras.

Oliveira falou:

—Mas como a senhor vai para São Sebastião e na volta ainda terá pedras para vender.

—Não se preocupe com isso se seu patrão quer comprar pedras ele comprara.

Oliveira deu uma boa risada e falou:

—Vim no lugar certo, fica combinado então nossos negócios na volta.

Sabendo da viagem de Joaquim Madalena se aproximou da Isabel, fazendo galanteios, dona Hilda convidava Isabel às tardes para tomarem um lanche, com o passar do tempo foram ficando mais íntimas.

Uma tarde Madalena perguntou se Isabel realmente não sabia dos negócios obscuros de Joaquim.

Ela caiu em pronto e desabafou:

—sei sim! E foi contando sua história.

—Joaquim era uma boa pessoa depois e que foi mudando e se transformou neste ladrão e mau caráter.

—Vou confessar para vocês, Joaquim não é um primo de meu pai vindo de Portugal.

As duas Hilda e Madalena perguntaram como assim não era primo de seu pai?

—Pois bem, meu pai contou que alguns anos atrás houve vários dias de fortes tempestades.

Hilda falou:

—isso foi mesmo.

—Nesta tempestade houve próximo as costas desta terra o naufrágio de um navio que trazia mercadorias e prisioneiros para estas terras.

—Joaquim foi o único que se sabe que sobreviveu e foi trazido para estas bandas.

—Foi encontrado por dois negros pescadores Quintino e Tobias que pediram ajuda para o meu pai, meu pai ofereceu para Joaquim se passar pelo seu primo que tinha vindo para ajudar nos negócios.

—Joaquim no começo era só gratidão, trabalhava bastante na barraca de peixe.

—Um tempo depois eu vim morar com meu pai, com o tempo fui me envolvendo com ele e resolvemos casar.

—Após nosso casamento Joaquim começou a se interessar mais em trabalhar no bar do que na barraca de peixe, com a tempo meu pai viu que ele preferia trabalhar no bar para poder fazer negócios com as pedras e passou a pagar valores menores do que meu pai pagava.

—Seu pai não reclamava? Perguntou Madalena.

—Sabe como é a ganância dos homens quanto mais lucro melhor.

—Joaquim para atrair mais clientes começou a contratar mulheres de vida fácil para trabalhar no bar, ele construiu até uns quartos ao lado do bar para elas atenderem seus clientes.

—Meu pai e Joaquim ficavam mais no bar para negociar com as pedras eu ficava na barraca de peixes.

—Joaquim aliado com alguns capitães do mato estava sempre viajando, com desculpa para ir caças negros e comprar mercadorias em São Sebastião.

—A história que Joaquim quando estava bêbado contava era que negro bom era negro morto e que quando saiam para caçar negros fujões, somente devolviam aos seus donos as cabeças dos negros.

—E quanto aos assaltos você sabe se ele tem participação? Perguntou Madalena

—Isso não posso dizer que sim e nem que não.

—Joaquim foi ficando muito incomodado de meu pai negociar diretamente as compras e a venda das pedras isso gerava muita briga entre eles.

—Meu pai quando tinha uma boa quantidade de pedras pedia autorização para o senhor Henrique para pode ir em São Benedito vender as pedras, como o senhor Henrique sempre tinha uma lista de encomendas autorizava meu pai a ir.

—Dias antes da partida de meu pai, Joaquim falou que tinha tido uma denúncia da localização de um quilombo e estava organizando alguns homens para irem lá matar os negros e pedir as recompensas.

—Meu pai pediu para deixar o bar fechado até a volta de Joaquim e assim fiz.

—Uns dias depois Joaquim retornou reabriu a bar e continuou sua vida, chegou na vila uma caravana informando que no caminho encontraram uma caravana dizimada por bandidos e que a caravana era a de meu pai.

—Cai em desespero não sabia o que fazer, Joaquim não deu muita importância falou que estaria indo até o local e enterrar todos.

—Começamos a ter brigas constantes Joaquim começou a me agredir sem motivos nenhum.

—Os assaltos continuaram com mais frequências e Joaquim sempre estava viajando hora para quilombos hora para São Sebastião.

—Um dia Joaquim chegou completamente bêbado e começou a me bater, peguei um facão para me defender, ele começou a dar risadas falando:

—Você acha mesmo que eu vou ter medo de um facão deste? Com um facão deste, matei seu pai para roubar as pedras daquele velho sovina, que nada queria me dar, matei mesmo, ele implorou pela sua vida disse que daria tudo para mim, eu dei muita risada e falei

com sua morte tudo já será meu mesmo, matei com um golpe certeiro de facão em seu pescoço e sai matando todos os seus escravos.

—Eu fiquei louca de raiva e avancei nele para agredir, mas só que ele é mais forte e me agrediu muito, Joaquim falou: se você um dia tentar novamente me agredir ou contar esta história para alguém vai morrer igual seu pai e igual a família que matei inteira em Portugal.

Madalena neste momento sofreu um desmaio, todas foram em seu socorro, depois que Madalena melhorou, Hilda as convidou para tomarem um lanche

Madalena foi se acalmando, e elas continuaram a conversa

—Hilda perguntou, porque você não o denunciou?

—Com que provas? Nestas terras mulheres não tem muitos direitos.

—Isso é verdade! Disse Hilda.

—Hoje cada um vive sua vida, durmo no quarto que era de meu pai e ele quando vem para casa dorme no dele e muitas vezes sem motivo nenhum me agredi, por isso estou sempre machucada, ele fala que é para homem nenhum se aproximar de mim.

—Como estou sempre machucada com muitos ferimentos e já algumas distorções Joaquim tem razão os homens olham os peixes de minha banca e nem levantam os olhos para mim.

Hilda falou:

—Isabel você é uma mulher bonita.

—Grato por suas palavras sei de minha realidade e de minha condição.

—Eu sei que Joaquim esconde muitas coisas no barracão que tem, só ele e seus capangas entram lá, não tenho provas de nada, são somente minhas suposições.

Hilda falou:

—Vamos deixar estes assuntos para lá vamos tomar um lanche.

Quando estava sozinha comecei a chorar, era tudo verdade o que Francisco dizia que Joaquim matou seu irmão e sua família e colocou fogo em tudo.

Um ódio tomou conta de Madalena ela estava decidida que no encontro para negociar as pedras ela pessoalmente tiraria tudo a limpo e desmascarar Joaquim.

Naquela noite Madalena após muita inquietação dormiu, e em seu sono foi levada novamente para um passado distante e como se fosse tudo presente viu Joaquim matar com uma porção de veneno Francisco e viu que Francisco diza que não tinha raiva e que não o perseguiria.

Uma mulher se aproximou de Madalena e disse:

—Agora já sabe de toda a história sobre vocês em suas vidas passadas, Joaquim teve uma nova oportunidade para se reconciliar com todos vocês principalmente com Francisco, ele precisaria nesta vida vencer as suas más tendências, vencendo suas tentações do mal.

—Ele foi trazido para próximo de Francisco, devido suas atitudes junto com Juvenal, Francisco não permitiu aproximação.

—Após a morte do pai de Francisco ele foi muito influenciado pelos espíritos comprazidos no mal e começou a ter atitudes ruins, quando você reencontrou com Joaquim as lembranças foram mais fortes e vocês se reaproximaram e quando se reencontrou com Francisco a repulsa foi grande de sua parte para com ele, Francisco teve a lembrança da vida de vocês juntos em outra vida e o sentimento de amor aflorou, só que vocês devido as influências do mal somente ficou com olhos para Joaquim e ai aconteceu tudo o que aconteceu.

—Madalena você não deverá procurar Joaquim para tirar satisfações isso será perda de tempo, Joaquim já está enraizado no mal e poderá fazer alguma coisa para te impedir de falar alguma coisa para alguém.

—E vocês não poderão trazer mais complicações para suas encarnações, este e o momento de orações, esta história já próxima de seu final.

—Em breve você e seus amigos negros deverão dividir suas pedras e cada um seguir seus caminhos para a nova vida que escolherem, alguns vão ficar por estas bandas mesmos outros vão para as bandas onde as fazendas de café e cana-de-açúcar prosperam e lá comprarem terras e as tornaram terra de negros livres e de que progresso, alguns vão querer seguir com você para as terras além-mar compartilhar junto com você sua nova vida.

No dia seguinte Madalena informou a todo que deveriam voltar para o quilombo ajuntar tudo e partir para as novas terras em busca de suas liberdades, deixando todos os sofrimentos para trás, todos gostaram muito da ideia.

Naquela tarde o Capitão Ribeiro procurou Madalena:

—Boa tarde senhor Francisco tomei a liberdade de vir aqui porque fiquei sabendo que o senhor Terá negócios por estes dias com Joaquim

Madalena perguntou:

—Como soube disso?

—Senhor Francisco eu sempre tive muitas dúvidas sobre os negócios de Joaquim e que ele e seus capangas são os ladrões quem tem feito terror nestas terras, só que não tenho provas.

—Um tempo eu devido a alguns favores consegui contato com uma das mulheres que trabalham no bar de Joaquim e ela se tornou a favorita dele e as vezes ele no auge da bebida conta algumas coisas para ele, e ele falou que um tal de Francisco quereria comprar suas pedras que ele venderia por um preço baixo só que ele não partira com vida da vila com as pedras.

—Conversei com o senhor Henrique sobre o assunto e ele pediu para vir aqui propor um negócio.

—Como assim um negócio?

—Se puder irmos falar com Henrique ficara mais fácil para você entender.

Assim que Madalena conversou com Laércio e Oliveira e partiram para o encontro com o administrador.

Foram recebidos pelo senhor Henrique que os levou para uma sala reservada e falou senhor Francisco vou direto ao assunto:

—Já a muito tempo tentamos pegar estes ladrões que realizam os assaltos e as mortes próximo a vila e sempre sem sucesso, em nossas investigações não conseguimos ajuntar provas de quem é. Recentemente prendemos por desordem um dos capatazes de

Joaquim e ele se ofereceu para pagar a fiança do preso, como a situação era somente de uma multa a ser paga nada pudemos fazer. Acontece que o capataz preso ficou na cela se gabando que seu chefe faria tudo para o soltar, pois ele era o mais importante em seus empreendimentos e que eles já teriam muito trabalho a fazer.

—Estranhamos muito isso, mas não temos prova nenhuma, depois que soubemos que você estava querendo fazer negócios com as pedras dele, e que ele falou que você não sairá da vila com elas, estamos entendo que temos razão sim e que ele e seus capangas são os ladrões, você sabe que comércio ilegal é crime e eu poderia te mandar prendem assim que fizesse a compra.

—Senhor Henrique preciso explicar para que não haja mal-entendido, eu também tenho certeza de ser o Joaquim o chefe dos ladrões, para poder investigar nós o seguimos e chegamos até um galpão bem trancado que nem a esposa dele sabe o que tem lá dentro.

Sr Henrique falou:

—Como sabem que a esposa dele não sabe o que tem lá dentro?

Madalena explicou:

—Ela é muita amiga de Hilda minha prima e tivemos uma conversa bem longa estes dias, Joaquim agride ela todos os dias e sem dar explicações nenhuma, ela é uma coitada nesta história, ela tem certeza que Joaquim matou seu pai para ficar com as pedras e as propriedades.

—Ela falou que desde a morte de seu pai cada um deles vive sua vida e já não são mais um casal.

O Capitão falou:

—Isso é possível sim aquele canalha vive espancando as mulheres de seu bar, realmente dá muito dó de ver aquela mulher bonita sempre chorosa e machucada.

—O plano seria que nós não faremos intervenção nenhuma em sua compra, e quando sair da vila montaremos guarda bem próximo a sua caravana e também próximo a Joaquim e sua quadrilha. Falou o administrador

Madalena falou que concordaria com o plano desde que não fosse derramado sangue.

O Capitão falou:

falou o administrador:

—Nós queremos prender todos, mas não poderemos garantir que eles não vão reagir e precisarmos utilizar uma força maior e revidar o ataque, assim faremos.

—Colocaremos alguns soldados dentro de sua carroça escondidos para dar voz de prisão e vamos recomendar aos seus negros que no momento do assalto deitem no chão ou se puderem corram para a mata, informou o Capitão.

—Senhor Henrique, eu ainda tenho algumas pedras em meu garimpo eu gostaria de poder comercializar estas pedras em São Sebastião.

—Senhor Francisco darei sim com muito prazer esta autorização não só para vender em São Sebastião, como também uma autorização especial para possa viajar com as pedras para Portugal lá conseguirá melhores preços, falou Henrique

Capitão complementou:

—Eu forneço alguns soldados para sua viagem.

—Agradeço muito, minhas intenções é partir para Portugal, concordo com o plano.

—Assim que Joaquim voltar de sua viagem vou fazer negócios com ele e programar minha viagem para depois de dois 5 dias.

—Capitão também vamos nos preparar já vou mandar uma tropa sair antes assim não levantara suspeita dos ladrões.

Madalena seguiu para a casa de Mãe Marli, precisava conversar com ela sobre o sonho que teve.

O capitão Ribeiro naquela tarde foi até a barraca de Isabel, ele já sentia uma atração por ela, e saber de sua história ficou com vontade de fazer uma aproximação. Chegando na barraca deu uma desculpa de que queria um peixe, Isabel estranhou, pois, o capitão somente passava por lá não nunca havia parado para comprar um peixe.

—Resolveu comprar um peixe hoje senhor Ribeiro

—Resolvi sim dona Isabel, vou receber uns amigos em casa hoje, só não sei que peixe escolher.

Isabel fez as sugestões e o capitão ficou grato, pegou na mão dela e , cumprimentou com um beijo.

Isabel teve um arrepio homem nenhum tinha a cumprimentado assim.

Capitão seguiu seu rumo sendo seguido pelo olhar de Isabel.

Madalena chegando na casa de Mãe Marli, cumprimentou a todos, Mãe Marli falou que chamaria Quintino e Tobias que poderiam

explicar melhor sobre o naufrágio que havia acontecido anos atrás, Madalena agradeceu e falou que precisava conversar com a Mãe Marli sobre seu sonho.

As duas foram para um dos quartos e Madalena começou a falar;

Contou todo o sonho que teve e também sobre a proposta do senhor Henrique

Mãe Marli após refletir sobre tudo, pediu a Madalena que viesse a noite na gira para que os espíritos pudessem esclarecer melhor, Madalena concordou.

Quintino e Tobias chegaram tremendo de medo eles não conheciam Francisco e o medo era grande.

Mãe Marli falou:

—Calma vocês dois parecem que viram um fantasma.

Não vimos não é que não sabemos o que fizemos para este senhor querem falar com a gente.

Mãe Marli falou:

—Eu quero que vocês contêm toda a história que sabem sobre o naufrágio.

Então é isso, respiraram aliviados,:

—Mãe Marli não tem muito o que contar não, pelo jeito foi um navio que afundou aqui por perto e vieram parar na praia. As coisas que nós recolhemos, entregamos ao senhor Alfradique. Falou Tobias.

Madalena falou:

—Quero saber da história de Joaquim?

Um olhou para o outro e começaram a tremer.

Tobias falou:

—Não tem história nenhuma.

Mãe Marli interveio e disse:

—Pare de mentir é importante para Francisco saber desta história.

—Se Joaquim souber que contamos ele manda nos matar.

Madalena falou:

—Fiquem tranquilos ele nada saberá.

Mãe Marli falou,:

—Vou trazer um café e bolo, acho que a história é longa.

Quintino e Tobias contaram toda a história, Madalena fez de tudo para não chorar.

Quintino em um determinado momento falou que eles estavam arrependidos de terem salvo o Joaquim.

Mãe Marli falou:

—É melhor vocês contarem tudo será melhor para tirar o peso das costas de vocês.

Os negros contaram toda a história desde quando encontraram Joaquim jogado na praia até os dias atuais.

—Joaquim no começo era um ótimo ajudante ajudava senhor João Batista em tudo, sempre esforçado e prestativo.

—Com o passar do tempo ele conheceu o senhor Alfradique que fazia todos tipos de falcatruas possíveis junto com o seu bando.

—Ele foi convencendo Joaquim a participar de suas coisas ilícitas, Joaquim com o tempo conheceu a filha do senhor João e imediatamente a seduziu para ser sua esposa, depois disto começou a ficar no bar e deixar Isabel na barraca de peixe, desta forma ele negociava a compra das pedras.

—Pelo que sabemos em uma discussão pela partilha das coisas que eles roubavam Joaquim matou o senhor Alfradique e tomou posse das coisas dele inclusive a controlar os barcos que era de Alfradique, e passou a ser o chefe do bando.

Madalena a cada fala percebia que aquele Joaquim não era aquele que era seu esposo, Madalena agradeceu aos dois toda as informações e falou que eles seriam bem remunerados pelas informações.

A noite Madalena foi junto com os negros, senhora Hilda e Chavier à casa de Mãe Marli para o trabalho da gira.

Madalena conversou com a entidade espiritual de Mãe Marli, que falou que todo sonho que ela teve foram as instruções dos bons espíritos para que ela possa seguir e que ela terá grandes surpresas boas na sua viagem.

Foi orientado a Madalena a ter muito cuidado no plano montado para prender Joaquim, que por mais orientações que ele vai receber para não reagir durante sua prisão ele tem sua liberdade de escolha e poderá somente dar ouvidos aos espíritos que querem seu mal.

Foi pedido para Madalena orientar aos negros que não andassem próximo a carroça e que no momento do assalto correrem para o mato.

Madalena agradeceu a toda a ajuda que sempre recebe dos amigos espirituais

Sinha não tem que agradecer, continue a ser merecedora desta ajuda e nada te faltará, sua missão com os negros é muito grande.

No outro dia cedo Madalena conversou com os negros sobre tudo que estava por acontecer e falou que aquele que não quisesse seguir com ela poderiam ir pelas matas para o quilombo, nenhum dos negros aceitou ir pelas matas e falaram que estariam com sinhá até o fim.

Duas semanas se passaram para o retorno de Joaquim a vila, Madalena entregou o dinheiro para Laércio e Oliveira fazerem negócio com Joaquim eles foram acompanhados por mais 4 negros.

Oliveira sabia bem o que era pedra boa e pedra ruim e deixou isso bem claro com o senhor Joaquim, na hora da escolha das pedras somente escolhia as melhores, Joaquim nem se preocupava em seu pensamento as pedras voltariam novamente para ele.

O capitão fez de costume comprar peixes todos os dias na barraca de Isabel e procurava cortejá-la discretamente.

Sabendo da viagem de Francisco Isabel veio uma tarde na casa de Hilda e falou que uma noite em sua casa ouviu Joaquim falando para um de seus capatazes o lugar onde seria o ataque a caravana de Francisco e falou que deveria ser revistado tudo muito bem revistado porque no outro assalto não encontraram nem dinheiro

e nem pedras e como ele tinha dinheiro para comprar mais pedras eles deveriam ter escondido em partes da carroça ou com algum negro.

Que Francisco não deveria ir por aquele lugar, Madalena falou:

—Fique tranquila tomarei os cuidados necessários, viu que dona Isabel está mais alegre e mais arrumada ou estou enganada.

—Imagina senhor Francisco e que como o capitão está indo todos os dias comprar peixe em minha barraca estou preferindo ficar melhor, afinal ela é uma autoridade na vila.

Todas riram, a senhora Hilda falou:

—Isabel você é bonita e jovem tem muita vida pela frente.

—Só poderei pensar em outro homem quando Joaquim morrer ou for preso Hilda.

—Nossa vida é longa Isabel tudo tem sua hora certa, agora me desculpe tenho compromisso urgentes.

Madalena foi conversar com o Capitão e o administrador falar sobre o que Isabel havia falado.

Capitão falou:

—Vou pedir para minhas tropas ficarem próximos ao lugar eu vou ir pessoalmente com poucos homens seguir Joaquim para não levar suspeitas e lá nos posicionarmos para o ataque.

Madalena falou:

—Então daqui a três dias partimos para dar tempo do senhor se preparar e também darmos um jeito de Joaquim ficar sabendo de nossa partida.

Capitão falou:

—Quando a isso deixa comigo sei para quem falar que vai informar o Joaquim.

Naquela tarde o capitão mandou recado para a amante de Joaquim e naquela mesma noite ela o informou.

Joaquim reuniu seus homens e combinou como faria dois dias depois partiram para se prepararem na emboscada.

Mãe Marli se reuniu com todos para fazerem uma oração, Madalena aproveitou e informou que Oliveira não viajaria com eles que esperaria na vila e se não voltassem partiria para o quilombo.

Oliveira relutou muito, foi convencido por Madalena, que falou que ele era o único que sabia negociar as pedras e algo acontecesse ele teria que voltar ao quilombo e organizar a viagem para novas terras deveriam vender as pedras de forma segura e cada um seguir seus caminhos. Madalena entregou as cartas que o administrador deu para ela, para que Oliveira pudesse vender as pedras em São Sebastião, caso algo acontecesse algo com ela.

Mesmo a contragosto ele aceitou e com a maioria das pedras compradas ficou na companhia de dois negros, pois se algo acontecesse eles partiriam para o quilombo.

No dia seguinte a carroça foi arrumada, sendo colocado 4 soldados em seu interior e cobertos por uma manta, assim a caravana seguiu seu destino.

O desejo de Madalena era que Joaquim fosse preso e pudesse pagar por tudo e poder se redimir de seus erros.

Tinha certeza que ele não reagiria quando fosse dado a voz de prisão.

Laércio sempre ao lado de Madalena na carroça procurando sempre mantê-la calma. Já haviam viajado várias horas quando em uma clareira cercada por árvores encontraram o bando de Joaquim acampados bem no meio.

Então, como simplesmente estivessem acampados para descanso, quando se aproximaram do grupo os bandidos com armas de fogo e espadas aos gritos cercaram a caravana. Os negros quando viram o acompanhamento já foram se escondendo nas matas. Apenas Laércio ficou ao lado de Madalena.

Joaquim gritou:

—Cadê seus negros fiéis que te abandonaram?

—Queremos todas as pedras que carrega e todo o dinheiro que tem, da outra vez nos enganou tinha pedras escondidas, por isso teve dinheiro para comprar outras pedras.

A vontade de Madalena era dar um grito e pedir para Joaquim se arrepender e se entregar. Um dos homens de Joaquim se aproximou e com o cabo da espingarda deu um violento golpe em Madalena exigindo as pedras.

Laércio foi em socorro de Madalena que desfalecida nada viu.

Os soldados da carroça e os soldados do Capitão Ribeiro cercaram o bando. O tiroteio foi grande, Laércio deitou sobre Madalena dando proteção para ela.

Os soldados eram em maior número e os bandidos que não foram mortos se renderam aos soldados.

Madalena atordoada com a pancada que recebeu, levantou e procurou por Joaquim e viu que ele estava ferido e uma possa de sangue saia de seu peito.

Madalena correu até ele, e a partir daí o que se viu foi uma cena estranha para muitos, um homem abraçando o outro e pedindo perdão.

Madalena em prantos, pedia perdão para Joaquim.

Joaquim em seu momento final olhando para os olhos de Madalena a reconheceu e falou

—Madalena você não está morta?

—Não Joaquim eu também sobrevivi.

—Porque não me procurou dizendo que era você?

—Infelizmente Joaquim quando você assaltou minha carroça e sua máscara caiu eu já o reconheci e se naquele momento, se eu falasse algo seus capangas teriam me matado.

—Depois quando eu cheguei na vila descobri um homem totalmente enveredo no mal, não consegui me aproximar de você, suas maldades foram muitas a pior foi matar Juvenal e sua família.

O capitão que estava próximo ouvia a conversa sem nada entender.

Joaquim falou:

—Madalena me perdoe por tudo, volte para Portugal reencontre nosso filho e procure por Francisco e peça perdão por tudo que eu fiz para ele e sua família e fechou os olhos mortos.

Madalena abraçando Joaquim chorou copiosamente.

Laércio vendo a cena e que o Capitão nada entendia falou:

—Capitão esta é Madalena esposa de Joaquim eles vieram juntos no navio naufragou.

Mesmo sem entender muito o capitão nada questionou.

Os negros que estavam escondidos se aproximaram de Madalena felizes por que nada havia acontecido com ela.

Alguns capangas de Joaquim foram mortos e alguns se renderam e foram presos, dois soldados foram mortos e 4 feridos.

Os mortos foram enterrados a beira da estrada inclusive Joaquim.

A caravana retornou para a Vila de Todos os Santos. No caminho Madalena teve tempo de explicar toda sua história para o Capitão e pediu que não contasse para ninguém. O capitão concordou este seria um segredo somente deles, o mais importe e que tinha acabado com aquela quadrilha.

Madalena aproveitou a oportunidade e falou Capitão:

—Agora poderá cortejar Isabel ela já é uma viúva.

Capitão todo sem jeito falou:

—Tem que eu gostaria, mas ela não aceitará.

—Tenho certeza que sim, o senhor não o viu nos últimos dias que o capitão está indo lá ela está toda arrumada e feliz?

—Reparei sim e ela está cada dia mais linda! Deram uma boa risada.

Ao chegar na vila Madalena fez questão de ir conversar com Isabel e explicar tudo que havia acontecido com Joaquim, convidou o Capitão par ir junto ele aceitou de pronto.

Explicou toda sua história desde o momento que conheceu Joaquim até sua morte e agora ela teria que ir atrás de seu destino e que Isabel teria que aproveitar a nova chance de vida que também teria, pegou a mão do capitão e colocou junto com a mão de Isabel e falou:

—Agora é com vocês! Deu uma risada e se despediu dos dois.

Em reunião com a administrador, Madalena contou sua história e contou que ainda tinha no quilombos negros fujões e que ela queria cartas de alforria para todos. O administrador falou que ela merecia por tudo que tinha feito e que providenciaria os papéis para todos.

O senhor Henrique preparou todos os documentos de alforria de cada negro do quilombo e foi feito em nome de Francisco, o grupo já poderia partir com destino ao quilombo, só que desta vez a alegria era grande e todos sabiam que a viagem seria tranquila.

Ainda, o senhor Henrique aproveitou e pediu permissão para Francisco, para convidar Oliveira para trabalhar com ele na vila.

Suas intenções era abrir um local para que os negros e os pequenos garimpeiros pudessem vender suas pedras de forma justa e desta forma os comerciantes locais tivessem sempre um parâmetro de preços a pagar e não mais explorarem os pequenos garimpeiros. O senhor Henrique soube que Oliveira tinha grande conhecimento em reconhecer quais as melhores pedras e dar bons valores nelas.

Oliveira ficou grato pelo convite e falou que pensaria sobre o assunto e em breve daria uma resposta, senhor Henrique disse:

—espero que aceite! E os dois deram um bom aperto de mãos.

Tudo pronto para a viagem eles partiram, ao passar pelo lugar onde todos foram enterrados, Madalena parou e pediu a todos que fizessem uma prece em sua prece Madalena implorou para que Joaquim aceitasse ajuda dos amigos espirituais, fixou uma cruz com o nome de Joaquim e partiram para o quilombo

Capítulo 25 - Arthur já adulto

Com o passar dos anos Arthur foi se transformando em um ótimo adolescente e consequentemente um homem honesto, bonito e de uma bondade irreparável.

O senhor Aguilera tinha uma filha com idade igual a Arthur, chamada Marta. Os dois ao longo dos anos criaram uma grande amizade e com o passar do tempo um grande amor surgiu entre eles.

Uma noite Arthur acordou gritando e muito assustado, então, seu avô Manoel correu ao seu encontro, Arthur chorando disse:

—Meu Pai morreu e precisa de muita ajuda para que possa aceitar o auxílio do plano espiritual, seus algozes não querem que ele enxergue a ajuda dos amigos do plano espiritual!

O Senhor Manoel não entedia nada do que seu neto falava e ficou confuso que tipo de ajuda ele poderia dar a Joaquim.

Arthur disse ao seu avô que era preciso muitas orações para que seu pai pudesse aceitar ajuda.

—Arthur eu não compreendo o que está falando, mas poderemos nos reunir todos os dias e fazermos orações para Joaquim, naquele mesmo dia Arthur convidou todos para que todos os dias no final da tarde pudessem fazer uma oração em homenagem do espírito de seu pai.

Todos concordaram de imediato, e todos que quisessem orar pelo espírito de seus entes queridos tinham neste dia o momento de preces e orações.

Os trabalhos na fazenda de cana-de-açúcar era árduo, todos mesmo assim trabalhavam com alegria e a fazenda crescia cada vez mais. A produção de açúcar, cachaça e vinho era grande e a fazenda era famosa por todas as terras do além-mar.

Uma grande quantidade gado foi também introduzida na fazenda para servir de carne e leite para os moradores, os queijos da fazenda também eram apreciados por muitos.

Arthur de menino passou a adolescente comprometido com o trabalho e sempre dizia a todos que em breve se reencontraria com sua mãe.

Já beirando a face adulta Arthur e Marta filha de Aguilera começaram um namoro que era aprovado por todos.

Poucos anos depois resolveram que precisariam constituir família e resolveram se casar.

Em uma linda tarde do mês de setembro realizaram a cerimonia, foi uma imensa festa todos foram convidados e era uma alegria total.

Algum tempo depois Marta ficou grávida, tendo um menino que colocaram o nome de Joaquim em homenagem ao seu pai.

Iam tocando a vida da melhor forma possível

Um dia Arthur após a missa falou:

—Em breve eu e Marta vamos retornar para Portugal para retomar nosso destino.

Senhor Aguilera falou:

—Arthur não precisa retornar, estas terras ainda precisam muito de seus cuidados.

—Agradeço suas palavras meu sogro, vocês sim precisam continuar aqui, está pátria ainda precisará de braços fortes e pessoas honestas.

Senhor Manoel falou:

—Meu neto eu vou para onde você for.

—Vamos sim meu avô nosso destino nos espera, assim resolvermos tudo lá em Portugal voltaremos.

Vamos colocar à venda uma parte da fazenda na parte leste. O Rei nos deu muitas terras e não estamos dando conta de cuidar, assim outro grupo de pessoas poderão fazer bom uso delas.

O senhor Aguilera mesmo triste não contestou as falas de Arthur, pois ele somente afirmava aquilo que tinha certeza.

senhor Aguilera falou:

—Como vamos fazer para vender as terras.

Arthur falou:

—Fique tranquilo na hora certa os compradores aparecerão!

Capítulo 26 - De volta para o quilombo

Após uma viagem sem nenhum problema chegaram ao quilombo e foi uma festa só.

Naquela noite Mãe Maria fez um gira com os espíritos.

Mãe Maria reuniu todos e seu mentor falou que todos já precisavam se preparar para o encontro de seus destinos, cada um seguiria de acordo com seus corações.

As pedras seriam dívidas em porções iguais .de acordo com os valores de cada pedra. Desta forma quando chegassem na vila de São Sebastião, São Vicente ou em São Paulo, poderiam vender e guardar uma parte para o futuro. Nestas terras o garimpo já não mais daria grandes quantidades de pedras.

E que seria feito por Pai Inácio um crucifixo para cada negro, assim durante a viagem se passariam por negros evangelizados e ninguém incomodaria, os crucifico seria oco e as pedras seria levada dentro deles.

E cada negro já estaria de posse de sua carta de alforia.

Pai Inácio e Mãe Maria informaram a todos que agora que estariam indo morar com a Mãe Marli e com os seus filhos.

Oliveira aproveito para falar que gostaria de pedir para Mãe Maria e Pai Inácio realizarem uma cerimônia de casamento entre ele e Justina e que eles gostariam de ir para a Vila junto com eles.

Oliveira queria lá implantar o trabalho proposto pelo senhor Henrique e também abrir um comércio de produtos de consumo com preço justo a todos. Assim, junto com Mão Maria, Pai Inácio e Mãe Marli construir um grande terreiro para poder atender a todos e divulgar as giras por todas estas terras.

Todos receberam a notícia com muita alegria, Pai Inácio e Mãe Maria ficaram felizes com o desejo de Oliveira e sabiam que este terreiro seria o primeiro de muitos por estas terras.

Laércio falou:

—Eu e Janaína também queremos seja realizado nossa cerimônia de casamento, e gostaríamos de ir com a sinhá para as terras do além-mar, se a sinhá não se opor.

Madalena falou:

—Para mim será uma honra ter vocês em minha companhia.

Alguns negros que tinham suas famílias levadas para as terras de São Vicente e de São Paulo, falavam que iriam para lá comprar algumas terras procurar seus parentes, e começar a trabalhar na terra..

Mãe Maria e Pai Inácio durante uma das giras realizou a cerimônia de casamento e foi uma cerimônia maravilhosa, as noivas estavam lindas com muitos arranjos de flores pelo corpo, as imagens da cerimonia eu guardaria por toda minha vida

Após todos os crucifixos estarem prontos e a divisão das pedras ter sido feita. Cada um recebeu seu crucifixo, Madalena além do crucifixo recebeu uma cruz maior, Pai Inácio falou dentro desta cruz está a sua pedra de diamante que em Portugal terá muito valor, para a sinhá montar seu negócio para fazer esta terra não mais ter escravos.

Madalena não entendeu bem o que foi falado mas falou:

—Saberia muito bem como utilizar esta perda em benefício de muitos.

Alguns dias depois todos estavam a caminho de seus destinos, a caminhada seria longa, durante parte da viagem seguiriam juntos em determinado momento cada um seguiria seu caminho.

Madalena, Laércio sua esposa e três dos negros seguiram para a Vila de São Sebastião para poderem vender parte das pedras e seguirem para Portugal.

Madalena estava decidida a se transformar novamente em Madalena, assim que chegasse na vila de São Sebastião começaria sua transformação.

Após algum tempo de viagem chegaram ao destino, Madalena para não levantar suspeitas, ainda havia muitos problemas no lugar, tanto como ladrões e espertalhões e eles não poderiam ficar desatentos e as pessoas soubessem que eles tinham grandes fortunas com eles. Madalena procurou uma casa simples para que todos morassem até que aos poucos vendessem algumas perdas e pudessem partir de navio para Portugal. Os navios vinha de tempos em tempos. Dias antes da chegada deles um navio havia partido e outro demoraria até mesmo alguns meses.

Capítulo 27 - Chegada do grupo de negros nas terras de Arthur

Estavam Arthur e seu avô a brincar com o pequeno Joaquim na varanda de sua casa, quando apareceu um grupo de negros em uma bonita carroça, todos bem trajados.

Arthur falou:

—Sejam bem-vindos venham descansar e almoçar com a gente, o almoço em breve será servido e ficaremos honrados com suas presenças.

Os negros ficaram espantados nunca tinha sido bem recebidos nos lugares por onde passavam.

O senhor Manoel foi ao encontro deles e os cumprimentou pegando na mão de cada um, Arthur seguiu seu avô.

—Vamos entrem!

Então apareceu seu filho Joaquim e sua esposa Marta, os dois também cumprimentaram os viajantes, Marta falou:

—Entrem vou preparar um suco o almoço em breve ficará pronto.

Os negros estavam estarrecidos com o convite, mesmo sem saberem o porquê de suas visitas estavam sendo bem tratado pelos anfitriões, com um pouco de receio eles desceram e foram entrando na casa de Arthur.

Ângela uma das negras do grupo ficou olhando muito para Arthur e Joaquim de forma que Marta questionou o porquê ela olhava tanto os dois.

Desculpa Sinha e que eles lembram muito uma pessoa nossa conhecida.

Arthur falou:

—Não se preocupe minha amiga nós portugueses somos todos parecidos! Todos deram risadas e entraram na casa.

O senhor Aguilera e sua esposa chegaram na casa de Arthur e cumprimentaram todos.

João líder dos negros então falou:

—Desculpem não queremos dar trabalho, estamos somente de passagem e viemos aqui pedir guarida por alguns dias para podemos nos recuperar e seguir viagem para as terras de São Paulo, somente precisamos de um lugar para montar acampamento, cuidar dos cavalos e preparar nossas refeições.

Arthur falou:

—Então vieram ao lugar certo, temos vários quartos destinados aos nossos hóspedes e ficaram aqui até quando quiserem.

João falou:

—Senhor não carece de oferecer sua casa ficamos no terreno mesmo.

Marta falou:

—De forma alguma fazemos questão que fiquem em nossa casa por quanto tempo quiserem.

Joaquim sorrindo falou:

—Isso mesmo vão ficar aqui com a gente.

Os negros se entre olharam e João aceitou o convite dizendo:

—Se não vamos dar trabalho, mas queremos pagar pela nossa hospedagem.

O senhor Aguilera falou:

—O pagamento será a amizade de vocês.

Marta falou:

—Eu vou querer aprender algumas receitas de boas comidas que vocês preparam.

Ângela falou:

—Sinhá isto ensinaremos com muito prazer.

O senhor Manoel falou:

—Mas porque pretendem ir para a vila de São Paulo?

—Tivemos um pouco de sorte no garimpo e temos algumas pedras para negociar em um pedaço de terra, bem comoe tentar encontrar nossos parentes que foram levados para lá como escravos, comprar suas euforias e por fim, trabalhar em nossa terra.

Arthur falou:

—Meus amigos vieram ao lugar certo, nada é por acaso, estamos com um bom pedaço de terra que precisa ser cuidado por braços fortes. Se gostarem poderemos fazer negócios e afinal de contas as terras de São Paulo não são distantes daqui.

João falou:

—Acho que o destino nos trouxe aqui, ficaremos felizes em ver suas terras e temos certeza que são ótimas.

Osenhor Aguilera falou:

—O comércio de açúcar e de café está crescendo muito por estas bandas e nossas terras bem trabalhadas poderão produzir muito.

—Os bons espíritos nos guiaram até aqui! Falou Ângela.

Arthur respondeu:

—Eles sempre nos dão boas orientações, nós é que precisamos estar em harmonia para ouvir.

—Nossa Mãe Maria e nosso Pai Inácio sempre nos orientam desta forma, dizem que coisas boas atraem coisas boas e coisas ruins trazem coisas ruins, disse João.

—Se gostarem das terras poderemos ajudar vocês em tudo para aprenderem o trato com estas novas culturas.

—Lidar com as terras é nossa especialidade! Falou João.

Naquela mesma tarde todos foram ver as terras, ela era cortada por uma grande rio e montanhas com algumas cachoeiras.

João falou:

—Estou maravilhado, estas terras são ótimas e água não vai faltar, agora não sei se com o que temos poderemos adquiri este paraíso, nossas pretensões não são grandes assim, ainda precisaremos de adquirir ferramentas e comprar a liberdade dos nossos irmãos que encontramos por estas terras.

O senhor Aguilera olhou para Arthur e falou:

—Meu amigo João nem preciso consultar o senhor Manoel e Arthur sei que o que vou falar eles concordarão, por nós, estas terras já são de vocês. Arthur e o senhor Manoel pretendem voltar para Portugal, em breve e eu vou precisar de bons homens para me ajudar a cuidar das terras, então ficará combinado vocês me ajudaram e os ajudarei.

Arthur e Manoel aprovaram de imediato as palavras do senhor Aguilera.

—Faremos o seguinte, alguns de vocês saem a procura de seus parentes e depois eu vou pessoalmente negociar a compra deles, desta forma vocês não terão problemas e assim traremos o máximo possível de pessoas para cuidar de nossas terras, falou senhor Aguilera.

—João falou a oferta é ótima aceitaremos sim.

—Então agora vamos trabalhar nossas terras porque em breve quero partir para encontrar meu destino em Portugal!

Na semana seguinte foram até a cidade de São Vicente oficializar os documentos das terras em nome de João e de seu grupo.

Semanas depois dois dos negros partiram para a Vila de São Paulo para tentar localizar seus parentes.

Capítulo 28 - Madalena nas terras de São Sebastião

Madalena e o grupo estavam se adaptando ao lugar, e tinha mmuito cuidado com tudo,. Desse modo, por prevenção enterraram seus crucifixos com as pedras em um lugar seguro, caso se sofressem algum tipo de assalto não perderiam tudo.

Com o tempo o cabelo de Madalena foi voltando a sua cor natural ela agora somente vestia roupas femininas e estava sempre na companhia de Laércio e de sua esposa Janaína.

Madalena ainda era uma mulher bonita e chamava tanto a atenção dos homens, como a inveja das mulheres. Ela era diferente das mulheres do lugar, durante os anos no quilombo manteve um corpo esbelto e as mulheres locais eram bem gordas.

Madalena se apresentava como esposa do senhor Francisco que havia morrido em emboscada por ladrões ao sair da Vila de Todos os Santos. Como as notícias dos assaltos eram comuns por ali, ninguém duvidou de nada e, como para todos ela era viúva, passou a ser convidada pelos pretendentes para participar das festas.

Em sua maioria ela recusava, em algumas ela ia para também não se passar por arrogante.

Os homens que faziam a corte não obtinham sucesso em suas investidas, Madalena não queria se envolver com ninguém sua meta era partir para Portugal.

A notícia da chegada de um navio a deixou entusiasmada, mas depois decepcionada o navio estava chegando com a carga de escravos e ainda estaria indo para outros portos descarregar sua carga e em seguida retornaria para as índias.

Não tinha jeito teria que esperar mais um tempo.

Foi promovida uma festa e Madalena foi convidada, como já em algumas ela foi convidada e não participou , ela resolveu ir nesta.

Como sempre, ela era motivo dos falatórios da maioria do lugar. Ela recebia a atenção de todos os homens.

Em um determinado momento da festa se aproximou dela um homem alto, forte, com cabelos negros e sotaque português, se apresentou como capitão Antônio.

Madalena o cumprimentou pediu licença e se afastou.

O homem inconformado com sua atitude segurou seu braço e falou:

—Eu ainda nem me apresentei direito e a senhora toma a ousadia de se afastar de mim.

Madalena viu que todos do salão pararam para observar a cena, então ela falou:

—O senhor já se apresentou eu o cumprimentei, então não temos mais o que falar, com sua licença! E se retirou novamente.

O capitão mais inconformado ainda foi atrás dela e a segurou pelo braço e disse:

—Como ousas novamente a virar as costas para mim!

Neste momento alguns homens da festa temiam uma reação violenta do capitão pois já conheciam suas atitudes violentas.

Madalena parou e falou:

—Pois bem já que tens dificuldades de entender vou me explicar melhor, faço amizades com quem eu quero, onde quero e da forma que quero, e pelo que sei do senhor não é uma pessoa que me interessa para uma pequena amizade ou qualquer outra coisa, então segue seu caminho que sigo o meu! Saiu em seguida.

O capitão quis seguir atrás dela e foi contido pelos participantes da festa.

—Esta mulher não perde por esperara, esta história não vai ficar assim.

Madalena sabia que tinha colocado a mão em vespeiros e que teria que ter muito cuidado enquanto o navio não partisse, preferiu ficar em sua casa e sair somente quando necessário.

E em uma desta saída acompanhada de Laércio para ir ao mercado abastecer sua despensa, ao entrar no mercado deu de cara com o capitão.

Ele disse:

—Até que enfim encontro a mulher misteriosa que ninguém deste lugar quis me dar sua localização.

Madalena falou:

—Mas não teriam porque dar mesmo.

Eu gostaria em primeiro lugar pedir desculpas pelo que fiz no dia da festa sei que fui indelicado.

Madalena falou:

—Estpa desculpado e vamos seguir nossos caminhos!

Será que poderíamos pelo menos conversarmos um pouco sem a presença deste seu escravo.

—Sou grata pelo convite, mas vou recusar e Laércio é meu amigo e não meu escravo.

—Desculpe minha indelicadeza, por favor aceite meu convite e seu amigo pode nos acompanhar será uma honra para mim, amanhã já partirei para outro lugar desta terra fazer minhas entregas.

—Sendo assim aceitaremos seu convite e assim foram até a praça principal onde havia lugares para lanchar.

Madalena falou:

—Vou ser bem honesta com você um dos motivos que eu preferi me aproximar e que sei que seu navio transporta negros para serem vendidos como escravos e eu sou contra este comércio.

—Senhora Madalena, infelizmente faço sim este comércio mesmo contra minha vontade e de minha tripulação.

—Como assim faz sem vontade? Perguntou Madalena.

—Com uma pequena parte do dinheiro que consegui da venda de umas terras de meu pai adquiri este navio. Por isso, arquei com uma despesa que todos os meses tenho que saldar com o ex-dono do navio, meu projeto e de meus homens era trabalharmos no comércio e transporte de mercadorias, e se a dívida do navio não fosse alta o que ganhamos seria possível pagar. Como não é possível, o ex-dono arruma estas cargas de negros como parte do pagamento da dívida, sei que esta situação é passageira em alguns anos estarei livre da dívida com ele

—Minha vontade é de largar isso logo, procuro transportar os negros com o melhor conforto possível. Eles pensam que estão indo para terras novas onde vão ganhar terras para produzirem e saírem da miséria que vivem em suas terras. Quando chegam aqui, percebem que foram enganados, alguns já são colocados em

correntes assim que entram nos navios, no meu navio nunca acorrentamos ninguém.

Madalena falou:

—Não vejo a hora deste tipo de comércio ser proibido nestas terras.

—Senhora Madalena tem razão, mas pelos rumores que ouço a cada viagem, é que o tráfico de escravos está com seus dias contados, espero que se isso acontecer eu consiga saldar minhas dívidas com a compra do navio.

—Caso o senhor consiga saldar suas dívidas quais seriam suas pretensões para as viagens se tornarem lucrativas?

—A dívida do barco é muito grande, na grande verdade eu não dei ouvidos minha mãe que sempre falava que eu deveria fazer dividas com a razão e não pela emoção. Com este navio eu dei um pulo maior que minhas pernas aguentaria e estou obrigado a fazer este tipo de transporte, respondendo sua pergunta se eu já tivesse este navio completamente pago eu o trocaria por um vapor de igual valor eu utilizaria no transporte de passageiros, estas terras precisará de muita gente, muitos quererão vir para cá e o lucro será certo.

—O senhor nunca pensou em ter um sócio neste empreendimento?

—Pensar sempre penso, mas os sócios que aparecem querem ter 80% dos lucros e eu fico com 20% dos lucros e ainda com os prejuízos.

—E qual seria a porcentagem justa para ambos?

—Acredito que sócio tem que ser uma parceria onde dividem as despesas e repartem os lucros de forma ser justa para todos.

—Gostei de suas falas, só tire uma dúvida você tem fama de valentão como conseguiu esta fama?

—O capitão caiu na risada, então este foi um dos motivos que não quis se aproximar de mim?

—Também foi! Respondeu Madalena.

— Madalena compreenda, eu sou o capitão de um navio e em determinado momento preciso ser rígido para não ser passado para trás nos comércios, esta terra está cheia de espertalhões.

—Se quiser tirar suas dúvidas sobre mim é melhor assuntar com meus marinheiros eles podem referendar o que estou falando.

—Não preciso para mim já foi suficiente para me decidir. Só não sei se vai aceitar minha oferta.

—Oferta! Como assim?

Em quanto tempo o senhor pode retornar a este porto e fazermos uma viagem para Portugal?

—Minhas pretensões são de após o desembarque dos últimos negros descansar uns dias reabastecer nosso navio e partir.

—Vou perguntar novamente, em quanto tempo o senhor pode retornar a este porto e fazermos uma viagem para Portugal?

—Se eu não for seguir para as índias, posso retornar em 2 meses.

—Então capitão encontrou sua sócia para o negócio do vapor, eu gostarei de sempre retornar para estas terras e tenho certeza que se tivermos um vapor que faz viagens constante entre Portugal e o

Brasil, muitos lusitanos iguais a mim também tomarão o habito das viagens.

—Madalena leu meus pensamentos sempre pensei assim, não só viagens para o Brasil como também para as américas, onde o movimento é grande.

—Nestes dois meses vou divulgar a venda das passagens direto para Portugal, tenho certeza que teremos muitos passageiros, e chegando em Portugal resgatamos toda as promissórias deste navio já vamos procurar um vapor para a troca.

—Madalena fiquei muito feliz, eu já até tenho namorado um vapor que veio das américas e está em Portugal, precisa de algumas reformas, mas fáceis de fazer. Ele ficara novinho, após o desembarque das mercadorias e dos negros nos portos que preciso ir, retornarei de imediato, precisaremos fazer algumas modificações para acomodar os passageiros o melhor possível.

Estamos combinado capitão Antônio, vou aguardar seu retorno. E me preparar para vender as passagens para Portugal.

Capítulo 29 - Arthur de partida para Portugal

Todos da fazenda trabalharam em conjunto para construir as casas do grupo liderado por João e o trabalho nas terras já haviam começado primeiro fizeram plantações iguais do quilombo para terem alimentos tirados da terra para se alimentarem.

Arthur e Aguilera deram para eles alguns animais assim como vaca, cavalo, bois, galinhas e porcos. Assim eles já poderiam iniciar

sua criação, de modo que com o dinheiro da venda de algumas pedras conseguiram comprar as ferramentas necessárias para os trabalhos. As sementes de café, para a plantação da cana-de-açúcar não precisariam, pois seriam fornecidas pelo senhor Manoel.

Em duas fazendas próximas encontraram 12 negros que eram parentes deles e o senhor Aguilera já havia negociado a compra, assim como providenciado as cartas de alforria. Eram mais doze pessoas felizes para trabalhar nas terras, chamada de fazenda Santa Madalena.

Quando os negros colocaram este nome na fazenda, Arthur perguntou o motivo do nome. Então, eles responderam que era a santa que havia salvado todos eles do cativeiro, Arthur falou:

—Era o nome de minha mãe!

Porem como não sabiam da ligação deles o assunto ficou por isso mesmo.

O menino Joaquim só falava na viagem para Portugal e não via a hora de conhecer sua avó, todos riam com isso menos Arthur que sempre que o menino falava respondia:

—Em breve Joaquim vai conhecer sua avó.

João veio da cidade de São Vicente e trouxe a notícia que um navio logo partiria para Portugal e seria somente com passageiros, sem cargas ou animais, uma das coisas que tornava aquela viagem ruim era que os passageiros ficavam misturados com caixas e animais por todos os lados, a promessa da empresa do navio era uma viagem com maior conforto possível.

Arthur disse:

—Pronto está aí! Vamos neste navio, já é passado do tempo, faremos todas as tratativas para a viagem!

Eles levariam alguns dias para chegar na Baia de Guanabara.

O senhor Aguilera e sua esposa fizeram questão de ir junto com eles até a Baia de Guanabara, João perguntou se poderia ir junto porque precisava vender umas pedras, todos concordaram.

Em alguns dias estavam a caminho.

Capítulo 30 - Retorno do navio

Como combinado o capitão retornou com o navio e as transformações foram grandes. Foram montados quartos com beliches, diversos banheiros, assim como fizeram uma reforma na cozinha para poder preparar refeições de melhor qualidade. Tudo para dar um maior conforto aos passageiros, e isso era somente o começo das melhorias no navio.

As passagens que foram colocadas a venda já estava praticamente todas passagens vendidas.

A Alegria de Madalena era grande ao saber que poderiam comprar um navio vapor e começar a trazer estrangeiros para estas terras e assim não ser necessário mais escravos, seria uma grande ajuda para o desenvolvimento desta terra.

Só que também havia muitos momentos de choro e dor, a lembrança de sua família em Portugal:

—Será conseguiria encontrá-los fácil? Será que não havia acontecido alguma coisa com eles?

Tudo era dor e sofrimento, as lembranças da morte de Joaquim ainda a perseguia.

Laércio e sua esposa Janaína faziam de tudo para agradar a Madalena, ela sempre dizia:

—Laércio será que eu encontrarei meu filho e meu pai?

—Vamos pedir sempre a Deus que sim.

Será que Francisco ainda vive para que eu possa pedir perdão por tudo que fizemos para ele e sua família?

Laércio disse:

—Vamos atrás de todos com fé em Deus todos estarão bem.

Madalena respondeu:

—Muito obrigado meu amigo e agora meu sócio nos navios! Os dois deram uma boa risada.

—Só tem uma coisa, em Portugal vamos todos morar juntos, não aceito outra condição.

—Isso a sinhá nem precisa falar, não deixaremos a sinhá por nada neste mundo! Os dois riram muito.

—Vamos até o cais ver nosso navio e levar a refeição da Janaína, afinal somente ela tem trabalhado estes tempos! Os dois riram bastante.

—Madalena estou muito feliz por nossa sociedade, o navio já não tem nada de um navio negreiro! Falou o capitão.

—Realmente ficou muito bonito, é, com certeza, trará muita gente para estas terras e sendo frequente também os que moram aqui poderão ir e voltar com maior frequência.

—Isso eu já ouvi de muitos dos passageiros que vão viajar com a gente!.

—Tenho certeza ajudaremos muito esta terra em sua transformação, hoje mesmo irei ao terreiro do Pai Severino para agradecer por tudo e ter a benção antes da partida.

—A senhora não é católica? Perguntou o capitão Antônio

—Em Portugal onde morávamos a igreja era bem longe, íamos raramente nela depois com os acontecimentos ai sim fiquei mais distante ainda, depois conheci as giras realizada pela Mãe Maria e Pai Inácio, fiquei fascinada com a ligação com os espíritos e seus ensinamentos.

—Entendo a senhora é espírita?

—Como assim espírita? Somente gosto do intercâmbio com os espíritos, nunca ouvi falar neste termo.

—O capitão Antônio deu um sorriso e disse: há um movimento chamado Espiritismo que teve início com Kardec, que escreveu várias obras sobre este intercâmbio com espíritos, aqui existe uma Associação por nome de Federação Espirita Brasileira, eles realizam seções e estudos sobre as obras básicas, hoje a noite também pretendo ir até lá a senhora quer conhecer?

—Quero sim falou Madalena, eu não sabia que existia um movimento chamado espiritismo, será interessante conhecer e ver se é igual as giras de Mãe Maria.

—Combinado então a noite passo em sua casa para irmos até lá.

—Conforme combinado o capitão foi até a casa de Madalena e ambos acompanhados de Laércio e Janaína partiram para o local denominado FEB.

Chegando foram convidados a ir até um salão onde um senhor de Longas barbas, proferiu uma palestra falando sobre a sobrevivência do espírito após a morte do corpo, isso fez Madalena ficar muito feliz, confirmava sua vida atual e suas vidas passadas. Após a palestra eles foram cumprimentar o palestrante, que educadamente os cumprimentou, Madalena perguntou: neste trabalho não fazemos consulta com os espíritos?

O senhor respondeu:

—Temos sim seções com a presença de espíritos comunicantes, mas elas são reservadas.

Madalena perguntou:

—Então como as pessoas poderão receber as orientações?

—As orientações dos espíritos sempre são para o bem do grupo e não individuais como é feito em alguns lugares onde é chamado de giras com os espíritos.

Madalena falou:

—Eu acredito que estas giras vão crescer muito por estas terras, o contato direto com os espíritos e suas orientações ajudando em muito as pessoas.

—Não temos dúvidas disso, este movimento vem crescendo muito, a FEB é destinada a um outro patamar voltado para o crescimento intelectual e pessoal dos espíritos encarnados, fazendo com que as pessoas tenham uma fé raciocinada.

—Sou grato pelas suas informações, eu vim aqui e conheci, mas sou afinada mais com as giras, sentir a presença dos espíritos, receber suas rezas, benzimentos e orientações para mim é muito importante.

—Concordo com a senhora cada um de nós tem seu tempo e sua forma de sentir as energias espirituais, o importante é sempre estarmos afinados com os ensinamentos de Jesus e a prática do amor e da caridade.

—Grato pelas suas orientações! Despediu-se Madalena.

—Capitão Antônio amanhã vou te levar para conhecer o terreiro de giras do Pai Severino.

—Vou com todo o prazer, sempre tive ressalvas sobre estes trabalhos por falta de conhecimento, mas se a senhora é simpatizante, com certeza, será muito bom.

No dia seguinte foram até o terreiro, o capitão tudo observava com muita ressalva, tudo era muito estranho, os batuques as danças a forma que os espíritos se aproximavam das pessoas que trabalhavam lá, tudo era uma surpresa.

Pai Severino, chamou o capitão e falou:

—Filho agora acabou agonia o filho encontrou tudo que sempre pedia em suas orações, ter uma vida de trabalho digno e sem magoar outras pessoas, o filho vai poder procurar sua amada e oferecer uma vida digna para ela, não é verdade filho?

O capitão sem entender nada sobre as orientações que estava recebendo. Como aquele homem sabia das coisas que falou, ele nunca falou nada sobre sua vida, nem mesmo com Madalena,

como poderia saber que em Portugal tinha uma amada que falava que somente casaria com ele quando ele não mais fizesse tráfico de escravos? Pensou ele.

Pai Severino falou:

—Filho para os espíritos nada fica escondido, eles escutam tudo que querem, estão próximos de nós para nos influenciar no bem ou no mal, dependendo de como estão nossas vibrações e nos influem muito mais do que pensamos.

—Fique em paz meu filho, tudo agora ficará bem vocês vão ter muito êxito nos seus empreendimentos!

—Grato por tudo meu irmão! Disse o capitão foi se ajuntar a Madalena.

Madalena percebeu que o semblante do capitão era uma alegria só, deu um sorriso e foi consultar o Pai Severino.

—Boas noites Pais Severino.

—Boas noites sinhá, a sinhá já está de partida para as terras do além-mar para reencontrar sua vida.

—Estou sim Pai Severino não vejo a hora de chegar em Portugal e procurar minha família.

—Filha fica calma o reencontro com os seus está mais próximo do que vos pensa.

—Assim espero Pai Severino.

—A sinhá nunca esqueça das promessas que fez em ajudar os negros e esta terra.

—Isso nunca, vou, mas em breve estou de volta, há muitas coisas para fazer aqui.

—Pai Severino ontem eu fui em lugar chamado Espiritismo e os trabalhos com espíritos é bem diferente do que é feito aqui, será que com o tempo a forma de trabalho de vocês ficará igual a deles ou a deles a igual à nossa?

—Filha o importante é o intercâmbio com os espíritos, o Espiritismo veio para trazer normas, estudos e regras propostas pelos espíritos, assom como divulgar para o mundo que existes vidas após esta nossa vida, e elas são de idas e vindas para o crescimento do espírito, com o objetivo de desenvolver o amor e a caridade,

—Cada povo precisa de sua forma de aprendizado e seu jeito para entender e trabalhar com os espíritos, tanto os bons quanto os que ainda estão enraizados no mal.

—Esta é a pátria do evangelho de Jesus, todos que falarem em seu nome terão espaço e pessoas necessitadas em aprendizado.

—Nos que praticamos a união entre o plano terreno e o plano divino, teremos também nosso espaço e muitos núcleos serão abertos nestas terras. Sofreremos preconceito de todos os lados, mesmo assim continuaremos a pregar o amor e caridade. Esse será nosso objetivo, ao seu tempo Espiritismo seguirá seu caminho e nós o nosso, nossos guias e orixás já preparam uma pessoa para mostrar aos que precisam ver nossas crenças e doutrina, tudo ao seu tempo.

—Pai Severino, grato por tudo!

—Vá sinhá segue seu destino na paz de Jesus!

Capitão Antônio, Madalena, Laércio e Janaína partiram felizes com a consulta, o capitão era só perguntas, Madalena rindo falou:

—Capitão teremos muito tempo durante nossa viagem para esclarecer todas suas dúvidas, todos riram e foram para suas casas.

Capítulo 31 - Partida para Portugal

—Sinhá hoje é o grande dia de nossa partida! disse Janaína

—E vamos com o navio com todos os lugares preenchidos, isso nós não esperávamos! Respondeu Madalena.

Todos os passageiros quando compravam passagens demostravam sua alegria em ter um navio com mais conforto, faziam questão de ir visitar o navio,

—Vamos pegar nossos crucifixos e nossas poucas malas e partir para o porto.

Laércio cuidava de tudo com muito amor e carinho desenterrou os crucifixos limpou tudo. Cada um colocou o seu no pescoço e o maior que estava a pedra de diamante foi levado na mão por Laércio.

Laércio e Janaína subiram para o navio para colocar tudo na cabine reservada para eles e Madalena ficou ainda do lado de fora para ver os movimentos e se despedir de Pai Severino que tinha ido até o cais.

Foi Pai Severino que avisou a Madalena que uma carroça vinha em disparada pela rua, Madalena olhou e vui um menino no meio da rua. Ela correu pegou o menino no colo e foi para a calçada.

—Apareceu uma mulher gritando Joaquim como você larga minha mão e correr para a rua.

Joaquim falou mãe:

—Fica tranquila minha avó me salvou.

Madalena sorrindo abraçou Joaquim e disse:

—Bem que eu gostaria de ser sua avó.

Marta olhando para o outro da rua falou:

—Arthur esta mulher salvou nosso filho!

Madalena olhou e viu seu pai e seu filho e desmaiou de emoção.

João que acompanhava o grupo correu abraçou a sinhá e disse:

—Sinhá Madalena o que aconteceu?

Marta perguntou:

—Você conhece ela?

—Sim é sinhá Madalena.

Arthur e Manoel se aproximaram abraçaram Madalena e foi um choro só.

Joaquim olhou para sua mãe e falou:

—Mamãe eu falei que era minha avó! Rindo abraçou Madalena.

Restabelecidos da emoção, ouviram o apito do navio, Madalena falou preciso avisar o capitão que não vou partir agora que encontrei minha família.

—Mamãe nós também vamos para Portugal e na viagem poderemos conversar sobre tudo o que aconteceu.

Arthur falou para seu avô e para o senhor Aguilera:

—Viu como eu sempre tive razão, que minha mãe não estava morta, infelizmente meu pai já morreu e precisa muito de nossas orações.

Madalena tomou um susto, como Arthur sabia da morte de seu pai e perguntou para ele.

Ele respondeu:

—Eu tive um sonho que ele morria em seus braços.

Madalena ficou abismada, com a certeza que Arthur também tinha uma grande ligação com os espíritos.

Depois de Madalena saber de João que seus amigos foram parar nas terras do senhor Aguilera, pediu que ele ajudasse eles em tudo que fosse possível. Explicou-lhe que eles foram as pessoas que a salvaram e deram a ela uma nova vida.

Aguilera falou:

—Madalena fica tranquila eles já eram nossos grandes amigos e agora então seremos muito mais. Eles vão também cuidar das terras de Arthur e do senhor Manoel.

João disse:

—Sinhá como Mãe Marli sempre falou que encontraríamos nosso destino e temos certeza que encontramos o nosso.

Após as despedidas de todos que ficariam em terra, subiram para o navio, desta vez todos juntos felizes pelo reencontro.

Teriam muito tempo para conversar no navio e ela poder contar toda a história que aconteceu com ela e Joaquim, assim como eles poderiam contar a sua história.

Todos partiram com a certeza que ao chegar em Portugal procurariam o senhor Francisco para pedir desculpa por tudo que tinham feito ele sofrer.

Capítulo 32 - Chegada em Portugal

Chegando em Portugal, após se estabelecerem precisavam procurar o dono do navio para negociar o fim a dívida e comprar o vapor que estava em reforma.

Antônio alertou Madalena dizendo:

—Madalena é melhor eu apresentar o senhor Manoel como meu sócio para comprar o navio, assim o valor não ficara alto, se for você, com certeza, vai achar que é alguma viúva rica e os preços vão lá para cima.

Madalena falou:

—Faremos isso mesmo meu pai será o intermediário e Arthur como bom negociador ira junto! Todos riram.

Madalena de posse da carta de referência do senhor Henrique para vender as pedras foi procurar o administrador para avaliar suas pedras de ouro e diamantes. Como o administrador era amido de Henrique e a carta tinha grandes recomendações o administrador ofereceu valores maiores dos quais atualmente praticava.

Madalena conseguiu uma boa fortuna com a vendas de parte das pedras e ainda tinha a pedra maior de diamante que ela não ofereceu na negociação.

Dias depois voltaram o Capitão Antônio, senhor Manoel e Arthur todos felizes, Antônio falou:

—Madalena, este seu filho é um grande negociador, conseguiu um preço bem baixo para quitarmos minha dívida, amanhã mesmo já estaremos indo no cartório oficializar a venda.

Passamos no cais para ver a reforma do vapor e soubemos que o dono, senhor Félix ,devido suas dividas por causa de jogos parou a reforma, fomos procurá-lo e Arthur novamente se fez de interessado. Como ele começou a pedir um valor alto, Arthur falou que no valor que ele estava pedindo nem o vapor todo reformado valeria e que ele estaria indo até as américas comprar um por lá.

senhor Félix de imediato disse que poderiam fazer negócio e que tudo era uma questão de oferta.

Arthur perguntou qual o mínimo que ele queria, depois que ele falou, Arthur disse:

—Vamos analisar e que no dia seguinte daremos uma resposta.

Conversamos sobre os valores e realmente com as reformas que ainda seria necessárias estava um pouco acima. Fizemos um levantamento do custo para finalizar a reforma.

Voltamos no dia seguinte sem mostrar interesse com os valores para finalizar a reforma e informamos que não tínhamos interesse no vapor a reforma ainda demandaria muito dinheiro e tempo.

O senhor Félix disse:

—Pois então faça uma contraoferta.

Arthur apresentou uma oferta justa que foi aceita por Félix, entre eles era uma alegria só.

Madalena abraçou Antônio e Laércio e falou meus sócios agora será só trabalho.

No dia seguinte estavam todos no cartório para finalizar a compra e tomar posse dos documentos.

Antônio e Laércio ficariam encarregados de acompanhar a reforma do vapor.

Antônio apresentou seu primo que a partir dali seria novo capitão do navio e já instalada a agência de venda de passagens, em breve as viagens entre Portugal e Brasil começariam.

Madalena, Manoel e família partiram para as terras de Francisco.

As lembranças que Madalena tinha das terras era uma terra infértil, sem produção. Madalena pensava que o castelo de Francisco estaria em ruínas e ele já poderia a te ter morrido, mas suposições não adiantavam, pois tinham que ir até lá, e se encontrassem somente um túmulo, mesmo assim pediriam perdão.

Após alguns dias de viagem começaram a chegar próximo a vila do castelo de Francisco, a paisagem era estupenda, linda pastagem, muitas flores pelo caminho, muitas plantações de vários tipos de frutas, videiras e oliveiras enormes, tudo produzindo muitos frutos.

A diferença era muito grande, muitos pássaros percorrendo as plantações com pequenos animais correndo livre pelo lugar.

Em outra parte havia cavalos, ovelhas, vacas leiteiras e bois, tudo dava gosto de se ver.

Madalena em cada momento sua apreensão era grande.

—Como seria que Francisco estava será que aceitaria seus pedidos de perdão?

Arthur sempre falava:

—Mamãe fica tranquila tudo ficará bem, o senhor Francisco já nos perdoou há muito tempo! Mesmo assim ela estava nervosa.

Ao chegarem na vila viram que ela estava muito bem cuidada, casas reformadas e com pinturas novas, as pessoas com semblantes alegres, seu Manuel foi reconhecido por muitos e todos vieram felizes cumprimentar, muitas eram as perguntas, foi um fervor só.

Um dos moradores falou:

—O senhor Francisco ficará feliz em ver vocês aqui, será com certeza uma grande festa!

O coração de Madalena disparou de alegria, então Francisco vivia, ela perguntou sobre ele a resposta foi rápida:

—Ele está ótimo com muita saúde e grande vigor, vem todos os dias aqui na vila cumprimenta um por um. Escuta nossos problemas e procurar ajudar em tudo que for preciso.

O senhor Manoel olhou para Madalena e disse:

—É todos nós nestes anos mudamos muito!

A pessoa completou:

—Ele faz divisão das mercadorias que são produzidas de forma que ninguém passe necessidade e as que são vendidas ele divide em partes iguais. Assim todos nos nestes anos todos estamos tendo nossas economias.

Todos da vila concordavam com as palavras ditas com uma alegria só.

O grupo partiu para o castelo seguido pelos moradores. Todos queriam ver a reação do senhor Francisco ao ver o senhor Manoel e principalmente Madalena.

Próximo ao castelo o que se ouvia era uma grande algazarra de alegria, muitos comentando sobre tudo aquilo.

Francisco ouvindo aquela algazarra veio até a porta para ver o que estava acontecendo. Viu aquela caravana se aproximando, seu coração disparou, reconheceu ao longo da caravana sua amada Madalena. Então, quando a carroça parou, ele foi até a carroça e falou:

—Meu amor você voltou! Ela correu para abraçar Madalena.

Madalena neste momento sentiu uma emoção muito forte, uma mistura de choro e de alegria envolveu aqueles dois, quem tinha uma sensibilidade melhor pode ver a luz que expandia dos dois.

O coração dos dois batia muito forte uma emoção nunca experimentada por eles surgiu.

Era o reencontro de dois espíritos que precisavam se reencontrar para uma reconciliação de muitas vidas passadas, o amor superava a dor e o sofrimento e ódio deixaria de existir, a conclusão dos dois era que SOMENTE O AMOR SUPERA O ÓDIO.

Madalena pediu perdão para Francisco por todo o sofrimento que ela tinha feito ele passar.

Francisco interrompeu dizendo:

—eu já estava desanimado e queria até dar fim em minha vida. Quando eu recebi do recado de Arthur que você não havia morrido e que era para eu me preparar para o seu retorno quando nós nos reconciliaríamos.

—Para confirmar as palavras de Arthur em um sonho ele vi um grupo de negros que cantavam e dançavam. Vi uma negra velha de nome Mãe Maria que me disse que eu tinha que mudar, te perdoar e me preparar para o seu retorno. Também disse que eu deveria também perdoar Joaquim por tudo que ele me fez nesta e em outras vidas.

Todos ficaram estarrecidos com a narrativa.

Francisco falou:

—Hoje será uma grande festa e todos estão convidados!

Todos foram hospedados em seus quartos para poderem descansar da viagem e Francisco foi preparar a festa.

Todos da vila vieram para a festa era tudo uma grande festa, a alegria era geral.

Com o passar dos dias Madalena e Francisco eram vistos passeando pelos campos do castelo e se via era uma alegria só. Madalena aos poucos foi contando toda sua história e sua trajetória até seu retorno, seus planos para o navio a vapor e tudo mais.

A festa de Santa Quitéria que era a padroeira do castelo de Francisco estava chegando, Francisco organizou um jantar com

alguns dos moradores para organizarem a festa, Francisco dizia este ano a festa será inesquecível para todos e no meio jantar pediu a palavra, se aproximou de Madalena e falou:

—Quero pedir permissão ao senhor Manoel e a Arthur e pedir se Madalena quer se casar comigo no dia da festa da padroeira?

Madalena em um choro de alegria, disse:

—Eu aceito desde que você concorde em compartilhar comigo esta minha nova empreitada transportando pessoas para as terras do além-mar no meu vapor.

Francisco respondeu de imediato:

—Quero sim, estou com muita vontade de conhecer estas terras que só nos trouxeram alegrias, aqui no castelo não terei preocupação as coisas continuaram sempre bem, e sempre estaremos por aqui.

Madalena falou:

—Isso é verdade estaremos um pouco cá e um pouco lá.

No dia de Santa Quitéria o que se viu foi uma festa maravilhosa e união de dois espíritos separados pelo tempo por causa do ódio e da obsessão e agora estavam unidos pelo amor, superando todas as dores. Esse é o início de uma nova história.

FIM

espiritismoativo.weebly.com